

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**ESTUDOS DE GÊNERO NO BRASIL:  
PRODUÇÃO, COLABORAÇÃO E CITAÇÕES NO PERIÓDICO CADERNOS PAGU**

Thaís Dias Medeiros

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**ESTUDOS DE GÊNERO NO BRASIL:  
PRODUÇÃO, COLABORAÇÃO E CITAÇÕES NO PERIÓDICO CADERNOS PAGU**

Thaís Dias Medeiros

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz.

Porto Alegre

2021

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patricia Helena Lucas Pranke

## **FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Regina Schmitz

## **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Coordenadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Reinhardt Piedras

Coordenadora substituta: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Samile Andrea de Souza Vanz

M186e Medeiros, Thaís Dias

Estudos de gênero no Brasil: produção, colaboração e citações no periódico Cadernos Pagu / Thaís Dias Medeiros. – Porto Alegre, 2021.

149 f. : il. color ; 24 cm.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Porto Alegre, 2021.

Orientadora: Dra. Samile Andrea de Souza Vanz

1. Produção Científica. 2. Bibliometria. 3. Periódico científico. 4. Estudos de gênero. 5. Cadernos Pagu. I. Título

Catálogo na Publicação: Thaís Dias Medeiros – CRB 10/2596

### **Programa de Pós-Graduação em Comunicação**

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Prédio 22201

Bairro: Santana - Porto Alegre, RS

CEP: 90.035-007

Campus Saúde

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Telefone: (51) 3308-5116

E-mail: ppgcom@ufrgs.br

Thaís Dias Medeiros

**ESTUDOS DE GÊNERO NO BRASIL:  
PRODUÇÃO, COLABORAÇÃO E CITAÇÕES NO PERIÓDICO CADERNOS PAGU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Samile Andrea de Souza Vanz

Banca Examinadora:

---

**Profa. Dra. Dagmar Elisabeth Estermann Meyer**  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

**Profa. Dra. Sônia Elisa Caregnato**  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

**Dra. Natascha Helena Franz Hoppen**  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

**Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura** (suplente)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Escrever já é um desvio favorável do esconderijo. No fundo, eu penso na defesa dos detalhes, porque eu sei que os detalhes justificarão em parte minha maneira de ser. Ou não.*

Patrícia Galvão, Pagu

*Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura de próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser.*

Conceição Evaristo

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES pelo incentivo que possibilitou essa pesquisa, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao PPGCOM-UFRGS, aos docentes, técnicos, aos terceirizados e aos discentes – especialmente os que se aventuram na Comissão Discente – pela luta e esforços constantes, de forma presencial ou remota, por melhores condições e para o constante desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia do país.

Agradeço à Samile, minha orientadora, por me acompanhar em mais essa caminhada, pela paciência, conselhos e ensinamentos.

À Dagmar, por ter aceitado fazer parte da banca e por todas as contribuições ao trabalho, especialmente na área de estudos de gênero.

À Sônia, que me acompanha desde o segundo semestre da graduação, pelo incentivo e pelas valiosas contribuições em minha jornada como pesquisadora e a esta pesquisa.

À Natascha, que fez contribuições importantes como coorientadora do meu TCC, contribuições essas que foram essenciais para a minha caminhada durante a dissertação, e por aceitar fazer parte da banca, com indicações essenciais à pesquisa.

À Ana, por aceitar fazer parte da banca e por estar sempre pronta para uma contribuição ou conselho.

Aos amigos, presentes através de conselhos, conversas, dicas e principalmente através de risadas. Agradeço em especial à Tati por ser a minha pessoa.

À minha família, principalmente minha mãe, meu pai e minha irmã, pelo incentivo e apoio essenciais.

Ao Leo, para quem não tenho palavras suficientes para agradecer pelo tanto que recebi e recebo todos os dias. Te amo.

Ao Francisco, meu sobrinho, um cientista nato, por me lembrar todos os dias de manter viva a paixão por descobertas, aprendizados e aventuras.

## RESUMO

Esta pesquisa caracteriza os artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019 com base nos indicadores bibliométricos de produção, colaboração e citação. O *corpus* da pesquisa é composto por 732 artigos e 18.687 citações publicados em 57 fascículos do periódico. Os dados foram coletados de forma manual, organizados e analisados com o auxílio dos *softwares* Excel e Ucinet. Os resultados indicam que a adoção de políticas editoriais juntamente aos financiamentos recebidos auxiliaram para o aumento e a padronização dos artigos publicados ao longo dos anos. Os esforços do *Cadernos Pagu* pela internacionalização com a publicação de artigos em inglês e espanhol resultaram em aumento de documentos bilíngues ao longo dos anos. Foram utilizados 1.574 termos diferentes como palavras-chave dos artigos. As palavras-chave mais utilizadas em cada década de publicação estão em sintonia com o desenvolvimento do feminismo e estudos de gênero do momento. Identificaram-se 704 autores. A produtividade está de acordo com a Lei de Lotka. Os autores mais produtivos são de universidades públicas nacionais dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e do Distrito Federal, além de um autor internacional da Argentina. Foram indicadas 202 instituições de filiação. As instituições nacionais são majoritariamente universidades públicas federais. O Sudeste é a região do Brasil com maior número de publicações (53,2%). Assim, identificou-se desigualdade das publicações em relação às regiões do país, resultados que estão em concordância com o desenvolvimento da ciência no Brasil de forma geral. Entre os artigos de instituições internacionais, foram identificados originais e traduções. Infere-se interesse da comunidade internacional em publicar no *Cadernos Pagu*. Os países mais produtivos são Argentina, Estados Unidos, França, Portugal, México e Espanha. Resultados semelhantes foram encontrados em outros estudos na área de estudos de gênero. Identificou-se predominância de autoria única com um pequeno aumento de colaboração ao longo dos anos. A colaboração entre autores se caracteriza por vários grupos pequenos de autores diferentes. Na colaboração entre instituições, destacam-se em frequência de colaboração a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade de São Paulo. A colaboração entre países é baixa, mas está de acordo com resultados encontrados em pesquisas nas áreas de Ciências Sociais e Humanidades nacionais e internacionais. Das 18.687 citações encontradas, 69,39% são de livros e capítulos de livros, e 19,22% de artigos de periódicos. Os resultados estão de acordo com estudos das áreas de Ciências Sociais e Humanidades, que indicam que, apesar de o livro permanecer como veículo principal de divulgação, o uso de artigos vem crescendo ao longo dos anos. Os periódicos mais citados são majoritariamente nacionais publicados por universidades federais públicas e associações científicas e fundações. Entre os periódicos mais citados, predominam os que publicam sobre feminismo e estudos de gênero. Foram citados 8.340 autores no *Cadernos Pagu*. Os autores mais citados entre 1993 e 2002 estão ligados à História, Sociologia e Filosofia, com presença pós-estruturalista e de epistemologia feminista. Entre 2003 e 2012, os pesquisadores mais citados são ligados aos estudos de sexualidade e identidade, com presença pós-estruturalista. Os autores mais citados entre 2013 e 2019 são das áreas de Antropologia, Sociologia e Ciências Políticas, com pesquisas sobre envelhecimento, *queer*, masculinidades, políticas públicas e pesquisas com foco no Brasil e América Latina. Conclui-se que as publicações do *Cadernos Pagu* estão de

acordo com outras pesquisas de estudos de gênero, acompanham o desenvolvimento do feminismo e estudos de gênero no país e seguem as tendências de publicação das Ciências Sociais e Humanas.

**Palavras-chave:** Produção científica. Bibliometria. Periódico científico. Estudos de gênero. Cadernos Pagu.

## ABSTRACT

This research characterizes the papers published in the journal *Cadernos Pagu* between 1993 and 2019 based on bibliometric indicators of production, collaboration, and citation. The *corpus* comprises 732 papers and 18,687 citations published in 57 issues of the journal. The data were collected manually, organized, and analyzed with the help of the software Excel and Ucinet. Results indicate that the adoption of editorial policies together with the funding received helped increase and standardize the papers published throughout the years. The efforts made by *Cadernos Pagu* toward its internationalization with the publication of papers in English and Spanish resulted in an increase of bilingual documents over the years. 1,574 different terms were used as keywords in the papers. The most used keywords in each decade of publication are in tune with the development of feminism and of gender studies in that moment. 704 authors were identified. The productivity found is within the expected by Lotka's Law. The most productive authors are from Brazilian public universities from the states of São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul and from the Federal District, in addition to one international author, who is from Argentina. 202 institutions of affiliation were indicated in the papers. The Brazilian institutions found are mostly federal public universities. The Southeast is the Brazilian region with the highest number of publications (53.2%). Thus, an inequality of publications in relation to the country's regions was identified, a result that reflects the development of science in Brazil in general. Among the papers published by international institutions, we identified original and translated works. It is inferred that the international community is interested in publishing in *Cadernos Pagu*. The most productive countries are Argentina, the United States, France, Portugal, Mexico, and Spain. Similar results were found by other studies in the area of gender studies. We identified the predominance of single authorship, with a small increase in collaboration over the years. The collaboration found between authors is characterized by several small groups of different authors. Regarding the collaboration between institutions, Universidade Estadual de Campinas and Universidade de São Paulo stand out in their frequency of collaboration. Collaboration between countries is low, but it is in line with the results found by national and international studies in the areas of Social Sciences and Humanities. 18,687 citations were identified in the papers published in *Cadernos Pagu*. Book and book chapter make up 69.39% of all the documents cited, while journal articles make up 19.22%. Results are in line with studies in the areas of Social Sciences and Humanities, which indicate that, although books remain the main dissemination media, the use of papers has grown over the years. The most cited journals are mostly Brazilian and published by public federal universities and scientific associations and foundations. Among the most cited journals, there is a predominance of those that publish about feminism and gender studies. 8,340 authors were cited in *Cadernos Pagu*. The most cited authors between 1993 and 2002 are connected to the areas of History, Sociology, and Philosophy, with the presence of post-structuralist authors and of ones related to feminist epistemology. Between 2003 and 2012, the most cited researchers are related to studies on sexuality and identity, and post-structuralism is present again. The most cited authors between 2013 and 2019 are from the areas of Anthropology, Sociology, and Political Science, with research on aging, queer, masculinities, public policies, and research focusing on Brazil and Latin America. We conclude that the publications in *Cadernos*

*Pagu* are in line with other studies in the area of gender studies, and that they follow the development of feminism and gender studies in Brazil, following the publication trends in the Social Sciences and Humanities.

**Keywords:** Scientific production. Bibliometrics. Scientific journal. Gender studies. Cadernos Pagu.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capas das primeiras edições do periódico <i>Cadernos Pagu</i> , dos n. 1, de 1993, ao n. 6/7, de 1996.....	53
Figura 2 – Classificação Qualis do periódico <i>Cadernos Pagu</i> (impresso), triênio 2013-2016, em suas áreas de avaliação .....	55
Figura 3 – Classificação Qualis do periódico <i>Cadernos Pagu</i> , triênio 2013-2016, em suas áreas de avaliação.....	56
Figura 4 – Acesso aos artigos do periódico <i>Cadernos Pagu</i> pelo site do Núcleo de Pesquisas Pagu.....	59
Figura 5 – Acesso aos artigos do periódico <i>Cadernos Pagu</i> pelo site do Sistema de Bibliotecas da Unicamp .....	59
Figura 6 – Acesso aos artigos do periódico <i>Cadernos Pagu</i> pelo SciELO .....	60
Figura 7 – Colaboração entre autores nos artigos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019.....	96
Figura 8 – Colaboração entre instituição de filiação indicada pelos autores nos artigos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 .....	99
Figura 9 – Colaboração entre países dos artigos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019.....	102

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de documentos por seção de publicação do periódico <i>Cadernos Pagu</i> , de 1993 a 2019.....	61
Tabela 2 – Quantidade de artigos publicados nas seções “Artigos”, “Debates” e “Dossiês” por período, ano e número do periódico <i>Cadernos Pagu</i> .....	69
Tabela 3 – Estatísticas descritivas dos artigos publicados por fascículo do periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 .....	71
Tabela 4 – Idioma de publicação dos artigos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 por período de tempo .....	72
Tabela 5 – Palavras-chave dos artigos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> por período .....	75
Tabela 6 – Quantidade de autores por número de artigos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 .....	79
Tabela 7 – Autores mais frequentes na produção do periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 .....	80
Tabela 8 – Instituições brasileiras, número de artigos e unidade federativa dos artigos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 .....	83
Tabela 9 – Número de instituições e de artigos por estado e unidade federativa do Brasil com publicação no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019.....	87
Tabela 10 – Instituições internacionais, número de artigos e país dos artigos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019*.....	89
Tabela 11 – Número de artigos por continente e por país publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 .....	91
Tabela 12 – Quantidade de artigos por número de autores no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019.....	93
Tabela 13 – Autores com até três artigos publicados em colaboração no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 .....	95
Tabela 14 – Instituições com até três artigos publicados em colaboração no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 .....	98
Tabela 15 – Artigos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019.....	100
Tabela 16 – Colaboração entre países dos artigos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019.....	101
Tabela 17 – Média, número máximo e mínimo de citações e desvio padrão dos artigos publicados no <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993-2019, por período de análise .....	105
Tabela 18 – Tipologia documental e frequência de citações dos documentos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019.....	107

Tabela 19 – Periódicos mais citados nos documentos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 .....	109
Tabela 20 – Estatísticas descritivas das autorias dos documentos citados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 .....	114
Tabela 21 – Autorias com maior frequência de citações no periódico <i>Cadernos Pagu</i> por período .....	115
Tabela 22 – 119 instituições internacionais, número de artigos e país dos artigos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 .....	147

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dispersão das palavras-chave utilizadas nos artigos do periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019.....	78
Gráfico 2 – Volume de citações aos autores no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 .....	113

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Variáveis dos indicadores gerais e específicos da pesquisa .....	67
Quadro 2 – Frequência de citações dos documentos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> entre 1993 e 2019 por ano de publicação e fascículo .....	104

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	<i>Acre</i>
AIDS	<i>Acquired Immunodeficiency Syndrome</i>
AL	<i>Alagoas</i>
AM	<i>Amazonas</i>
ANPHU	<i>Associação Nacional de História</i>
ANPOCS	<i>Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais</i>
AP	<i>Amapá</i>
ARAL	<i>Association to Repeal Abortion Laws</i>
BA	<i>Bahia</i>
BRAPCI	<i>Base de Dados em Ciência da Informação</i>
C&T	<i>Ciência e Tecnologia</i>
CE	<i>Ceará</i>
CEPAL	<i>Comisión Económica para América Latina y el Caribe</i>
CLAM	<i>Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos</i>
CNPq	<i>Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico</i>
CNRS	<i>Centre National de la Recherche Scientifique</i>
CONICET	<i>Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas</i>
DF	<i>Distrito Federal</i>
ES	<i>Espírito Santo</i>
FAEPEX	<i>Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão</i>
FAPESP	<i>Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo</i>
FBPF	<i>Federação Brasileira pelo Progresso Feminino</i>
FCC	<i>Fundação Carlos Chagas</i>
FINEP	<i>Financiadora de Estudos e Projetos</i>
FIOCRUZ	<i>Fundação Oswaldo Cruz</i>
GEERGE	<i>Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero</i>
GO	<i>Goiás</i>
IBGE	<i>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística</i>
IES	<i>Instituições de Ensino Superior</i>
LC	<i>Linguagem Controlada</i>
LGBT	<i>Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros</i>

MA	<i>Maranhão</i>
MG	<i>Minas Gerais</i>
MS	<i>Mato Grosso do Sul</i>
MT	<i>Mato Grosso</i>
NAWSA	<i>National American Woman's Suffrage Association</i>
NEDIM	<i>Núcleo de Estudos, Documentação e Informação sobre a Mulher</i>
NEGRI	<i>Núcleo de Estudos de gênero, raça e idade</i>
NEIM	<i>Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher</i>
NEIRSG	<i>Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Relações Sociais de Gênero</i>
NEM	<i>Núcleo de Estudos sobre a Mulher</i>
NOW	<i>National Organization for Woman</i>
NuSEX	<i>Núcleo de Estudos em Corpos, Gêneros e Sexualidades</i>
NWSA	<i>Associação Nacional pelo Sufrágio da Mulher</i>
OIT	<i>Organização Internacional do Trabalho</i>
OMS	<i>Organização Mundial da Saúde</i>
ONU	<i>Organização das Nações Unidas</i>
OSI	<i>Open Society Institute</i>
PA	<i>Pará</i>
PB	<i>Paraíba</i>
PDF	<i>Portable Document Format</i>
PE	<i>Pernambuco</i>
PI	<i>Piauí</i>
PR	<i>Paraná</i>
PUC-Campinas	<i>Pontifícia Universidade Católica de Campinas</i>
PUC-Rio	<i>Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro</i>
PUC-SP	<i>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo</i>
RJ	<i>Rio de Janeiro</i>
RN	<i>Rio Grande do Norte</i>
RO	<i>Rondônia</i>
RR	<i>Roraima</i>
RS	<i>Rio Grande do Sul</i>
SBU	<i>Sistema de Bibliotecas da Unicamp</i>
SC	<i>Santa Catarina</i>

SciELO	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
SE	<i>Sergipe</i>
SEER/OJS	<i>Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas/Open Journal Systems</i>
SP	<i>São Paulo</i>
TO	<i>Tocantins</i>
UBA	<i>Universidade de Buenos Aires</i>
UFBA	<i>Universidade Federal da Bahia</i>
UFC	<i>Universidade Federal do Ceará</i>
UFRGS	<i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul</i>
UFRJ	<i>Universidade Federal do Rio de Janeiro</i>
UFSCar	<i>Universidade Federal de São Carlos</i>
Unicamp	<i>Universidade Estadual de Campinas</i>
USP	<i>Universidade de São Paulo</i>
WoS	<i>Web of Science</i>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>20</b>
<b>1.1 JUSTIFICATIVA</b>	<b>22</b>
<b>1.2 OBJETIVOS</b>	<b>25</b>
1.2.1 OBJETIVO GERAL	25
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	25
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>26</b>
<b>2.1 INDICADORES BIBLIOMÉTRICOS</b>	<b>26</b>
<b>2.2 ESTUDOS DE GÊNERO</b>	<b>34</b>
<b>2.3 ESTUDOS DE GÊNERO NO BRASIL</b>	<b>42</b>
<b>2.4 ANÁLISES EM PERIÓDICOS DE ESTUDOS DE GÊNERO E O CADERNOS PAGU</b>	<b>48</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>57</b>
<b>3.1 DEFINIÇÃO DA PESQUISA</b>	<b>57</b>
<b>3.2 CORPUS DA PESQUISA, COLETA E ORGANIZAÇÃO DE DADOS</b>	<b>57</b>
<b>3.3 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>62</b>
<b>3.4 DEFINIÇÃO DOS INDICADORES BIBLIOMÉTRICOS</b>	<b>63</b>
3.4.1 INDICADORES DE PRODUÇÃO	63
3.4.2 INDICADORES DE COLABORAÇÃO	64
3.4.3 INDICADORES DE CITAÇÃO	65
<b>3.5 LIMITAÇÕES DA PESQUISA</b>	<b>67</b>
<b>4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>69</b>
<b>4.1 INDICADORES DE PRODUÇÃO</b>	<b>69</b>
4.1.1 TEMÁTICA DOS DOCUMENTOS PUBLICADOS	73
4.1.2 AUTORIA DOS ARTIGOS PUBLICADOS	78
4.1.3 FILIAÇÃO INTITUCIONAL	83
<b>4.2 INDICADORES DE COLABORAÇÃO</b>	<b>93</b>
4.2.1 COAUTORIA DOS AUTORES	94
4.2.2 COAUTORIA DE INSTITUIÇÕES	97

4.2.3 COAUTORIA DE PAÍSES	100
<b>4.3 INDICADORES DE CITAÇÃO</b>	<b>103</b>
4.3.1 TIPOLOGIA DOCUMENTAL	106
4.3.2 PERIÓDICOS CITADOS	109
4.3.3 AUTORES CITADOS	113
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>128</b>
<b>APÊNDICE A</b>	<b>147</b>

---

## 1 INTRODUÇÃO

A ciência é essencialmente social. O desenvolvimento científico e tecnológico tem impacto na sociedade em diversas áreas, como na Saúde, com a busca por avanços para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Nas Ciências Sociais e Humanas, as pesquisas buscam perceber o avanço histórico de sociedades, acontecimentos, épocas específicas ou grupos sociais a fim de compreender como os comportamentos sociais e culturais impactam o desenvolvimento histórico, cultural e social da humanidade.

Há, ainda, o impacto financeiro da ciência. Sejam realizadas de forma pública ou privada, as pesquisas precisam de insumos para se desenrolar, e os pesquisadores precisam dar um retorno do que foi desenvolvido a partir do investimento recebido. Se o investimento for financiado por órgãos públicos, maior é a importância da transparência do desenvolvimento e resultados dos estudos realizados, e a comunicação científica é a forma que os pesquisadores possuem para transmitir os resultados de seus estudos aos seus pares e à sociedade.

A ciência é, ainda, acumulativa. Os pesquisadores se baseiam em estudos prévios e, ao divulgar os resultados de suas pesquisas, sustentam o fluxo da comunicação científica. Assim, as produções científicas publicadas apresentam vínculos entre os trabalhos em desenvolvimento e os trabalhos anteriores, podendo relacionar-se entre si de forma direta ou indireta, reconhecida e consciente ou não, e em acordo ou desacordo (GRÁCIO, 2020; ROSTAING, 1996). Dessa forma, os estudos de produção científica permitem o mapeamento e a análise do desenvolvimento da ciência (MACIAS-CHAPULA, 1998).

Uma das técnicas para o estudo da ciência através de sua produção científica é a bibliometria, que utiliza ferramentas estatísticas e matemáticas para mensurar e compreender o desenvolvimento de uma área de conhecimento, região geográfica, instituição, autores ou periódicos. A bibliometria, a partir de análises quantitativas da produção, disseminação e uso da produção científica, auxilia na tomada de decisões em política científica (GRÁCIO, 2020) através de indicadores científicos, a partir dos quais é possível analisar diversos aspectos, como, por exemplo, produção, colaboração e citações. Os indicadores de produção possibilitam a análise da produção científica de autores, países ou instituições por meio da quantidade e distribuição de suas publicações (GLÄNZEL, 2003; MARICATO, 2011; SANCHO,

1990). Através dos indicadores de colaboração, é possível determinar a cooperação científica pelo uso da coautoria das publicações (MARICATO, 2011; SANCHO, 1990). E a partir das citações realizadas em um trabalho, é possível mapear uma rede cuja arquitetura representa uma sequência histórica de trabalhos (BARABÁSI, 2009). Assim, com a lista de referências de um documento, se torna possível observar padrões e características da ciência (ROMANCINI, 2010).

Apesar das variações dos hábitos de citações em diferentes áreas do conhecimento (VANZ; CAREGNATO, 2003), o artigo de periódico é uma das principais fontes de divulgação da pesquisa científica (MEADOWS, 1999). Destarte, os periódicos científicos considerados importantes para uma determinada área refletem as atividades de pesquisa daquele campo (ANYI; ZAINAB; ANUR, 2009), e vários estudos bibliométricos já foram realizados em periódicos de diversas áreas do conhecimento, como, por exemplo, Ciência da Informação (ARAÚJO; MELO, 2011; ANDRÉ, 2012; LIBERATORE; HERRERO-SOLANA; GUIMARÃES, 2007), Odontologia (MORAES *et al.*, 2020), Medicina Tropical (GOMES; SANTOS, 2001), Contabilidade (ABDALLA *et al.*, 2014; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2015), Saúde Coletiva (CARVALHO *et al.*, 2007), Administração (DONTHU; KUMAR; PATTNAIK, 2020; FAVARETTO; FRANCISCO, 2017; FRANCISCO, 2011), Educação (SILVA, 2008) e Psiquiatria (LUZ *et al.*, 2007).

Outra área de estudo que teve seus periódicos científicos analisados é a de estudos de gênero (MATOS, 2018; VIEIRA *et al.*, 2016). Com seu desenvolvimento a partir do feminismo, os estudos de gênero abrangem as discussões sobre as relações sociais e culturais que se constroem sobre a pretensa dicotomia sexual (feminino/masculino) e heteronormativa (LOURO, 2016). No Brasil, dois periódicos científicos sobre a temática de estudos de gênero são considerados de renome: *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas*, esta última já havendo sido objeto de estudo bibliométrico (MATOS, 2018). A *Cadernos Pagu* foi criada em 1993 a partir dos esforços do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e é, hoje, um periódico de destaque para a área de estudos de gênero, com estrato Qualis A1.

Dessa forma, tendo em vista os seguintes pressupostos: (1) importância dos estudos de trabalhos científicos através de indicadores de produção, colaboração e citação; (2) destaque dos periódicos científicos de renome para compreender o desenvolvimento de uma área do conhecimento; (3) relevância do periódico

*Cadernos Pagu* para a área dos estudos de gênero no Brasil; tem-se por objetivo, neste trabalho, caracterizar a produção, a colaboração e as citações publicadas no periódico *Cadernos Pagu* no período 1993-2019.

Este trabalho é composto por cinco seções. Na **Introdução** apresenta-se a contextualização, a justificativa do estudo, seguida pelo problema de pesquisa e objetivos que o norteiam. A seção seguinte traz o **Referencial teórico** relativo a indicadores bibliométricos, a estudos de gênero, estudos de gênero no Brasil e a análises em periódicos de estudos de gênero e o *Cadernos Pagu*. A escolha por incluir uma seção sobre estudos de gênero com seu histórico internacional se deve pelo periódico *Cadernos Pagu* ter como distinção sua política de traduções (LOPES; PISCITELLI, 2004), trazendo para a comunidade científica brasileira textos importantes para os estudos de gênero, produzidos por autores internacionais renomados da área. Assim, essa seção faz-se importante para a análise e compreensão dos resultados da pesquisa tanto no que se refere a autores que tiveram seus textos publicados no periódico quanto aos autores citados nesses textos. A seção **Procedimentos metodológicos** indica os aspectos metodológicos que norteiam a presente pesquisa: definição de pesquisa; *corpus*, coleta e organização dos dados; limitação de pesquisa; tratamento e análise de dados e definição dos indicadores bibliométricos. Na quarta seção é apresentada a **Análise e interpretação dos resultados**. E a seção cinco traz as **Considerações finais** da pesquisa.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Os artigos de periódico são o principal veículo de comunicação científica (MEADOWS, 1999) e, assim, podem representar as tendências e características de determinada área do conhecimento. A produção científica publicada em periódicos tem por característica o fato de representar a comunidade produtora, por ter filtro de qualidade, ao passar pelo processo de avaliação por pares, e, ainda, "[...] por ser fragmentária, uma vez que se constrói por etapas a partir de trabalhos anteriores, e derivativa, na medida em que se constitui em fundamentos para trabalhos posteriores." (FORESTI, 1990, p. 53-54).

Dessa forma, os estudos bibliométricos em periódico científico específico podem indicar aspectos de sua produção, apresentando uma imagem multifacetada

detalhada do conhecimento publicado nele. E a análise de uma revista<sup>1</sup> considerada importante para uma área de conhecimento reflete as atividades de pesquisa naquele campo (ANYI; ZAINAB; ANUAR, 2009).

A área de estudos de gênero é interdisciplinar e abrange diversas temáticas, como, por exemplo, violência de gênero, feminilidades e masculinidades, maternidade e paternidade, e é associada, ainda, aos estudos da sexualidade e aos estudos *queer* (NARVAZ, 2009). Está ligada, portanto, a diversos campos disciplinares e, apesar de ter presença predominante nas Ciências Sociais, pode ser encontrada também na Biologia, Medicina, Engenharia, entre outros. Assim, é difícil verificar o seu grau de institucionalização no país, bem como o seu impacto, visto que sua inserção nas disciplinas ao longo de seu desenvolvimento se fez de forma desigual (HEILBORN; SORJ, 1999). Narvaz (2009) considerava-o, na época de sua pesquisa, um campo de conhecimento recente e ainda marginal na ciência. Logo, apesar dos avanços, faz-se ainda necessário um maior entendimento e sistematização de sua produção científica.

Medeiros (2018), ao analisar a produção científica sobre estudos de gênero armazenada no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), percebeu poucos avanços em relação aos resultados encontrados por Narvaz em 2009. Pela UFRGS ter destaque nas pesquisas em estudos de gênero no Brasil (MATOS, 2018; MEDEIROS, 2018; HOPPEN, 2021), esse resultado pode ser considerado um indicativo da área em âmbito nacional. No estudo sobre a produção armazenada no Lume, se identificou alguns periódicos de destaque na área no país, entre eles *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas*.

Ambos os periódicos são pioneiros e têm, ainda, grande destaque por divulgarem autores nacionais da área, assim como autores internacionais de renome através da tradução de seus trabalhos, o que foi essencial para a abertura do cânone para novas perspectivas (ADELMAN, 2003; BELELI, 2013). Costa (2008) salienta a importância de se estudar esses periódicos para o avanço do entendimento dos estudos de gênero. Assim, tendo em vista que a *Revista Estudos Feministas* foi objeto de um estudo bibliométrico (MATOS, 2018), e considerando a

---

<sup>1</sup> Segundo a definição de Ferreira (2010, p. 8) "Periódicos ou revistas científicas são publicações seriadas, independente do suporte, nas quais vários autores, sob coordenação de um ou mais editores, publicam o resultados de suas pesquisas."

grande relevância de ambas para a área, entende-se como importante a realização de um estudo também com o periódico *Cadernos Pagu*.

O periódico *Cadernos Pagu* surge em 1993, época na qual os estudos de gênero já ganhavam espaço no meio acadêmico, que já contava com grupos de pesquisa – NEDIM, NEM, NEIRSG, NEIM, GEERGE<sup>2</sup> – e periódicos científicos dedicadas à área – como a *Revista Estudos Feministas*. Sua criação, entretanto, veio com o objetivo de ampliar e de estimular a produção científica da área, e o periódico passou a ser referência nos estudos de gênero ainda na década de 1990 (GALLI, 2013; NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO PAGU, c2013). O *Cadernos Pagu* é considerado um patrimônio da comunidade científica que trabalha com a temática no país (FACCHINI, 2017a). Com o passar dos anos, a revista passou a ser considerada, junto com a *Revista Estudos Feministas*, uma das publicações mais importantes do campo no país (GALLI, 2013; HOPPEN, 2021), firmando-se, ainda, como referência entre os periódicos da área de Ciências Humanas (COSTA, 2008).

O caráter interdisciplinar do periódico e seu comprometimento em buscar da ampliação de áreas disciplinares e temáticas relacionadas aos estudos de gênero em suas publicações ao longo dos anos são uma das justificativas para a sua escolha como objeto de pesquisa (NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO PAGU, c2013; SOBERÓN, 2016), uma vez que essa diversificação em seus artigos permite que se tenha uma visão geral dos estudos de gênero no Brasil, possibilitando enxergar, justamente, as áreas disciplinares e temáticas do campo.

Vários autores realizaram pesquisas sobre o periódico – o que atesta sua relevância e importância para a área de estudos de gênero no país. Entretanto, essas pesquisas levaram em conta apenas uma temática, Gênero e Ciência, LGBT ou Raça, por exemplo, e como ela é representada na revista (COSTA, 2015; GALLI, 2013; GEFUSO; FAUSTINO; SCAVONE, 2016; PRETO; LAGO, 2013; SILVA *et al.*, 2016; SOBERÓN, 2016). Piscitelli, Beleli e Lopes (2003), por sua vez, fazem um estudo sobre os artigos publicados na revista; este estudo, porém, não leva em conta as referências utilizadas nesses artigos e se delimita aos primeiros 10 anos do

---

<sup>2</sup> NEDIM – Núcleo de Estudos, Documentação e Informação sobre a Mulher, de 1981, da Universidade Federal do Ceará (UFC); NEM – Núcleo de Estudos sobre a Mulher, também de 1981, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO); NEIRSG – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Relações Sociais de Gênero, de 1983, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, de 1983, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (COSTA; BARROSO; SARTY, 2019); GEERGE – Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero, de 1990, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

periódico, entre os anos de 1993 e 2003. Assim, o presente estudo busca uma atualização e uma expansão do trabalho das autoras, abrangendo uma maior delimitação temporal – do ano de 1993 até 2019 – e uma maior quantidade de indicadores de produção, de colaboração e de citações. Destarte, com base nesta justificativa, tem-se o seguinte problema de pesquisa:

**Quais são as características dos artigos, da colaboração e das citações realizadas no periódico *Cadernos Pagu* no período 1993-2019?**

## 1.2 OBJETIVOS

Serão descritos a seguir o objetivo geral e os específicos que norteiam este trabalho.

### 1.2.1 Objetivo geral

Caracterizar os artigos, a colaboração científica e as citações no periódico *Cadernos Pagu* no período de 1993-2019.

### 1.2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos que direcionam a presente pesquisa são:

- a) caracterizar os artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* em relação aos autores, às instituições de filiação, ao idioma e às temáticas;
- b) analisar a coautoria nacional e internacional dos artigos;
- c) descrever as citações nos artigos publicados em relação a autores e tipologia documental citados;
- d) identificar os autores mais citados e, a partir deles, analisar áreas disciplinares, vinculações acadêmicas e nacionalidade/regionalidade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção são apresentados os fundamentos teóricos que dão base às escolhas metodológicas e suporte às análises bibliométricas. As temáticas abordadas são: indicadores bibliométricos; estudos de gênero; estudos de gênero no Brasil e análises em periódicos de estudos de gênero e o *Cadernos Pagu*. A escolha por apresentar um referencial sobre estudos de gênero e, separadamente, sobre estudos de gênero no Brasil, bem como o delineamento de ambos, deu-se por motivo de a área de estudos de gênero ser ampla, interdisciplinar e envolver várias temáticas e vertentes. Dessa forma, não seria possível realizar um levantamento teórico sobre toda a área em uma dissertação de mestrado. Com isso em mente, utilizou-se um levantamento prévio dos dados dos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* para identificar os principais assuntos publicados na revista e guiar o recorte histórico e temático levantado no referencial teórico.

### 2.1 INDICADORES BIBLIOMÉTRICOS

O desenvolvimento científico e tecnológico, que evolui através da pesquisa científica, tem impacto financeiro e social. É a partir do período pós-Segunda Guerra, em meados dos anos 1960, e do respectivo desenvolvimento e aumento quantitativo da ciência que se passa a buscar meios de medir, controlar e direcionar esse desenvolvimento de Ciência e Tecnologia (MUGNAINI, 2006). No Brasil, foi nos anos 1970 que, através da criação dos cursos de pós-graduação, se deu o aumento das pesquisas científicas e, conseqüentemente, dos estudos sobre a ciência (NORONHA; MARICATO, 2008). No país, o desenvolvimento científico e tecnológico é realizado majoritariamente nas instituições de ensino superior, em especial nos cursos de pós-graduação (MUELLER, 2008).

Os indicadores de ciência e tecnologia auxiliam na mensuração e na avaliação da ciência e são de interesse de especialistas, gestores de política científica – pública e privada –, nações e autoridades governamentais. Esses indicadores são utilizados para o entendimento da Ciência e Tecnologia e para a tomada de decisões no setor, como áreas prioritárias para alocação de investimento e planejamento de políticas e diretrizes de desenvolvimento científico e tecnológico (SANTOS, 2003). Permitem, também, a transparência, ao mostrar os avanços

científicos e tecnológicos decorrentes de pesquisas financiadas por agências de fomento governamentais (MUELLER, 2008), indicando como o dinheiro público está sendo utilizado e os resultados produzidos.

Assim, a ciência pode ser vista como um sistema de produção de informações, com insumos ou indicadores de entrada (*input*) e resultados/produto ou indicadores de processo (*output*), cujas medições são a base dos indicadores científicos. Dessa forma, os indicadores de *input* são os insumos necessários para as pesquisas, como, por exemplo, recursos humanos (quantificação de pesquisadores), infraestrutura (como recursos tecnológicos e fontes de pesquisa), financiamento e política científica. Já os indicadores de *output* são aqueles que medem o modo como a pesquisa é conduzida (coautorias e parcerias científicas, mobilidade científica e eficiência do processo) e os produtos das pesquisas, entre eles a disseminação, divulgação, visibilidade e acessibilidade da informação (GRÁCIO, 2020; NORONHA; MARICATO, 2008; SPINAK, 1998).

Para Spinak (1998), a atividade científica não pode ser medida de forma absoluta, visto que está inserida em um contexto social, econômico e histórico. Sancho (1990) argumenta que o crescimento científico pode ser considerado a partir de dois aspectos: o aumento de cientistas e o aumento do conhecimento científico e, conseqüentemente, o desenvolvimento da documentação científica.

A comunicação do conhecimento científico, fruto das pesquisas científicas, se dá através das publicações. O artigo de periódico é considerado o canal preferencial dessa comunicação, principalmente aqueles publicados em periódicos de alto impacto. Porém, as diferentes áreas da ciência têm particularidades em suas formas de realizar pesquisa e de comunicar esses resultados (MEADOWS, 1999; MUELLER, 2008). Assim, é através da análise das publicações científicas que, tradicionalmente, se realiza a avaliação da produção científica (MULLER, 2008).

A cientometria e a bibliometria são técnicas de análise da ciência que, através de recursos estatísticos empregados sobre dados quantitativos, buscam identificar e interpretar as informações contidas nas publicações científicas (SANTOS, 2003). Assim, ao analisar os produtos gerados pelos cientistas, ou seja, artigos, livros e patentes, por exemplo, publicados com resultados de pesquisa, é possível investigar características, evoluções e tendências da própria ciência (LETA, 2011). Os dados analisados podem indicar, quando em conjunto com indicadores de contexto, direções para políticas de desenvolvimento (MUELLER, 2008).

As análises realizadas sobre as publicações científicas podem se concentrar na produtividade de uma área, de uma instituição, de um periódico ou de um pesquisador e podem ser realizadas através de bases de dados nacionais e internacionais, repositórios institucionais, periódicos científicos de uma área de conhecimento ou em um periódico científico específico (MUELLER, 2008).

A bibliometria apresenta, historicamente, três leis clássicas. A primeira é a Lei de Lotka, de 1926, que se baseia na produtividade de pesquisadores. Ela indica que poucos pesquisadores realizam pesquisa científica em grande proporção. A segunda é a Lei de Bradford, de 1934, que formula a lei da dispersão de artigos sobre determinado assunto em um conjunto de periódicos. A terceira lei clássica é a Lei de Zipf, de 1949, que analisa a frequência do uso de palavras e que formulou o princípio do menor esforço, indicando que um grupo pequeno de palavras tem uma grande ocorrência (ARAÚJO, 2006).

Mueller (2008) indicou que, muitas vezes, os indicadores disponíveis não são suficientes para o mapeamento da produção científica devido à constante evolução e às novas necessidades que diversas áreas do conhecimento exigem. Assim, os indicadores são constantemente aprimorados para suprir a demanda. Os indicadores devem ser, dessa forma, escolhidos segundo a metodologia e as necessidades a serem supridas pela pesquisa, de acordo com o contexto e o momento (MUELLER, 2008).

Glänzel (2003) indica a distinção entre três níveis de agregação em relação à metodologia em estudos bibliométricos: (1) **nível micro**: publicações de indivíduos e grupos de pesquisa; (2) **nível meso**: publicações de instituições e estudos de periódicos; (3) **nível macro**: publicações de regiões e países. Para Maricato (2011) a análise da produção científica pode ser realizada através de diversos indicadores, documentos e variáveis. Esses indicadores são interdependentes e se influenciam mutuamente. Para o autor, os indicadores servem para "[...] subsidiar análises. Não são o fim, mas o meio para responder e discutir problemas e questões da pesquisa." (MARICATO, 2011, p. 5). Glänzel (2003) afirma que a validade e a reprodutibilidade são elementos essenciais dos indicadores bibliométricos.

Os indicadores de produção ou atividade científica analisam o número e a distribuição de publicações, que podem ser livros, artigos, patentes ou área do conhecimento, de um grupo específico, como, por exemplo, país ou instituição (GLÄNZEL, 2003; MARICATO, 2011; SANCHO, 1990). Os indicadores de produção

ou atividade científica também podem ser aplicados a autores, levando em conta o número de publicações de um pesquisador (SANCHO, 1990); já os indicadores de co-ocorrência temática identificam as relações entre palavras-chave, assuntos e temáticas (MARICATO, 2011).

Indicadores de colaboração, por sua vez, mapeiam a coautoria científica. Esta acontece através da interação entre dois ou mais cientistas. Não há, porém, consenso sobre o que caracteriza essa colaboração, e, assim, a definição pode variar de acordo com a área do conhecimento (VANZ; STUMPF, 2010). Apesar de ter sido utilizada por anos para medir a atividade colaborativa, a coautoria é apenas uma faceta da colaboração científica e não avalia a colaboração de forma total (KATZ; MARTIN, 1995; VANZ; STUMPF, 2010). As questões relacionadas com colaboração científica e coautoria levantam discussões éticas sobre a prática científica e atribuição de autoria, uma vez que nem toda colaboração denota coautoria. A colaboração abrange o compartilhamento de recursos intelectuais, como indicações de leituras, orientações técnicas e esclarecimento de dúvidas. Já a coautoria inclui participação substancial como coparticipação na redação, na coleta, organização e análise dos dados e resultado (HILÁRIO; GRÁCIO; GUIMARÃES, 2018).

Os indicadores de colaboração analisam a coautoria em publicações para determinar o nível de cooperação científica entre grupos específicos. Através dos indicadores de colaboração se pode perceber as redes sociais entre pesquisadores, grupos de pesquisas, instituições e países (MARICATO, 2011; SANCHO, 1990). A colaboração científica pode ser medida pela frequência relativa do volume de trabalhos escritos em coautoria, seja entre autores, grupos, instituições ou países, que é proporcional ao grau de colaboração desses atores (SANCHO, 1990). A área e a natureza da pesquisa podem interferir nos padrões de coautoria, sendo que trabalhos teóricos e pesquisa básica costumam ter menor número de autores enquanto trabalhos experimentais e pesquisa aplicada apresentam mais autores (VANZ; STUMPF, 2010).

Há, ainda, os indicadores que buscam fazer relação entre autoria e publicação com análise sobre o uso de documentos, principalmente através dos estudos de citações (MARICATO, 2011). O estudo de Gross e Gross de 1927 é considerado o primeiro de natureza bibliométrica a contabilizar as citações a outros autores em um documento (GRÁCIO, 2020). Mais recentemente, Araújo (2006)

considera o estudo de citações a área mais importante da bibliometria. A ciência é um processo social, que depende da comunicação e disseminação dos resultados das pesquisas realizadas, da preservação de padrões e métodos científicos e do reconhecimento de pesquisadores, e a citação é um dos meios de atribuição de crédito e reconhecimento no processo científico (CRONIN, 1984; MACIAS-CHAPULA, 1998; ROMANCINI, 2010). A citação é, também, parte da argumentação realizada para reivindicar confiabilidade do documento citante (GLÄNZEL, 2003). Silveira e Bazi (2009) falam sobre as unidades de análise dos estudos de citação: a citação e a referência. Enquanto a primeira traz o registro das ideias de um texto, a segunda traz o registro da fonte do texto. Para os autores, elas são indissociáveis e, juntas, indicam características quantiquantitativas sobre a ciência. Noronha e Ferreira (2000, p. 249) corroboram que a "Referência é o conhecimento que um documento fornece sobre o outro, e a citação é o reconhecimento que um documento recebe do outro."

Os estudos de citação podem ter duas abordagens: a chamada diacrônica ou prospectiva, que leva em conta as citações que uma publicação recebeu após sua publicação, e a denominada sincrônica ou retrospectiva, que estuda as citações do presente para o passado, se baseiam na lista de referências das publicações. É possível, através da análise diacrônica, estudar o impacto de autores ou periódicos e, através da sincrônica, analisar a obsolescência da literatura científica (GLÄNZEL, 2003). A citação estabelece uma relação entre dois documentos, o que é citado e o que cita. O sistema de citações cria, então, uma rede, entre documentos e pesquisadores, que possui uma arquitetura, através da qual é possível identificar padrões e característica de um grupo e mapear o seu desenvolvimento científico. Assim, a partir da citação (nível micro), é possível o estudo do sistema científico do qual a citação faz parte (nível macro) (ROMANCINI, 2010). Ainda, a partir da citação, é possível observar uma estrutura conceitual e os hábitos e motivações dos pesquisadores, sendo, também, um meio para tratar as questões de propriedade, direitos e reconhecimento de prioridade intelectual (CRONIN, 1984).

Os indicadores de impacto utilizam como medida o número de citações que um trabalho específico recebeu como indicativo de visibilidade, uso e difusão desse trabalho (SANCHO, 1990). Podem ser medidos o impacto de autores, documentos ou mesmo periódicos científicos, por exemplo. Segundo Noronha e Ferreira (2000, p. 259), através da análise das citações e referências, é possível "[...] avaliar o

impacto, o crescimento e a obsolescência da literatura, caracterizando as publicações em relação a sua idade, às áreas mais ativas, à autoria dos trabalhos publicados, além de identificar autores e periódicos mais citados.". A citação a um trabalho pode indicar que o autor que citou foi influenciado por esse trabalho, de forma positiva ou negativa, fraca ou forte (CRONIN, 1984). É importante, então, perceber que as citações indicam ligações entre documentos, porém não há uma medida exata dessa ligação (CRONIN, 1984). As razões pelas quais essas relações se estabeleceram, entretanto, podem ser influenciadas por diversos fatores (MACIAS-CHAPULA, 1998).

Cronin (1984), ao apontar a importância de uma teoria sobre o processo de citação, lista as 15 funções da citação segundo indicado por Weinstock<sup>3</sup> em 1971. São elas: (1) prestar homenagem aos pioneiros; (2) dar crédito aos trabalhos relacionados; (3) identificação de metodologia, equipamentos etc.; (4) oferecer leitura básica; (5) retificar seu próprio trabalho; (6) retificar o trabalho de outros; (7) criticar trabalhos pregressos; (8) sustentar declarações; (9) alertar pesquisadores para trabalhos futuros; (10) dar destaque a trabalhos pouco disseminados, indexados de forma inadequada ou não citados; (11) validar dados e classes de constantes físicas e de fatos etc.; (12) identificar publicações originais nas quais uma ideia ou conceito foi discutido; (13) identificar a publicação original que descreva um conceito ou termo epônimo; (14) contestar trabalhos ou ideias de outros; (15) contestar a prioridade das declarações de outros.

Podem ser várias as motivações que levam um pesquisador a citar um determinado documento, de uma determinada maneira e em dado momento. Para Cronin (1984) a compreensão dessas motivações precisa ser pensada além da análise textual dessas citações, mas através da experiência dos próprios autores. A visão sociológica dos estudos de citações entende que uma citação só pode ter seu significado compreendido através do exame das condições sociais que levam àquela citação, a partir do entendimento de sua realidade social (CRONIN, 1984). Já na visão realista da ciência, a motivação para uma citação é pensada a partir de padrões e propósitos institucionalizados (CRONIN, 1984). Não há necessidade de se pensar essas teorias sobre a citação como concorrentes, pois elas podem ser concomitantes. Para Cronin (1984, p. 78, tradução nossa):

---

<sup>3</sup> WEINSTOCK, Melvin. Citation Index. In: KENT, Allen; LANCOUR, Harold (ed.). **Encyclopedia of Library and Informations Science**. New York: M.Dekker, 1971. v. 5.

Talvez seja preciso pensar em citação ao longo de linhas semelhantes: um processo que é residualmente subjetivo, mas que, através da aplicação de um conjunto de técnicas mais ou menos determinadas, tem por objetivo ser um veículo de comunicação universal no processo de troca de informações científicas.

A citação precisa ser compreendida como um processo que acontece em um contexto individual (do pesquisador), social e institucional, e que não pode ser separado do contexto no qual é realizado (CRONIN, 1984). Assim, pode-se dizer que a citação tem que ser vista levando em conta a subjetividade do pesquisador, a instituição ou grupo de pesquisa, ou seja, o meio institucional no qual ele está inserido, a própria área do conhecimento sobre a qual pesquisa, assim como questões sociais e políticas, como financiamentos e políticas de incentivo científico. Sancho (1990), por sua vez, alerta que o fenômeno da citação está sujeito a modismos e tendências da comunidade científica.

Há, ainda, outras críticas quanto aos estudos de citações, como as citações negativas, as autocitações e as citações referentes à metodologia (GARFIELD, 1979). Quanto às citações negativas, Garfield (1979) argumenta que não há um esforço da comunidade científica em citar um trabalho para refutá-lo, uma vez que resultados incorretos atrapalham o desenvolvimento de um assunto. E, se um pesquisador acredita que ele deve ser criticado perante a comunidade, isso pode indicar sua relevância, pois a crítica, assim como a comunicação, faz parte do processo de publicação da ciência.

Em relação à autocitação, Garfield (1979) afirma que pode ser considerada uma prática comum e razoável, que pode indicar a relevância daquele autor ou periódico naquela área de conhecimento. Sua problemática, porém, pode ser entendida pelo viés de os autores citarem seus próprios trabalhos para aumentar seu índice de visibilidade (NORONHA; FERREIRA, 2000). De forma similar, periódicos científicos podem exigir que artigos publicados em números anteriores sejam citados como condição para a submissão de novos artigos, com o objetivo de aumentar seu fator de impacto (GLANZEL, 2003). Ambas as práticas levantam discussões sobre ética na publicação científica.

Já sobre a citação a trabalhos metodológicos, a crítica de muitos pesquisadores é relativa a esses terem menos importância do que os trabalhos teóricos. Para Garfield (1979), os trabalhos metodológicos têm sua importância, uma

vez que métodos e instrumentos podem ter impacto nas pesquisas teóricas e práticas. E, ainda, em algumas áreas do conhecimento, como a química analítica, por exemplo, os trabalhos metodológicos podem ter grande importância. Um trabalho altamente citado, então, é um trabalho que a comunidade científica achou útil (GARFIELD, 1979). Vanz (2004) argumenta que a análise de citação enquanto medida de qualidade leva em conta o que é definido socialmente pela comunidade científica como qualidade.

Há, também, motivos para que documentos não sejam citados, como a irrelevância da temática, o desconhecimento do documento, pelo levantamento ineficiente de informações recuperadas em uma pesquisa bibliográfica e pela obsolescência ou obliteração de documentos, temas e autores (GLANZEL, 2003). Em relação a esta última, Glanzel (2003) fala sobre a obliteração por incorporação, que acontece quando um conhecimento é tão difundido pela comunidade científica que passa a ser citado indiretamente, como conhecimento comum, e sem retribuição de crédito ao autor.

No Brasil, as análises de citações são uma das temáticas dos estudos bibliométricos mais utilizadas ao longo dos anos (VANZ; CAREGNATO, 2003; CAREGNATO; VANZ, 2020). Silveira e Caregnato (2017) definem três momentos dos estudos de citações no Brasil, levando em conta os artigos recuperados na base Brapci de 1972 a 2014: (1) primeiro momento, entre 1973 e 1981, com o início desses estudos e seu declínio; (2) segundo momento, delimitado pelos anos 1982 e 2005, com a retomada e a manutenção desses estudos; (3) período emergente, que começa em 2006 e segue até os dias atuais, com o crescimento da quantidade dessas pesquisas com período de oscilações. Os autores perceberam a predominância do enfoque teórico normativo entre os estudos de citações no país, tendo havido poucos trabalhos com enfoque cognitivo e sociocultural, e esperam um avanço desses estudos de citação no Brasil, com análises que levem em conta as citações e as referências enquanto fenômenos do contexto científico. E esperam, ainda, um maior rigor e aprofundamento em relação às discussões teóricas e, principalmente, nas definições metodológicas (SILVEIRA; CAREGNATO, 2017).

Destarte, os indicadores bibliométricos auxiliam na caracterização da produção científica, podendo ser aplicados em diversas áreas do conhecimento. Através da utilização desses indicadores, é possível identificar os autores mais produtivos de uma área, temáticas mais pesquisadas, bem como auxiliar na tomada

de decisões para o incentivo de temáticas menos abrangidas naquela área. E possibilita-se, também, compreender como a área se comporta em relação à colaboração científica, bem como suas particularidades de pesquisa e de comunicação.

## 2.2 ESTUDOS DE GÊNERO

Os estudos de gênero surgem, historicamente, a partir dos movimentos de mulheres e do movimento feminista. Teles (1993, p. 12) fala sobre a diferença entre o "movimento de mulheres" e o "movimento feminista":

A expressão "movimento de mulheres" significa ações organizadas de grupos que reivindicam direitos ou melhores condições de vida e trabalho. Quanto ao "movimento feminista" refere-se às ações de mulheres dispostas a combater a discriminação e subalternidade das mulheres e que buscam criar meios para que as próprias mulheres sejam protagonistas de sua vida e história.

O desenvolvimento do movimento de mulheres, movimento feminista e estudos de gênero perpassa diferentes fases que, por não serem lineares e isoladas entre si, são comumente denominadas ondas. Costa (2009, p. 4) traz que o termo "onda" possui "[...] significados de tempo curto que, de fato, substantivam manifestações observadas como 'novas' a cada tempo, em eventos sucessivos na história das mulheres e dos feminismos.". Assim, as ondas feministas trazem marcos históricos, novas contribuições políticas e teórico-epistemológicos.

A primeira onda feminista pode ser considerada um reflexo do momento histórico em que se desenvolveu, envolto nas Revoluções Francesa e Americana, e buscou mudanças para as mulheres em relação a direitos sociais e políticos (GREGORI, 2017). Tal onda acontece no período histórico cujas características são o desenvolvimento científico e técnico fundamentados pelo racionalismo, pelo empirismo e pelo utilitarismo. Nesse período, foi redigida a Declaração de Independência dos Estados Unidos, em 1776, e a Declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão, em 1789, na França. Essas declarações partiam da premissa de que todos os homens nascem livres, iguais e com os mesmos direitos. Essa premissa, por sua vez, não se estendia às mulheres (GARCIA, 2015).

Nesse contexto, Marie Olimpe de Gouges publica, em 1791, a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*. Nessa obra, a autora apresenta 17 resoluções que reivindicavam que a mulher nascia livre, assim como o homem, e, portanto, seria igual e teria os mesmos direitos que eles (GARCIA, 2015). A obra se ancorava nos princípios revolucionários franceses que lutavam por liberdade, igualdade e fraternidade. Mary Wollstonecraft, por sua vez, lança, em um primeiro momento, o livro *Reflexões sobre educação de filhas*, em 1786, que abordava a questão da educação permitida às mulheres na época. Mais tarde, no contexto do pensamento iluminista, lança sua obra mais famosa, a *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, em 1793. Garcia (2015) afirma que nesta obra foram lançadas as bases do feminismo moderno e, ainda, que tal obra se destaca pela novidade teórica que estabelece: "[...] pela primeira vez, chama-se de privilégio o poder que os homens sempre exerceram sobre as mulheres de maneira 'natural', ou seja, como se fosse um mandato da natureza." (GARCIA, 2015, p. 47).

Esse movimento foi importante para a luta pelo sufrágio feminino. O sufrágio, segundo Garcia (2015, p. 57)

[...] foi um movimento de agitação internacional, presente em todas as sociedades industriais que tinha dois objetivos centrais: o direito ao voto e os direitos educativos. Levou oitenta anos para conquistar ambos, o que supõe três gerações de militantes.

Com a falta de direitos somada ao processo de industrialização (Revolução Industrial), que levou as mulheres para trabalhos nas fábricas em condições piores do que as dos proletários homens, encontrou-se, no século XIX, terreno para a reivindicação de direitos através do movimento sufragista (GARCIA, 2015).<sup>4</sup>

Foi em 1840, em Londres, durante o congresso antiescravista mundial, que os primeiros movimentos surgiram, quando quatro delegadas mulheres foram impedidas de participar. Uma dessas delegadas era Lucretia Mott, que fundou a primeira sociedade feminina contra a escravidão. Elizabeth Stanton, por sua vez, cuja participação também foi vetada, organizou o encontro do qual surgiu a Declaração de Seneca Falls, em 1848 (ALVES, 2019; GARCIA, 2015). Foi a partir

---

<sup>4</sup> Destaca-se, que, apesar de nesta pesquisa não ter sido possível abranger toda a história de todos os feminismos têm-se a consciência que os fatos históricos elencados por muitas pessoas autoras referem-se aos fatos ocorridos no mundo ocidental, muitas vezes com foco apenas nas pessoas brancas.

dessa reunião que vozes isoladas pelos direitos ao voto feminino se uniram em uma luta conjunta. A declaração demandava direitos civis e jurídicos para as mulheres, questionando restrições políticas e econômicas sofridas por elas.

Nesse período também se passa a questionar a universalidade do movimento feminista através da discussão das diferentes reivindicações a direitos que cabiam a mulheres brancas e não-brancas. Um importante nome do feminismo racial é Sojourner Truth, escrava liberta que, em 1851, faz um discurso na Convenção Nacional dos Direitos das Mulheres, no estado de Ohio, nos Estados Unidos da América, questionando o lugar das mulheres negras na luta feminista branca e universalista na Europa e nos EUA. Para Davis (2016, p. 64), apesar da importância da Declaração de Seneca Falls, esta não levava em conta as necessidades de todas as mulheres, tanto em relação à classe quanto à raça:

A importância inestimável da Declaração de Seneca Falls residia em seu papel como expressão da consciência sobre os direitos das mulheres em meados do século XIX. Tratava-se do resultado teórico de anos de contestações inseguras e muitas vezes silenciosas, voltadas a uma condição política, social, doméstica e religiosa que era contraditória, frustrante e claramente opressiva para as mulheres da burguesia e das classes médias emergentes. Entretanto, enquanto consumação exata da consciência do dilema das mulheres brancas da classe média, a declaração ignorava totalmente a difícil situação das mulheres brancas da classe trabalhadora, bem como a condição das mulheres negras tanto do Sul quanto do Norte.

Com a falta de respostas às reivindicações políticas das mulheres da Declaração de Seneca Falls, o movimento sufragista passou a adotar ações mais radicais. Em 1869 Elizabeth Stanton funda a *National Woman Suffrage Association* (NWSA), que tinha por objetivo lutar por uma emenda pelo sufrágio feminino diretamente junto ao Congresso Nacional (ALVES, 2019). Apesar dos esforços das sufragistas e do trabalho incessante de *lobby*, apenas em setembro de 1920 foi conquistada a aprovação da 19ª Emenda Constitucional, que concedeu o voto a mulheres maiores de 21 anos nos Estados Unidos da América (ALVES, 2019).

Com a conquista das mulheres do direito ao voto, aos poucos as pautas feministas foram se enfraquecendo e o movimento se desorganizando. Os direitos políticos e jurídicos alcançados não alteraram a condição da mulher de forma completa na sociedade. Assim, apesar das conquistas da primeira onda, as mulheres mantinham-se subjugadas aos homens. Foi nesse contexto que o

movimento feminista passou a se reestruturar, a partir das famosas obras de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*, de 1949, e de Betty Friedan, de 1963, *A mística feminina*, que marcam a segunda onda feminista e suas principais lutas.

Na segunda onda feminista, passa-se a questionar a condição da mulher na sociedade e a lutar contra a sua invisibilidade. Questiona-se, assim, sua ligação obrigatória ao lar e aos afazeres domésticos, mesmo quando também trabalhava nos campos e fábricas, da mesma forma que a sua submissão aos homens – ao marido no lar e aos chefes nas fabricas e campos. Para Louro (2016, p. 21-22), os estudos iniciais fazem "[...] descrições das condições de vida e de trabalho das mulheres em diferentes instâncias e espaços. [...] Contam, criticam e, algumas vezes, celebram as 'características' tidas como femininas."

A francesa Simone de Beauvoir é considerada uma das pioneiras do movimento feminista (LOURO, 2016; NOGUEIRA, 2001; RIBEIRO; FRANÇA, 2014) e renova o pensamento feminista com seu livro *O segundo sexo*, considerado o texto mais famoso do movimento feminista (CONNEL; PEARSE, 2015). Tal publicação, lançada em 1949, se utiliza da psicanálise, da literatura e da filosofia ativista para discutir a dominação masculina e as categorias de gênero (CONNEL; PEARSE, 2015). No livro, Simone traz a ideia da mulher como “o outro”, que existe sempre em comparação com o homem, que seria a norma: "A autora utiliza a categoria de outra para descrever qual é a posição da mulher em um mundo masculino em que os homens são os detentores do poder e os criadores da cultura." (GARCIA, 2015, p. 81). Conforme Garcia (2015), mesmo sem utilizar o termo “gênero”, Beauvoir desconstrói a ideia da existência de uma natureza dicotômica feminino-masculina ligada ao sexo biológico ao introduzir o pensamento de que ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher, através da socialização à qual se é submetido.

A estadunidense Betty Friedan destacou-se pelo lançamento do livro *A Mística feminina*, no ano de 1963, e pelo seu ativismo feminista. Ela nomeou como a “mística feminina” o “problema sem nome” que perturbava a ela e, segundo suas pesquisas, outras mulheres estadunidenses:

O problema permaneceu mergulhado, intacto, durante vários anos, na mente da mulher norte-americana. Era uma insatisfação, uma estranha agitação, um anseio [...]. Cada dona de casa lutava sozinha com ele, enquanto arrumava camas, fazia compras, escolhia tecido

para forrar o sofá, comia com os filhos [...] e deitava-se ao lado do marido, à noite, temendo fazer a si mesma a silenciosa pergunta: <<É só isto?>>. (FRIEDAN, 1971, p. 17, grifo nosso).

Friedan, assim, descrevia as frustrações das mulheres estadunidenses de classe média que viviam como mães, esposas e donas de casa, com um padrão de feminilidade a ser seguido. O livro desconstruiu essa visão masculina da mulher perfeita e feliz em um restrito papel de dona de casa, esposa e mãe (REIS, 2008). Dessa forma, com seu livro, Friedan (1971) passa a questionar o papel social atribuído à mulher e sua suposta natureza submissa.

Friedan também foi idealizadora da *National Organization for Women* (NOW), que, criada em 1966, lutava contra o sexismo e pela igualdade laboral, licença-maternidade e políticas de contracepção. Lutou, ainda, pela legalização do aborto, ajudando a fundar a *Association to Repeal Abortion Laws* (ARAL) (COSTA, 2006).

Kate Millet é outra autora que teve papel importante na segunda onda feminista. Com seu livro *Sexual politics* (Política sexual), lançado em 1970, traz para a discussão sobre gênero as questões políticas que se estabelecem entre os sexos. A autora utiliza o conceito de patriarcado para estabelecer essas relações de poder dos homens sobre as mulheres, sendo o patriarcado um modo de poder e de dominação, pois se dá geográfica e historicamente (REIS, 2008).

Ganham espaço os estudos da mulher (*women's studies*) quando as militantes feministas trazem a temática para o espaço universitário. São criados grupos de estudos, revistas, eventos e espaços para integrar as questões sobre mulheres ao conjunto social e para subverter os paradigmas vigentes (LOURO, 2016). Nos Estados Unidos da América, nas universidades, as feministas fazem

[...] crítica à organização científica e profissional dominante, suas divisões disciplinares, seus critérios de autoridade científica, hierarquia e deferência acadêmicas e dos fundamentos científicos sobre os quais repousavam as correntes dominantes da sociologia. (HEILBORN; SORJ, 1999, p. 2).

É na década de 1980, que as feministas anglo-saxãs passam a substituir o termo “mulher” e seu determinismo biológico implícito, pelo termo “gênero” enquanto categoria de análise e distintivo de sexo, para, assim, através da linguagem, acentuar o caráter social que se cria sobre os sexos (LOURO, 2016). Scott (1995, p. 65) afirma que

O termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre homens e mulheres.

Essa substituição terminológica de “mulher” por “gênero” é uma “virada linguística” que ocorre no contexto de uma crítica às estruturas de pensamento da ciência ocidental; a partir dessa crítica, passa-se a problematizar as narrativas até então hegemônicas. Nesse processo se percebe a produção das diferenças e das subjetividades com e a partir desses discursos, com destaque e influência das produções de autores pós-estruturalistas como Michel Foucault e Jacques Derrida (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Michel Foucault foi um teórico francês que, segundo Narvaz (2009), influenciou os estudos feministas e de gênero por suas questões de poder, de resistência e de produção de subjetividades, uma vez que

Os sujeitos são produtos das relações de poder que se exercem sobre seus corpos, seus movimentos, seus pensamentos e seus desejos. Os processos de subjetivação são, portanto, discursivos, históricos e intersubjetivos nos quais operam diversos dispositivos. (NARVAZ, 2009, p. 30).

Nesse sentido, ideias, formas de abordagem e conceitos utilizados pelo autor inspiraram novas interpretações das relações sócio-históricas.

Já Jacques Derrida, também filósofo francês, teve grande influência nos estudos de gênero pelo seu pensamento de desconstrução, a partir do qual questionava a visão rígida e polarizada do pensamento moderno. Para o autor, esse pensamento foi marcado por dicotomias e polarizações que carregam a ideia de superioridade de um polo sobre o outro. Essa visão foi também questionada sobre a diferença sexual e sua pretensa dicotomia masculino/feminino, que é uma das questões das teorias feministas e estudos de gênero, o que mostra a pertinência do pensamento de Derrida para a área (LOURO, 2016; RODRIGUES, 2010). É neste contexto que a terceira onda do feminismo se desenvolve, quando surgem as multiplicidades de discursos acerca de gêneros e sexualidades.

A historiadora norte-americana Joan Scott publica em 1986 o texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, que, segundo Louro (1995), teve tanta

relevância entre os pesquisadores brasileiros quanto na sua comunidade de origem. Scott traz a importância da desconstrução da dicotomia homem/mulher para alterar as relações de poder engendradas na sociedade através da "lógica invariável de dominação/submissão" (LOURO, 2016, p. 35). A autora traz que as categorias "mulher" e "homem" são categorias políticas e econômicas, construídas com base em relações de poder (HOLLANDA, 2019).

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição masculino/feminino e fundamenta ao mesmo tempo seu sentido. Para reivindicar o poder político, a referência tem que parecer segura e fixa [...]. Dessa forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, os dois, parte do sentido do poder, ele mesmo. Colocar em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema por inteiro. (SCOTT, 1995, p. 74).

Na terceira onda, com a crítica ao essencialismo, ganha relevância a diversidade de sujeitos e discursos através dos quais esses sujeitos são construídos. Às pautas das mulheres somam-se as pautas relacionadas aos homens, tendo em vista que, se as construções sociais se dão sobre os sexos, então também se dão sobre os homens. Para Witting (2019, p. 88) "[...] a categoria 'mulher' assim como a categoria 'homem' são categorias políticas e econômicas e não categorias eternas."

Lauretis (1994), por sua vez, traz uma crítica às limitações do conceito de gênero enquanto diferença sexual. A autora argumenta que entender gênero enquanto construção social baseada sobre os sexos faz com que o pensamento feminista fique preso à oposição binária do sexo da qual quer se livrar, sem "sair dos limites da casa patriarcal". Ela utiliza a ideia de Foucault de "tecnologia sexual" para desconstruir a ligação entre gênero e as diferenças sexuais, adaptando o termo para "tecnologias de gênero", através das quais, e junto a discursos institucionais, ocorre a construção do gênero.

Neste momento, destaca-se a obra da filósofa norte-americana Judith Butler, intitulada *Problemas de gênero* e lançada em 1990, um dos textos mais importantes da área na década. Nele, a autora apresenta a ideia de performatividade, que concebe que o gênero é algo praticável, que se performa a partir de repetições de ações, ou seja, que as identidades não são uma expressão da realidade, mas uma

prática construída por meio dessas ações repetidas (CONNEL; PEARSE, 2015). Jesus e Sacramento afirmam que, para Butler, o gênero:

[...] é ahistórico, pois sua construção é dada de maneira contínua, não como um produto finalizado das relações culturais e psíquicas, mas como produto de normas organizativas passadas e futuras. Trata-se de um modo de nos situarmos no mundo e, através dessa inserção, aventa-se um estilo ativo de viver nosso corpo. [...] O gênero não será nem construção dada por meio de substância, nem como conjunto de atributos variantes, como defende Beauvoir e Witting, mas, sim, construído, através da performatividade. (JESUS; SACRAMENTO, 2014, p. 200).

Butler expõe também a discussão sobre a heteronormatividade, uma vez que, se o gênero é construído, e não algo natural, então ele não está preso, fixo, ao sexo. Para Butler, tanto o gênero quanto o sexo não são "substâncias permanentes", não são essencialistas, mas sim construções sociais, e as ligações entre essas categorias são estabelecidas por uma cultura que busca manter a heterossexualidade compulsória, que é "[...] a ordem dominante pela qual os homens e as mulheres se vêem solicitados ou forçados a ser heterossexuais." (SALIH, 2018, p. 71). Essa ideia da fluidez do gênero serviu de ponto de partida para uma nova onda de pensamento lésbico e gay que ficou conhecida como *queer* (CONNEL; PAERSE, 2015).

O *queer* surge a partir dos avanços do movimento homossexual, que se desenvolveu concomitantemente ao movimento feminista e ao movimento negro, os quais, nos anos 1960, eram chamados de *os novos movimentos sociais* (MISKOLCI, 2012). É nos anos 1980, porém, que o *queer* ganha forças quando, nos Estados Unidos da América, tem-se a epidemia da AIDS. Nesse contexto, o movimento de gays e lésbicas passa a ser atacado por vertentes políticas de cunho moralista, o que fez com que parte do movimento homossexual adotasse o termo "*queer*" para denominar uma luta mais ampla.

É a partir da investigação do sujeito enquanto categoria e da desconstrução de sua natureza dicotômica homem/mulher, hétero/homossexual, assim como através da ligação entre as teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas, que o *queer* ergue-se. O *queer* preocupa-se, então, não com a construção do sujeito, como se preocupavam os movimentos feministas e homossexual, mas sim com a desconstrução do sujeito, "[...] afirmando a indeterminação e a instabilidade

de todas as identidades sexuadas e 'generificadas'." (SALIH, 2018, p. 20). O desenvolvimento dos estudos de gênero se desenrola em diversos países de formas variadas. No Brasil, os estudos de gênero avançam de acordo com particularidades do país, conforme se apresenta na próxima seção.

### 2.3 ESTUDOS DE GÊNERO NO BRASIL

O desenvolvimento histórico dos estudos de gênero no Brasil se desdobra de acordo com as características sociais, culturais e políticas do país. Duarte (2019) traz que podem ser identificados quatro momentos de destaque na história do feminismo brasileiro, que seriam delimitados em torno de 1830, 1870, 1920 e 1970.

A primeira onda teria seu início na luta pelo direito das mulheres aos estudos, que até 1827 eram reservados apenas aos homens. Nísia Floresta Brasileira Augusta destaca-se nesse primeiro momento ao publicar, em 1832, o livro *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. Para Duarte (2019, p. 29), a importância de Nísia se deve "[...] principalmente por ter colocado em língua portuguesa o clamor que vinha da Europa e feito a tradução cultural das novas ideias para o contexto nacional, pensando na mulher e na história brasileiras.". Nísia é considerada uma das primeiras feministas brasileiras e defendeu, ainda, a abolição da escravidão e a instauração da República (TELES, 1993).

Por volta de 1870 se dá o que pode ser considerada a segunda onda feminista brasileira, que, para Duarte (2019), se caracteriza pelo grande número de publicações de jornais e revistas feministas. O Brasil foi o país da América Latina com maior engajamento em termos de jornalismo feminista (TELES, 1993). Um dos primeiros jornais voltado para mulheres foi lançado em 1873, denominado *O sexo feminino*, editado por Francisca Senhorinha da Motta Diniz. Além de lutar pelo sufrágio feminino e pela abolição da escravidão, Francisca defendia a liberdade econômica das mulheres como determinante para o fim da sujeição feminina, e que a educação era o caminho para essa liberdade (TELES, 1993).

Nesse período, se manteve a luta pelos direitos das mulheres à educação, em especial no Ensino Superior. Foi apenas em 1881 que a primeira mulher ingressou no Ensino Superior no país. E apenas no ano de 1887 que a primeira mulher concluiu a graduação no Brasil (TELES, 1993). A jornalista Josefina Álvares de Azevedo foi um importante nome na luta pela educação superior feminina no Brasil.

Lançou em 1888 o jornal *A família* e, com seus escritos, incentivou, além da luta pelo direito das mulheres ao ensino superior, o direito ao divórcio, ao trabalho remunerado e ao sufrágio.

Nesse período também foi marcante a luta das operárias por melhores condições de trabalho para mulheres. O jornal *Anima Vita*, editado por Ernestina Lésina em 1910, buscava, por meio de seus textos, a regulamentação do trabalho das mulheres (TELES, 1993).

No terceiro momento histórico do feminismo brasileiro, destaca-se a luta pelo sufrágio feminista. Tal luta para que as mulheres tivessem direito ao voto teve à frente Bertha Lutz. Foi ela quem canalizou os movimentos individuais pelo sufrágio, começado no segundo momento do movimento feminista no Brasil, em uma luta coletiva. Seus trabalhos ligados à conquista dos direitos das mulheres no Brasil se deram após seu retorno da Europa, quando teve contato com o movimento feminista que lá se desenvolvia (SOIHET, 2000); assim, vê-se a influência do movimento feminista do exterior no desenvolvimento do feminismo no Brasil.

Em 1919, Bertha Lutz criou, junto com Maria Lacerda de Moura, a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, também conhecida como Liga pela Emancipação da Mulher (ALVES, 2019), que buscava a igualdade política para as mulheres. Em 1922 participou, em Baltimore, da 1ª Conferência Interamericana de Mulheres, e, segundo Soihet (2000), a partir desse momento, o movimento feminista brasileiro se aproxima do norte-americano através da ligação à *National American Woman Suffrage Association* (NAWSA). A partir desse encontro, foi criada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), em 1922, que substituiu a Liga pela Emancipação da Mulher e, organizada por Bertha Lutz, tinha por objetivo a elevação do nível cultural da mulher para tornar mais eficiente suas relações sociais na vida doméstica, pública, intelectual e política (SOIHET, 2000).

A luta pelo sufrágio feminino no Brasil só acabou em 1932, quando foi estabelecido o voto feminino secreto através do Decreto 21.076/1932 (BRASIL, 1932), que foi incorporado à Constituição brasileira de 1934 (ALVES, 2019). Com a conquista do sufrágio feminino, a luta feminista no Brasil passou a dedicar-se a outras pautas, pois este não mudava significativamente a condição das mulheres e, segundo Soihet (2000), a própria Bertha Lutz afirmava que o voto feminino era um instrumento para a melhoria da vida das mulheres. Em 1937, com o golpe de Estado

de Getúlio Vargas, "[...] a luta da mulher fundiu-se praticamente com a luta do povo, que resistia à ditadura e defendia a democracia." (TELES, 1993, p. 47).

No ano de 1947 foi criada a Federação das Mulheres do Brasil, ligada ao Partido Comunista Brasileiro e que visava debates e ações de mulheres em torno de seus direitos. Nessa época, foram organizados eventos nacionais para o debate de questões referentes às mulheres. Em 1951 aconteceu o I Congresso da Federação das Mulheres do Brasil, e em 1952, a 1ª Assembléia Nacional de Mulheres. No mesmo ano realizou-se a 2ª Assembléia Nacional de Mulheres, e em 1956, na cidade do Rio de Janeiro, a Conferência Nacional de Trabalhadoras. Já em 1963 foi realizado o Encontro Nacional da Mulher Trabalhadora. As pautas desses encontros estavam ligadas aos direitos trabalhistas das mulheres camponesas, luta pela sindicalização das trabalhadoras mulheres e contra a discriminação. Com o Golpe de 1964, o movimento das mulheres perdeu forças (TELES, 1993).

Nos anos 1970 temos o quarto momento, década marcada pelo Ano Internacional da Mulher, em 1975, por iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU). Esse período é marcado também pela luta das mulheres contra as repressões da ditadura militar. Assim, enquanto nos Estados Unidos e na Europa as mulheres se movimentavam por direitos ligados à reprodução e sexualidade, por exemplo, no Brasil, as feministas lutavam pela democracia. Nessa época o movimento se aliou a partidos políticos de esquerda, principalmente ao Partido Comunista, e a outras entidades que lutavam pela redemocratização, como a Igreja Católica (CORRÊA, 2001).

Esse momento político deixou impressões no desenvolvimento do feminismo no país, uma vez que bandeiras feministas causaram atritos com essas instituições com as quais o movimento se aliava. No caso da Igreja Católica, houve a divergência sobre a questão do aborto, e, no caso do Partido Comunista, as divergências ficavam em torno de as pautas feministas serem consideradas secundárias frente à luta considerada mais ampla pelo movimento comunista (CORRÊA, 2001). Assim, como afirmam Heilborn e Sorj (1999, p. 3), "Os problemas sociais em sociedade altamente desigual impuseram ao feminismo brasileiro uma orientação muito mais moderada no que diz respeito ao confronto entre os sexos e mais articulada ao discurso dominante nas esquerdas."

Há divergência entre autores sobre o surgimento dos estudos feministas e de gênero no Brasil terem se dado em um primeiro momento na universidade, com

grupos de estudo, ou se isso ocorreu através do movimento de luta das mulheres (HEILBORN; SORJ, 1999). Pitanguy (2019) argumenta que eles aconteceram simultaneamente como movimento político, através da criação de coletivos políticos ligados a associações profissionais e sindicatos, e através da criação de grupos de reflexão e centros de estudos nas universidades, os quais questionavam as relações de poder e o papel das mulheres na sociedade.

Duarte (2019, p. 44) afirma que foi no final da década de 1970 e decorrer dos anos 1980 que se deu a institucionalização desses estudos nas universidades. Foi nessa época, ainda, que muitas brasileiras exiladas durante a ditadura voltaram ao país. Em seu período de exílio, muitas dessas estudiosas tiveram contato com textos relacionados ao feminismo e aos estudos sobre as mulheres. Esse contato parece ter influenciado o desenvolvimento desses estudos no Brasil (COSTA; BARROSO; SARTI, 2019). Assim, quando o movimento retoma suas forças em 1975, a partir do Ano Internacional da Mulher, muitas das feministas já trabalhavam nas universidades (HEILBORN; SORJ, 1999).

É o caso de Heleieth Saffioti, que, em 1969, defendeu a tese *A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Seu trabalho foi o primeiro grande avanço teórico do novo feminismo e é uma referência no Brasil e internacionalmente, abrindo caminho para o campo dos estudos sobre mulher e relações de gênero nas universidades e marcando época nas Ciências Sociais (CONNEL; PEARSE, 2015; SORJ, 1995). Sua obra traz uma abordagem teórico-marxista para mostrar a divisão sexual do trabalho, da economia, da política e da educação, em que mostra com dados estatísticos a subordinação da mulher. Para a autora, a única forma de conquistar a libertação feminina seria através da luta de classes. Saffioti traz ainda a questão da psicanálise para sua análise, e apesar de não trazer argumentos de dois livros importantes para a temática da mulher na época (*O Segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, e *A Mística feminina*, de Betty Fridan), ela adota a mesma posição das autoras em relação às críticas à psicanálise e à visão essencialista de Freud sobre a passividade das mulheres (CONNEL; PEARSE, 2015; PINTO, 2014).

Outro importante momento para a institucionalização dos estudos sobre mulheres foram os financiamentos da Fundação Ford. Um dos projetos financiados pela Fundação Ford no Brasil foi o jornal *Mulherio*. Lançado em 1981 e publicado até 1987, o jornal recebia ainda financiamento da Fundação Carlos Chagas. De publicação bimestral, era editado por Adélia Borges e tinha na equipe

pesquisadoras, professoras e jornalistas. Sua temática ia desde as questões domésticas, da situação da mulher negra, até a licença-maternidade. Segundo Teles (1993, p. 94) "[...] o jornal foi precursor dessa ideia no Brasil [...]".

Costa, Barroso e Sarti (2019) destacam que o ano de 1978 pode ser considerado um marco para a consolidação e expansão, bem como de legitimidade, dos estudos feministas no país. Nesse ano houve a realização do seminário *A Mulher na Força de Trabalho na América Latina*, que reuniu, no Rio de Janeiro, pesquisadoras que discutiram sobre a questão do trabalho das mulheres na América Latina. Além de discussões teóricas, o seminário alertava sobre a falta de capacitação de instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a *Comisión Económica para América Latina y el Caribe* (CEPAL) para o levantamento de dados sobre o trabalho feminino (BRUSCHINI, 1994).

Também foi de grande importância o concurso da Fundação Carlos Chagas de pesquisas sobre a mulher brasileira, que, com o financiamento da Fundação Ford, entre 1978 e 1998, realizou oito concursos e financiou cerca de 300 projetos (COSTA, 2004). O financiamento da Fundação Ford também causou impacto no desenvolvimento dos estudos de gênero no país. A *Revista Estudos Feministas*, por exemplo, optou por esse nome em detrimento de *Revista de Estudos de Gênero* para salientar sua integração aos movimentos de mulheres no país, visando, assim, conseguir financiamento da Fundação Ford (COSTA, 2004, DINIZ; FOLTRAN, 2004). A Fundação Ford, com seu financiamento, foi essencial para a criação e para o reconhecimento nacional e internacional da *Revista Estudos Feministas* (SCHUCK, 2018).

Nos anos 1970, a expressão "estudos sobre mulher" foi a mais utilizada nessa área de estudo:

Livros, artigos e seminários fazem constar de seus títulos o termo mulher e pretendem, principalmente, preencher lacunas do conhecimento sobre a situação das mulheres nas mais variadas esferas da vida e ressaltar/denunciar a posição de exploração/subordinação/opressão a que estavam submetidas na sociedade brasileira. (HEILBORN; SORJ, 1999, p. 4).

A partir da década de 1980, outras questões passam a ser pauta do movimento feminista brasileiro. Nessa época, há uma maior abertura para termos

que antes eram relegados pelas questões políticas que permeavam as escolhas do movimento nas décadas de 1960 e 1970. Assim,

A década de 1980 pode ser considerada como uma década de luta pelo direito ao aborto, período de intensa mobilização do movimento de mulheres sobre sua saúde e direitos sexuais e reprodutivos, articulando essas questões com a cidadania feminina. (BARSTED, 2019, p. 201).

Em relação à academia, é na década de 1980 que se passa a substituir o termo “mulher” pelo termo “gênero” como categoria de análise. Passa-se a questionar o determinismo biológico, e os estudos relacionados às questões sociais e culturais sobre a construção da feminilidade e da masculinidade passam a ser pautas de pesquisa (HEILBORN; SORJ, 1999). Essa substituição de termos teve impacto, ainda, na institucionalização desses estudos na universidade, como afirmam Heilborn e Sorj (1999, p. 4-5):

Para além da relevância cognitiva, a adoção do conceito de gênero em substituição aos termos mulher e feminismo favoreceu a aceitação acadêmica desta área de pesquisa, na medida em que despolitizou uma problemática que, tendo se originado no movimento feminista, mobilizava preconceitos estabelecidos.

É nos anos 1990 que as pesquisas sobre estudos de gênero passam a se fortalecer no país, com o desenvolvimento dos estudos feministas e de gênero nas universidades, que tiveram influência tanto da vertente norte-americana quanto da francesa. Como já foi visto, durante a ditadura militar brasileira, com o Golpe de 1964, muitas mulheres se tornaram exiladas políticas em outros países. Um desses países foram os Estados Unidos da América, país em que as brasileiras puderam entrar em contato com os grupos de conscientização de mulheres e com os estudos institucionalizados nas universidades, denominados *women's studies* (HEILBORN; SORJ, 1999; NARVAZ; KOLLER, 2006). Já na França – outro país onde, conforme já visto, muitas brasileiras buscaram exílio –, elas entraram em contato com o pensamento feminista francês e participaram de grupos como o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris e o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris (SCHUCK, 2018). De volta ao Brasil, muitas dessas mulheres se mantiveram em movimentos feministas e também com produção acadêmica, e a influência teórica e política adquirida durante o exílio se fez presente em seus atos. Segundo Schuck

(2018), o exílio na França teve especial importância para trazer pautas como aborto e métodos contraceptivos às feministas brasileiras.

A pesquisa nessa área se desenvolveu fortemente ligada às Ciências Sociais. Essa mudança de terminologia, que começou de forma gradativa a partir da década de 1980, ajudou na aceitação da área na academia, pois se afastava do peso político carregado pelo termo “feminismo” (HEILBORN; SORJ, 1999; ZIRBEL, 2007). Tal mudança terminológica se espalhou pelo país antes do amadurecimento teórico do gênero como categoria de análise; com isso, muitas vezes, no país, o termo “gênero” apenas substituiu o termo “mulher” nas pesquisas nacionais (COSTA; SANDENBERG, 1994).

Os estudos sobre a sexualidade se desenvolveram paralelamente aos estudos de gênero, pela Sociologia e Antropologia, “[...] dentro da rubrica de 'comportamento desviante' e 'desvio social' [...]” (HEILBORN; SORJ, 1999, p. 26), quando estudos sobre a prostituição e homossexualidade passaram a ser realizados. Com os financiamentos de fundações internacionais e com o desenvolvimento do ensino de pós-graduação no país, foi possível a criação e a institucionalização de diversos grupos de pesquisa sobre a temática, assim como a criação de periódicos científicos como a *Revista Estudos Feministas*, em 1992, e a *Cadernos Pagu*, em 1993 (SCHUCK, 2018).

#### 2.4 ANÁLISES EM PERIÓDICOS DE ESTUDOS DE GÊNERO E O CADERNOS PAGU

Para um maior embasamento teórico-metodológico, foi efetuado um levantamento de estudos sobre periódicos científicos que abordam a temática estudos de gênero. Vieira *et al.* (2016) realizaram uma análise bibliométrica sobre *Faces de Eva: estudos sobre a mulher*, periódico acadêmico fundado em 1999 em Portugal. A pesquisa abrange a produção publicada desde seu lançamento até o ano de 2015, contemplando 34 números. Para a análise de tipologia documental, utilizou-se a leitura dos resumos e palavras-chave, já para a análise dos temas abordados pelos documentos publicados na revista, os pesquisadores efetuaram breve análise dos textos utilizando uma lista de descritores de estudos de gênero. Em relação ao idioma, perceberam a predominância de documentos publicados em português (94,61%), seguido pelo francês (2,81%), pelo espanhol (1,87%) e pelo

inglês (0,70%). Quanto à autoria, encontraram que 84,74% dos textos são escritos por mulheres, 14,62% por homens e 0,58% têm autoria institucional. Quanto à localização geográfica, dos 427 documentos, 382 são de Portugal, 14 do Brasil (sendo nove do estado São Paulo e cinco do Rio Grande do Sul). E em relação à colaboração, prevalecem as publicações individuais (81,03%). As temáticas com maior volume de publicações são "Linguagem, Literatura, Religião e Filosofia", com 35,36% dos textos, e com o menor número de publicações é "Ciência e tecnologia", com 0,47%.

Matos (2018) realiza uma análise sobre a *Revista Estudos Feministas*. A pesquisa delimita-se pelos artigos publicados entre 2001, ano em que a revista passou a fazer parte da SciELO, e 2016. O *corpus* da pesquisa é de 298 artigos, cujas informações foram coletadas de forma manual e organizadas no software *Excel*. Matos (2018) utiliza para sua análise temática o *Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres*, de 1998. A autora com maior número de publicações é Dagmar Estermann Meyer, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com cinco artigos. A predominância é de autoria individual (67,85%). Quanto à localização geográfica desses autores, tem-se 66,1% do Brasil, sendo 43,53% destes do Sudeste, 33,62% do Sul, 10,77% do Centro-Oeste, 9,91% do Nordeste, e 2,15% do Norte. Matos (2018) indica que o Rio Grande do Sul é o estado com maior número de publicações (18,54%) e associa esse número à importância da UFRGS para a área dos estudos de gênero no país. Quanto a autores internacionais, destacam-se os da Argentina, Estados Unidos, Espanha, Portugal e Chile. A temática com maior destaque é "Ciências sociais e Cultura" (30,53%), que teve maior predominância dos termos "Estudos de gênero, classe e raça", "Estudos latino-americanos", "Ecofeminismo", "Masculinidade", "Maternidade", "Relação público/privado" e "Violência contra mulheres". A área com menor número de publicações é "Comunicação, Artes e Espetáculo" (4,02%), com os termos como "Imagens de mulheres" e "Pintores". Em relação às referências dos artigos analisados, Matos (2018) encontrou 6.419 autores citados, sendo que 76,23% destes foram citados apenas uma vez. Entre os autores mais citados, estão Michel Foucault (168 citações), Judith Butler (124), Pierre Bourdieu (91), Joan Scott (73) e Guacira Lopes Louro (54).

Gefuso, Faustino e Scavone (2016) investigam artigos sobre a temática LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros – na *Revista Estudos*

*Feministas e Cadernos Pagu*, entre 1999 e 2012, através de levantamento realizado a partir da leitura das palavras-chave e resumos dos artigos. Encontraram 33 artigos sobre o tema no *Cadernos Pagu* que se referiam aos assuntos estudos de gênero e *queer*, sexualidade, políticas públicas e direitos civis, educação e ainda sobre temas como homoparentalidade, pornografia, prostituição e tráfico de pessoas. Os autores concluem que, enquanto a *Revista Estudos Feministas* possui artigos sobre LGBT com assuntos ligados a políticas públicas e direitos civis, a *Cadernos Pagu* traz artigos de cunho mais teórico e científico, com destaque para os assuntos acerca da sexualidade e *queer*.

Já Silva *et al.* (2016), ligadas ao mesmo projeto, sob orientação de Lucila Scavone, buscam artigos sobre mulheres negras nos números publicados no mesmo período – 1999 e 2012 – e nos mesmos periódicos – *Revista Estudos Feministas* e *Cadernos Pagu*. As autoras buscaram as palavras-chave “mulher negra”, “raça”, “gênero” e “racismo”, por meio das quais encontraram 38 artigos na *Revista Estudos Feministas* e 27 no *Cadernos Pagu*. É concluído que a primeira revista se volta mais aos assuntos ligados ao movimento social e político das mulheres negras, enquanto a *Cadernos Pagu* apresenta temáticas como sexualidade, classe, trabalho e identidade. Observou-se também que ambos os periódicos apresentam um importante papel político ao dar visibilidade acadêmica ao assunto.

Costa (2015), em seu trabalho de conclusão de curso em Serviço Social, avalia o viés feminista sobre a pornografia na *Revista Estudos Feministas* e no *Cadernos Pagu*. Para tanto, realiza uma revisão de literatura de 15 artigos sobre o assunto pornografia nas revistas. O estudo não discrimina quantos artigos da revisão foram publicados em quais revistas especificamente, nem deixa claro como foi definido este *corpus* de 15 artigos. Conclui que, entre prós e contras apontados pelos autores, os argumentos sugerem que a pornografia contribui, mesmo que indiretamente, para a desigualdade de gênero e liberdade feminina. Aponta, ainda, a importância de ambos os periódicos para a difusão de conhecimento de qualidade sobre estudos de gênero no Brasil.

Em outra pesquisa em ambos os periódicos, as autoras Preto e Lago (2013) realizaram levantamento dos artigos publicados até o ano de 2012 através da leitura dos sumários, títulos, resumos e palavras-chave em busca de documentos sobre infância e criança. Foram selecionados 24 artigos da *Revista Estudos Feministas* e

23 do *Cadernos Pagu*, os quais foram lidos e analisados. Desses, 14 permaneceram como *corpus* da pesquisa por versar diretamente sobre o tema infância. Os autores relatam que os textos estudados apresentam diversas perspectivas teóricas que contribuem para o debate sobre estudos da infância, versando sobre assuntos como direito, política, cultura, sociabilidade e subjetividade, entre outros, da infância. Também perceberam não haver um número significativo de artigos sobre o tema e que os campos de gênero e feminismo podem contribuir com os estudos referentes à infância.

Galli (2013) estuda a produção historiográfica do feminismo acadêmico no Brasil a partir da análise de artigos publicados por historiadoras na revista *Cadernos Pagu* entre os anos de 1993 e 2012. A seleção dos textos foi feita pela formação dos autores na área de História, com priorização das autoras brasileiras. Foram selecionados 52 documentos, que foram analisados segundo três pontos: enfoque das pesquisas, questão do público e do privado e o debate sobre a utilização das categorias “mulheres” e “gênero”. O estudo conclui que muitos dos debates do início dos anos 1990 continuam bastante atuais em textos da revista, ainda que algumas perspectivas tenham sofrido mudanças.

Soberón (2016) analisou em sua dissertação de mestrado a constituição do pensamento acadêmico brasileiro sobre gênero e ciência através de três dossiês publicados no *Cadernos Pagu* sobre a temática. Foram eles: Gênero, tecnologia e ciência, do ano de 1998, Gênero na história das ciências, de 2000, e Gênero da ciência, publicado em 2006. A autora conclui, após a análise dos 22 artigos publicados nos três dossiês, que a revista constitui um pensamento de cunho histórico, com foco na trajetória das mulheres nas ciências; e indica que, pelo baixo número de publicações que interseccionam gênero e ciência, os artigos publicados nos dossiês do *Cadernos Pagu* são representativos de como o assunto é tratado no Brasil.

Em um levantamento sobre os 10 anos iniciais da *Cadernos Pagu*, de 1993 a 2003, Piscitelli, Beleli e Lopes (2003) relatam que, apesar da diversidade de temas dos artigos publicados nos 19 números, há uma concentração sobre os temas sexualidade e corporalidade (18%), teorias e práticas feministas (14%), raça (10%), trabalho (10%) e literatura (8%). Em relação às áreas disciplinares, destacam-se os artigos ligados à Antropologia (32%), História (23%), Sociologia (21%), Teoria Literária e Linguística (9%), Filosofia (4%), Educação (35) e Psicologia (2%). Em

relação aos autores, percebe-se uma concentração de publicações vinculadas a instituições de São Paulo e Rio de Janeiro. A produção internacional representa 15% das publicações da revista, com concentração de autores dos Estados Unidos da América, França, Inglaterra e Portugal, além de pequena participação da América Latina.

Tendo em vista os estudos mencionados e visando conhecer melhor o objeto de análise, realizou-se uma pesquisa para compreender a história, desenvolvimento e organização do periódico *Cadernos Pagu*. Conforme já mencionado, a revista teve seu início em 1993, vinculada ao Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu da Universidade Estadual de Campinas. Já no final da década de 1990, passa a ser referência para os estudos da área. Nesse período, os estudos de gênero se consolidavam no país, e sua criação teve como objetivo ampliar as discussões sobre a temática através da difusão e estímulo da produção de novos conhecimentos (NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO PAGU, c2013).

A vinculação do periódico com uma instituição acadêmica e um Núcleo de estudos influenciou sua formação. O primeiro número publicado, em 1993, – De trajetórias e sentimentos – possui artigos de autoria dos integrantes do Núcleo Pagu. Na apresentação publicada nesse número, Piscitelli (1993) indica a intenção de abrir a revista nos números seguintes para a publicação de pesquisadores da temática não ligados ao Núcleo Pagu.

**Figura 1** – Capas das primeiras edições do periódico *Cadernos Pagu*, dos n. 1, de 1993, ao n. 6/7, de 1996



Fonte: Núcleo (c2013).

Entre o segundo e o terceiro números define-se a política editorial da publicação. Na apresentação de seu segundo número – *Sedução, tradição e transgressão* –, Corrêa (1994) já indica algumas mudanças. Nesse ano, o Centro de Estudos Pagu oficializa-se como Núcleo de Pesquisa da Unicamp, e a publicação já possui constituídos seu conselho científico e comitê editorial, bem como um corpo de pareceristas *ad hoc*. É também nesse número que as seções da publicação começam a ser definidas.

A partir do quinto número, a revista passa a contar com financiamento externo à Unicamp para sua publicação (NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO PAGU, c2013). Na apresentação da quinta edição – *Situando diferenças* –, Moreira (1995)

agradece o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – FAPESP, afirmando que este foi fundamental para sua realização. A revista também recebeu auxílio do Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão – FAEPEX, da Unicamp, e, ainda, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Segundo o Núcleo de Estudos de Gênero Pagu (c2013), esta foi a assistência mais importante em termos de recursos e continuidade a partir do ano de 1996. No número 8/9 – Gênero, narrativas, memórias –, Piscitelli (1997) destaca os apoios recebidos do CNPq, da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

A partir de 2012, o periódico passou a ter seus processos editoriais e publicações realizados no sistema SEER/OJS (Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas/*Open Journal Systems*), e desde 2014 sua publicação é realizada apenas em formato digital e com periodicidade quadrimestral – antes sua publicação era semestral e em ambos os formatos, impresso e digital (FACCHINI, 2017a; 2017b). O *Cadernos Pagu* aceita artigos inéditos nos idiomas português, espanhol e, a partir do ano de 2015, também em inglês. É grande o número de submissões de artigos e, segundo Facchini (2017b), a taxa de rejeição é de 75%. Segundo a autora, no ano de 2016, foram publicados 51 documentos dos 206 recebidos para publicação.

O periódico se preocupa com a diversidade temática, metodológica e disciplinar de suas publicações. Em sua política editorial, recomenda a citação de autores que vão além do eixo anglo-saxônico, buscando assim ampliar o "[...] leque de referências teóricas." (NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO PAGU, c2013). Outra preocupação do periódico é a difusão de resultados de pesquisa nacionais e estrangeiras inéditas, assim como de textos ainda não traduzidos no país, para "[...] promover a leitura crítica da produção internacional." (PISCITELLI; BELELI; LOPES, 2003, p. 243). Também estão entre as preocupações do *Cadernos Pagu* manter-se atualizado com os processos de publicação científica, assim como aumentar seus esforços para a internacionalização da publicação (FACCHINI, 2017b). O periódico possui dois números (v. 1, n. esp., 2008 e v. 2, n. esp., 2010) publicados no *SciELO Social Sciences English Edition*, coleção temática da SciELO e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais que busca promover a internacionalização de revistas de Ciências Sociais da América Latina e Caribe através da tradução e disponibilização destes em inglês (NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO PAGU, c2013). O projeto possui apoio da Open Society Institute (OSI) e, a partir de 2002, do CNPq. A coleção

tem por objetivo a seleção de artigos de revistas de Ciências Sociais e sua publicação em inglês para auxiliar na promoção e acessibilidade internacional para as publicações da área (BIBLIOTECA..., 2007; SCIELO..., [200-?]).

O periódico tem como objetivo tornar-se bilíngue, com a publicação de 25% de seus artigos em inglês, meta essa que alcançou nos anos 2015 e 2016, e a partir de 2017 todos os artigos aceitos tem possibilidade de serem publicados também em um segundo idioma – português/inglês, espanhol/inglês ou inglês/português (FACCHINI, 2017b). O *Cadernos Pagu* possui, também, perfis em redes sociais, procurando sempre se manter atualizado com as tendências da comunicação e divulgação científica. Nas Figuras 2 e 3 estão indicados o estrato Qualis do periódico no triênio 2013-2016 em suas áreas de avaliação.

**Figura 2 – Classificação Qualis do periódico *Cadernos Pagu* (impresso), triênio 2013-2016, em suas áreas de avaliação**

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA	A1
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	A2
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	CIÊNCIAS AMBIENTAIS	B1
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	EDUCAÇÃO	A2
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	EDUCAÇÃO FÍSICA	B3
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	ENSINO	B1
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	HISTÓRIA	A2
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	INTERDISCIPLINAR	A1
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	LINGÜÍSTICA E LITERATURA	A1
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	PSICOLOGIA	B1
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	SAÚDE COLETIVA	B1
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	SERVIÇO SOCIAL	B1
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	SOCIOLOGIA	A1

Fonte: Plataforma Sucupira, c2016.

**Figura 3 – Classificação Qualis do periódico *Cadernos Pagu*, triênio 2013-2016, em suas áreas de avaliação**

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
1809-4449	CADERNOS PAGU	ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA	A1
1809-4449	CADERNOS PAGU	ARTES	A2
1809-4449	CADERNOS PAGU	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1809-4449	CADERNOS PAGU	DIREITO	A1
1809-4449	CADERNOS PAGU	EDUCAÇÃO	A2
1809-4449	CADERNOS PAGU	ENFERMAGEM	B2
1809-4449	CADERNOS PAGU	HISTÓRIA	A2
1809-4449	CADERNOS PAGU	INTERDISCIPLINAR	A1
1809-4449	CADERNOS PAGU	PSICOLOGIA	B1
1809-4449	CADERNOS PAGU	SAÚDE COLETIVA	B1
1809-4449	CADERNOS PAGU	SOCIOLOGIA	A1

Fonte: Plataforma Sucupira, c2016.

O periódico possui 57 números desde o primeiro, em 1993, até o último número publicado até a coleta de dados da pesquisa, em 2019. Os documentos se dividem nas categorias “apresentação” e “introdução”, relatando a edição da revista ou um dossiê temático; “dossiês” e “debates”, com publicação de artigos que versam sobre uma temática específica; “comentários”, que são documentos debatendo algum artigo publicado na edição em questão; “documentos”, que trazem textos inéditos ou tradução de documentos relevantes para os estudos de gênero; “entrevistas”, realizadas com autores importantes para os estudos de gênero; *resenhas* de livros da área; e “artigos”, que possuem temáticas variadas relacionadas aos estudos de gênero em uma mesma edição do periódico. Foram publicadas, ainda, uma errata, uma homenagem e duas notas de pesquisa nos seus 27 anos de existência. A seguir, os procedimentos metodológicos explicam como serão analisados esses documentos.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir são descritos os caminhos metodológicos que norteiam o presente estudo.

#### 3.1 DEFINIÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa é descritiva, uma vez que pretende descrever as características de um grupo, os artigos e os documentos referenciados nesses artigos, publicados em um periódico científico nacional, no caso, *Cadernos Pagu*; e é objetiva, pela a coleta e análise de dados e por estabelecer relações entre as variáveis (GIL, 2002). Tem abordagem quantitativa, pois traduz em números as informações das referências do *corpus* da pesquisa para classificá-las e analisá-las através de técnicas estatísticas (PRODANOV; FREITAS, 2013), e apresenta, ainda, cunho bibliométrico. A pesquisa se divide em dois momentos: (1) análise da produção e da colaboração dos artigos no periódico *Cadernos Pagu* no período 1993-2019; (2) análise das citações referenciadas nos artigos publicados no *Cadernos Pagu* de 1993 a 2019.

#### 3.2 CORPUS DA PESQUISA, COLETA E ORGANIZAÇÃO DE DADOS

O *corpus* da pesquisa é constituído pelos 732 artigos publicados nas seções “Artigos”, “Dossiês” e “Debates” no periódico *Cadernos Pagu*, de 1993 (ano do primeiro número publicação) até 2019 (ano da última edição publicada até a coleta de dados). Tendo em vista que as publicações dessas três seções são artigos, e com o intuito de facilitar a leitura, na apresentação dos dados e interpretação dos resultados da pesquisa, as três seções serão analisadas de forma conjunta e serão denominadas artigos.

Para a escolha de fonte e forma de coleta de dados, foi realizado um estudo sobre o periódico a partir do site do Núcleo de Pesquisas Pagu, de estudos sobre o periódico (COSTA, 2015; GALLI, 2013; GEFUSO; FAUSTINO; SCAVONE, 2016; PRETO; LAGO, 2013; SILVA *et al.*, 2016; SOBERÓN, 2016), e, ainda, a partir de estudos bibliométricos e de citações em periódicos científicos (ANDRÉ, 2012;

ARAÚJO; MELO, 2011; LIBERATORE; HERRERO-SOLANA; GUIMARÃES, 2007; MATOS, 2018; VIEIRA *et al.*, 2016).

Por meio desses estudos, identificou-se que existem três fontes possíveis de coletas de dados: o site do Núcleo de Pesquisas Pagu, o site do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU) e a base de dados SciELO. Percebeu-se, porém, ao longo dos estudos sobre o *Cadernos Pagu*, diferenças de informações sobre mesmos fascículos do periódico entre as três fontes. O site do Sistema de Bibliotecas da Unicamp armazena todos os números publicados, porém apresenta problemas – são exemplos a falta de acesso a alguns documentos e a inconsistência dos metadados do sistema com os dos documentos, como estar indexado como entrevista no sistema quando na verdade é uma resenha. Quanto ao site do Núcleo de Pesquisas Pagu, é possível o acesso apenas dos números 1, de 1993, ao número 54, do ano de 2018. Através dessa fonte tem-se duas formas distintas de acesso aos números da publicação. Do número 1 ao número 15, este de 2000, o acesso é realizado por um sistema do próprio site; os números seguintes direcionam para site da SciELO. Já o site da SciELO disponibiliza acesso ao periódico a partir do ano de 2001, número 16, até o número 57, de 2019. As Figuras 4, 5 e 6 demonstram as três fontes de acesso ao periódico *Cadernos Pagu*.

**Figura 4 – Acesso aos artigos do periódico *Cadernos Pagu* pelo site do Núcleo de Pesquisas Pagu**

## De trajetórias e sentimentos - 1993 (1)

**SUMÁRIO**

- Apresentação  
Adriana Piscitelli

**Artigos**

- A Propósito de Pagu  
Mariza Corrêa
- Categorias analítica e empírica: gênero e mulher; disjunções, conjunções e mediações  
Suely Kofes
- Imagens da prostituição na Belle Époque paulistana  
Luiza Margareth Rago
- A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e a concessão de Dotes  
Leila Mezan Algranti
- As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação  
Ana Maria Goldani
- Revistas femininas e o ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964)  
Carla Bassanezi
- Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico  
Adriana Piscitelli

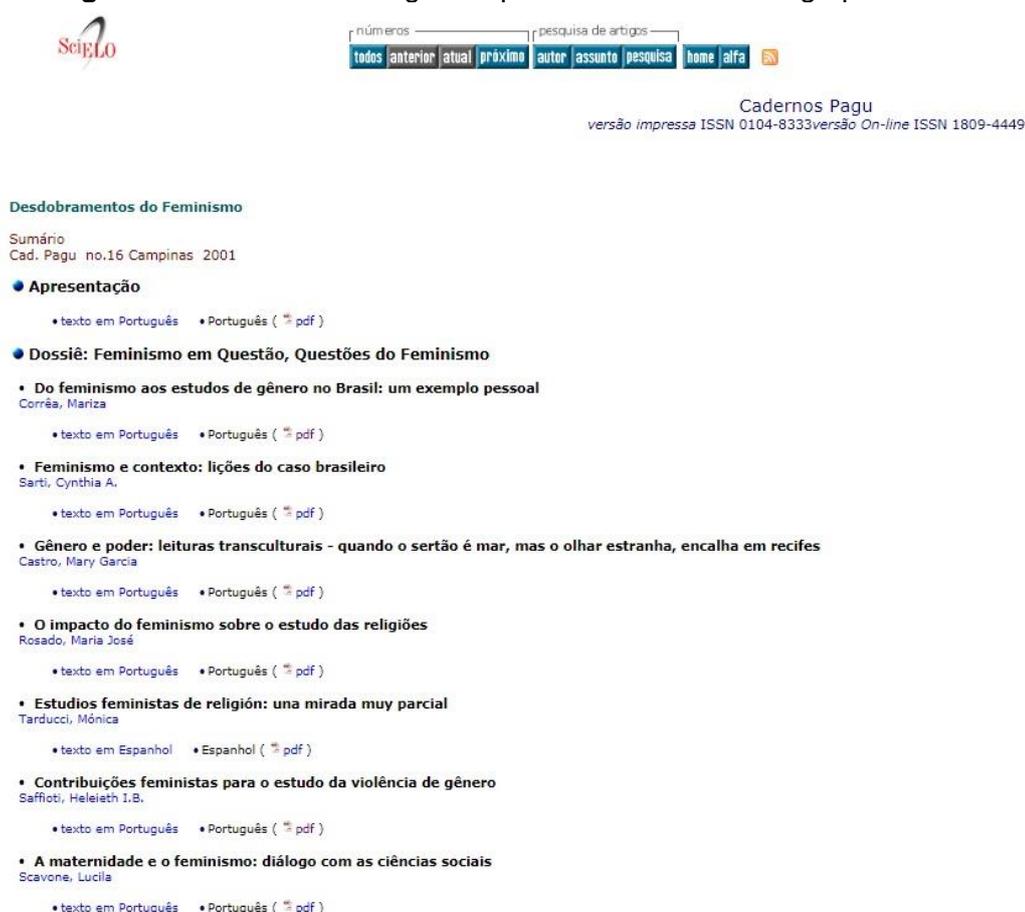
Fonte: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu (c2013).

**Figura 5 – Acesso aos artigos do periódico *Cadernos Pagu* pelo site do Sistema de Bibliotecas da Unicamp**

Apresentação	
<p><b>Apresentação</b> Adriana Piscitelli</p> <p><a href="#">PDF</a></p>	5-6
Artigos	
<p><b>A propósito de Pagu</b> Mariza Corrêa</p> <p><a href="#">PDF</a></p>	7-17
<p><b>Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações</b> Suely Kofes</p> <p><a href="#">PDF</a></p>	19-30
<p><b>Imagens da prostituição na belle epoque paulistana</b> Luiza Margareth Rago</p> <p><a href="#">PDF</a></p>	31-44
<p><b>A irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e a concessão de dotes (1808-1822)</b> Leila Mezan Algranti</p> <p><a href="#">PDF</a></p>	46-66
<p><b>As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação</b> Ana Maria Goldani</p> <p><a href="#">PDF</a></p>	68-110
<p><b>Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964)</b> Carla Bassanezi</p> <p><a href="#">PDF</a></p>	112-148
<p><b>Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico</b> Adriana Piscitelli</p> <p><a href="#">PDF</a></p>	150-200

Fonte: Unicamp ([2020?]).

**Figura 6 – Acesso aos artigos do periódico *Cadernos Pagu* pelo SciELO**



SciELO

números | pesquisa de artigos

todos anterior atual próximo autor assunto pesquisa home alfa

Cadernos Pagu  
versão impressa ISSN 0104-8333 versão On-line ISSN 1809-4449

**Desdobramentos do Feminismo**

Sumário  
Cad. Pagu no.16 Campinas 2001

● **Apresentação**

- texto em Português • Português ( pdf )

● **Dossiê: Feminismo em Questão, Questões do Feminismo**

- **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal**  
Corrêa, Mariza  
• texto em Português • Português ( pdf )
- **Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro**  
Sarti, Cynthia A.  
• texto em Português • Português ( pdf )
- **Gênero e poder: leituras transculturais - quando o sertão é mar, mas o olhar estranha, encalha em recifes**  
Castro, Mary Garcia  
• texto em Português • Português ( pdf )
- **O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões**  
Rosado, Maria José  
• texto em Português • Português ( pdf )
- **Estudios feministas de religión: una mirada muy parcial**  
Tarducci, Mónica  
• texto em Espanhol • Espanhol ( pdf )
- **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**  
Saffoti, Helelieth I.B.  
• texto em Português • Português ( pdf )
- **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais**  
Scavone, Lucila  
• texto em Português • Português ( pdf )

Fonte: SciELO (2020).

Tendo em vista que o Sistema de Bibliotecas da Unicamp é a única fonte que possibilita a coleta de dados de todos os números do periódico, de 1993 a 2019, mas apresenta problemas nos dados, optou-se pela coleta manual, fazendo uma comparação entre as três fontes de dados e sempre levando em consideração as informações presentes nos PDFs dos documentos.

Os dados da primeira parte deste estudo – análise da produção publicada no periódico *Cadernos Pagu* – foram coletados e organizados no *software Excel*. A coleta prévia dos dados deu-se com o objetivo de compreender melhor o objeto de análise do estudo e, assim, auxiliar nas definições metodológicas. O referencial teórico sobre estudos de gênero apresentado nas seções 2.2 e 2.3, por exemplo, leva em conta esse levantamento prévio.

Constatou-se um total de 947 documentos publicados pelo periódico. A Tabela 1 demonstra a quantidade de documentos publicados por seção do periódico:

**Tabela 1** – Número de documentos por seção de publicação do periódico *Cadernos Pagu*, de 1993 a 2019

<b>Categoria de Publicação</b>	<b>Número de documentos por categoria</b>
Introdução	1
Apresentação	42
Artigo	397
Comentário	4
Debate	34
Documento	16
Dossiê	301
Entrevista	12
Errata	1
Homenagem	1
Notas de pesquisa	2
Resenha	136
<b>Total</b>	<b>947</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Fazem parte do *corpus* da pesquisa apenas os artigos e as citações dos artigos presentes nas seções “Artigo”, “Dossiê” e “Debate”. As demais seções não apresentam um padrão de publicação e possuem poucas ou nenhuma referência presente. A categoria “Artigos” apresenta artigos publicados com temáticas variadas em um mesmo número da revista. “Dossiês” e “Debates”, por sua vez, trazem manuscritos originais que versam sobre um assunto específico em um número da publicação, como, por exemplo, o *Dossiê Simone de Beauvoir*, que traz apenas documentos discutindo a autora e sua obra. No entanto, a categoria “Debates”, que também traz manuscritos originais sobre um mesmo assunto, o faz numa dinâmica diferente. No debate, os autores são convidados a escrever criticamente sobre um tema específico, por exemplo, sobre o texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, de Joan Scott, gerando, assim, um debate entre os documentos de um mesmo número nessa categoria.

A coleta de referências foi feita nos arquivos em PDF dos artigos, através das três fontes de dados, de onde foram copiadas e coladas em um arquivo no *software Excel*. Considerando a importância do compartilhamento de dados de pesquisa para o desenvolvimento da ciência, seja através da possibilidade da validação de estudos seja pelo reuso desses dados, pretende-se realizar o armazenamento dos dados coletados nesta pesquisa em um repositório. Nesse sentido e tendo em vista o volume de dados coletados, bem como o trabalho despendido devido à coleta ter sido realizada de forma manual, espera-se que esse compartilhamento possa contribuir com novas pesquisas. Destarte, devido à relevância do Repositório Digital

Lume da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bem como à inserção da autora deste estudo na UFRGS, intenta-se o armazenamento dos dados da pesquisa no repositório de dados LumeData, que possui lançamento previsto para 2021.

### 3.3 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Foi realizada a limpeza de dados para a padronização de nomes de autores, periódicos e instituições de filiação nos dados de produção e citações, com a utilização do Catálogo de Autoridades da Fundação Biblioteca Nacional e a plataforma Currículo Lattes do CNPq. Destaca-se a preocupação com os autores transgênero que possuem documentos publicados com o nome de registro ao nascer e também como o nome pós-transição. Em estudos prévios no periódico *Cadernos Pagu* (MEDEIROS, no prelo) e na *Revista Estudos Feministas* (MEDEIROS, 2019) identificaram-se alguns exemplos desse caso. Raewyn Connel é uma autora transgênero que possui a maioria de seus trabalhos publicados com gênero neutro R. W. Connel (BIO, [2015?], tradução nossa), porém é possível encontrar documentos com o nome com o qual foi registrada ao nascer – Robert William Connel – e com seu nome pós-transição, e em alguns casos até Raewyn/Robert Connel.

Outro caso é o de Jack Halberstan, homem transgênero que, além de documentos publicados com seu nome pós-transição, possui documentos com o nome com o qual foi registrado: Judith Halberstan, ou ainda como J. Jack Halberstan. Diferentemente de Connel, que publica seus trabalhos, em sua maioria, com gênero neutro, Halberstan aceita ambos pronomes, pois se considera flutuante: "[...] considere meu gênero improvisado na melhor das hipóteses, incerto e frequentemente pronunciado incorretamente, irresolúvel e sempre mutável." (HALBERSTAN, 2012, tradução nossa).

Destarte, os autores trans que possuem publicações com ambos prenomes foram contabilizados como apenas um autor. Destaca-se a impossibilidade de identificação de todos os autores trans e a importância desse tipo de cuidado para a maior fidedignidade dos dados em estudos bibliométricos.

### 3.4 DEFINIÇÃO DOS INDICADORES BIBLIOMÉTRICOS

Os dados coletados foram analisados segundo os indicadores bibliométricos de produção, colaboração e citação, de acordo com cada etapa da pesquisa.

#### 3.4.1 Indicadores de produção

Os indicadores bibliométricos de produção que foram analisados a partir dos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu*, de 1993 a 2019, são:

##### 3.4.1.1 Idioma dos documentos publicados

É medido pelo número de documentos publicados em cada idioma. Os idiomas de publicação encontrados na pesquisa inicial são português, espanhol e inglês.

##### 3.4.1.2 Temática dos documentos publicados

A Linguagem Controlada (LC) é formada por um conjunto de descritores organizados em uma estrutura semântica que auxilia no controle de sinônimos, na diferenciação de homógrafos e a relacionar termos em uma estrutura hierárquica (LANCASTER, 1993). As palavras-chave, por sua vez, podem ou não ter o status de descritor, e representam os focos temáticos fundamentais de uma área (SANTIAGO; KRIEGER, 2009).

Assim, para análise das temáticas abordadas nos artigos publicados, são consideradas as palavras-chave indicadas pelos autores. Não houve diferenciação por idioma, contabilizando-se palavras grafadas em idiomas diferentes de forma separada. Essa escolha deve-se à característica do periódico *Cadernos Pagu* de prezar pela publicação de artigos em diferentes idiomas. Os idiomas identificados nas palavras-chave foram português, espanhol e inglês.

#### 3.4.1.3 Autoria dos documentos publicados

Foi contabilizada a quantidade de artigos publicados por autor para identificar os autores com maior produtividade no periódico *Cadernos Pagu*. Foram considerados os seguintes tipos de autoria: (1) autoria pessoal: um único autor; (2) dois ou mais autores: coautoria entre dois ou mais pesquisadores, todos foram indicados na coleta de dados; (3) autoria institucional: foram indicadas as instituições conforme constam nos artigos (esse tipo de autoria foi considerado porque, na coleta inicial, foi identificado artigo com assinatura de ONG).

#### 3.4.1.4 Filiação institucional

A partir da filiação institucional indicada pelos autores, foi identificada a produtividade por instituição. Esse indicador também foi utilizado para definir o número de artigos publicados no *Cadernos Pagu* por regiões do Brasil e pelos demais países.

### **3.4.2 Indicadores de colaboração**

São apresentados a seguir os indicadores de colaboração utilizados na pesquisa.

#### 3.4.2.1 Coautoria dos autores

É analisada a coautoria dos autores através dos autores indicados nos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu*.

#### 3.4.2.2 Coautoria de instituições

Para a análise de coautoria de instituições, foi considerada a instituição de filiação do autor indicada nos artigos publicados no periódico.

### 3.4.2.3 Coautoria de países

Para tal indicador, foi considerado o endereço das instituições de filiação dos autores, conforme indicado nos artigos.

### 3.4.3 Indicadores de citação

Os indicadores bibliométricos analisados a partir das referências citadas nos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu*, de 1993 a 2019, são:

#### 3.4.3.1 Tipologia documental

Durante a coleta dos dados, foi identificada a tipologia documental de cada citação, que foram agrupadas por categorias. Essa análise permite compreender os hábitos de citação dos autores que publicaram no periódico *Cadernos Pagu*, mostrando o tipo de documento preferencialmente utilizado nos estudos de gênero e busca compreender se a interdisciplinaridade da área afeta os hábitos de citação. E através do cruzamento dos indicadores temporalidade e tipologia, é possível, ainda, entender como os hábitos de citação no periódico em questão se comportam ao longo dos anos.

Os documentos foram agrupados nas seguintes categorias:

- a) artigo de periódico;
- b) livro;
- c) capítulo de livro;
- d) comunicação em evento;
- e) tese;
- f) dissertação;
- g) trabalho de conclusão de curso;
- h) documentos eletrônicos;
- i) jornais e revistas;
- j) documentos jurídicos;
- k) outros.

#### 3.4.3.2 Autoria dos documentos citados

Para a análise dessa variável, é considerada a autoria conforme indicada nas referências dos artigos do *corpus* da pesquisa. As autocitações são contabilizadas. A verificação dos autores nacionais e internacionais mais citados permite delinear os principais autores, nacionalidades, escolas de pensamento e áreas do conhecimento nas quais se baseiam os estudos de gênero, o que se mostra importante tendo em vista sua interdisciplinaridade. Pela grande quantidade de citações, foi contabilizado apenas o primeiro autor indicado quando haviam dois ou mais autores. As informações dos autores foram coletadas do currículo Lattes dos autores, das informações das páginas de suas universidades de filiação e de documentos sobre os autores.

#### 3.4.3.3 Periódicos citados

O periódicos citados foram identificados pelo nome completo. Tal variável possibilita identificar os periódicos mais importantes, nacional e internacionalmente. Ainda, foi indicado o local dos periódicos para compreender as especificidades regionais do desenvolvimento dos estudos de gênero.

#### 3.4.3.5 Total de referências

Foi verificado o volume total de documentos referenciados por fascículo.

Os indicadores de produção, colaboração e citação utilizados para atingir os objetivos específicos estão descritos no Quadro 1:

**Quadro 1 – Variáveis dos indicadores gerais e específicos da pesquisa**

<b>Objetivos Específico</b>	<b>Indicadores gerais</b>	<b>Indicadores específicos</b>
caracterizar os artigos publicados no periódico <i>Cadernos Pagu</i> em relação aos autores, às instituições de filiação, ao idioma e às temáticas;	Produção	Produção dos autores
		Produção das instituições
		Idioma dos artigos
		Temática dos artigos a partir das palavras-chave
analisar a coautoria nacional e internacional dos artigos	Colaboração	Coautoria dos autores
		Coautoria das instituições
		Coautoria dos países
descrever as citações dos artigos publicados, em relação a autores e tipologia documental citados;	Citação	Autoria dos documentos citados
		Tipologia dos documentos citados
identificar os autores mais citados e, a partir deles, analisar áreas disciplinares, vinculações acadêmicas e nacionalidade.	Citação	Área disciplinar dos autores
		Instituição de filiação dos autores
		Endereço de filiação institucional dos autores

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Alvarez (2015) e Vanz (2009).

### 3.5 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Toda pesquisa possui suas limitações. A padronização dos nomes, conforme descrito na seção acima, é uma das limitações da presente pesquisa, bem como a forma de coleta dos dados. Como relatado, há três fontes para acesso aos dados do periódico *Cadernos Pagu*, nenhuma dessas fontes, porém, permite a coleta completa e automatizada dos dados. O Sistema de Bibliotecas da Unicamp é a única fonte que possui todos os números do periódico, mas apresenta problemas como falta de acesso a alguns documentos e inconsistência dos dados do sistema em comparação com os dados do documento. Foram encontradas, ainda, diferenças de informações entre as fontes, como, por exemplo, um mesmo documento classificado

como entrevista em uma fonte e como resenha em outra. Assim, a coleta foi realizada utilizando as informações contidas nos PDFs dos documentos de forma manual, fato que pode ocasionar inconsistência de informações dos dados. Limitação semelhante foi relatada por André (2012), que, em seu estudo bibliométrico, também coletou seus dados a partir de mais de uma fonte de dados e de forma manual.

Outra limitação se dá quanto às citações dos documentos publicados no periódico. Não há uma padronização na forma de apresentar as referências nos documentos ao longo dos anos; logo, se encontram documentos com as referências em notas de rodapé e outros com as referências organizadas em lista final. Salienta-se, ainda, que, no estudo de citações, leva-se em conta as informações apresentadas pelos autores dos artigos. Assim, não há como precisar que elas tenham sido informadas corretamente.

## 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A seguir são apresentadas as análises e interpretações de dados conforme os objetivos e os indicadores bibliométricos definidos na metodologia desta pesquisa. A produção científica publicada no periódico *Cadernos Pagu* será analisada e apresentada em seções segundo os indicadores científicos delimitados na metodologia: indicadores de produção, indicadores de colaboração e indicadores de citações.

### 4.1 INDICADORES DE PRODUÇÃO

Aqui são apresentadas as análises e interpretação dos resultados dos artigos publicados nas seções “Artigos”, “Dossiês” e “Debates” do periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019. Nos 27 anos analisados neste estudo, foram publicados 57 fascículos do periódico. Entre esses 57 fascículos, foram encontrados 397 artigos, 34 debates e 301 dossiês, totalizando os 732 artigos que fazem parte do *corpus* da pesquisa. A Tabela 2 apresenta esses dados agrupados por décadas e faz a diferenciação da quantidade de artigos em cada seção para possibilitar uma visão geral. Nas tabelas seguintes, as três seções – “Artigos”, “Dossiês” e “Debates” – serão apresentadas de forma conjunta.

**Tabela 2** – Quantidade de artigos publicados nas seções “Artigos”, “Debates” e “Dossiês” por período, ano e número do periódico *Cadernos Pagu*

Período	Ano de publicação	Fascículo	n. seção Artigos	n. seção Debates	n. seção Dossiês	Quantidade de artigos por fascículo	Quantidade de citações por fascículo
10 anos	1993	1	7	-	-	7	122
	1994	2	6	-	-	6	335
	1994	3	5	3	-	8	204
	1995	4	7	-	3	10	237
	1995	5	8	-	-	8	183
	1996	6 e 7	9	1	-	10	268
	1997	8 e 9	11	-	-	11	364
	1998	10	13	-	-	13	404
	1998	11	-	13	7	20	390
	1999	12	7	-	13	20	280
	1999	13	4	-	6	10	298
	2000	14	10	-	-	10	264
	2000	15	3	-	9	12	388
	2001	16	4	-	7	11	329
	2002	17/18	3	-	8	11	435
	2002	19	10	-	-	10	373

<b>Total parcial</b>	<b>-</b>	<b>19</b>	<b>107</b>	<b>17</b>	<b>53</b>	<b>177</b>	<b>4874</b>
10 anos	2003	20	2	-	4	6	148
	2003	21	3	-	6	9	270
	2004	22	3	-	7	10	284
	2004	23	10	-	-	10	364
	2005	24	6	-	5	11	320
	2005	25	11	-	-	11	278
	2006	26	3	-	12	15	336
	2006	27	3	-	11	14	430
	2007	28	3	-	11	14	413
	2007	29	5	-	11	16	429
	2008	30	9	-	9	18	194
	2008	31	7	-	13	20	356
	2009	32	7	-	4	11	285
	2009	33	12	-	-	12	306
	2010	34	5	-	7	12	301
	2010	35	4	-	5	9	147
	2011	36	6	-	6	12	348
	2011	37	5	-	11	16	369
	2012	38	5	-	8	13	341
	2012	39	5	-	8	13	503
<b>Total parcial</b>	<b>-</b>	<b>20</b>	<b>114</b>	<b>0</b>	<b>138</b>	<b>252</b>	<b>6422</b>
7 anos	2013	40	10	-	-	10	457
	2013	41	10	9	-	19	506
	2014	42	9	-	7	16	478
	2014	43	8	-	5	13	555
	2015	44	7	-	8	15	522
	2015	45	11	-	7	18	480
	2016	46	10	-	6	16	489
	2016	47	20	-	-	20	702
	2016	48	4	-	5	9	445
	2017	49	8	-	11	19	169
	2017	50	8	-	14	22	631
	2017	51	12	-	8	20	184
	2018	52	10	-	10	20	265
	2018	53	8	8	-	16	122
	2018	54	7	-	10	17	394
	2019	55	15	-	9	24	493
	2019	56	12	-	10	22	186
2019	57	7	-	-	7	313	
<b>Total parcial</b>	<b>-</b>	<b>18</b>	<b>176</b>	<b>17</b>	<b>110</b>	<b>303</b>	<b>7391</b>
<b>TOTAL</b>	<b>-</b>	<b>57</b>	<b>397</b>	<b>34</b>	<b>301</b>	<b>732</b>	<b>18687</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

É possível perceber o desenvolvimento do perfil de publicação do periódico ao longo dos anos. No primeiro período, de 1993 a 2002, não há um padrão no número de fascículos publicados por ano, com um fascículo no ano de 1993, o que pode ser explicado por ser o primeiro ano do periódico. Por ser o primeiro fascículo e

pelo periódico ainda estar em fase de definição de sua política editorial, todos os artigos publicados eram de integrantes do Núcleo Pagu (PISCITELLI; BELELI; LOPES, 2003). As publicações passaram, então, para dois fascículos por ano de 1994 a 2000, porém, com os fascículos 6 e 7, do ano de 1996, e com os 8 e 9, de 1997, sendo publicados de forma conjunta, e três fascículos no ano de 2002, tendo sido os números 17 e 18 publicados de forma também conjunta. No segundo período, dos anos de 2003 até 2012, forma-se um padrão de publicação de dois fascículos por ano. Padrão que se repete nos primeiros anos (de 2013 até 2015) do terceiro período. A partir do ano de 2016, esse padrão se altera, com o periódico passando a publicar três fascículos por ano até o ano de 2019.

Quanto ao número total de artigos publicados por fascículo, ou seja, somando o número de documentos das seções “Artigos”, “Debates” e “Dossiês”, identifica-se um aumento da quantidade de artigos por período. No primeiro período, foram publicados 177 artigos, já no segundo, esse número sobe pra 252, com 75 artigos a mais que o período anterior. O mesmo ocorre com o terceiro período, no qual o periódico publicou 303 artigos, com 51 artigos a mais que o período imediatamente anterior. Importante notar que o terceiro período contempla sete anos, enquanto os primeiros períodos englobam 10 anos cada, o que pode explicar o aumento desigual de um período para o outro. Esse aumento da quantidade de documentos por período pode ser explicado pelos financiamentos da FAPESP e FAEP e, principalmente, do CNPq, recebidos pelo periódico a partir do ano de 1996, o que, segundo Psicitelli, Beleli e Lopes (2003), foi de extrema importância para o avanço editorial do *Cadernos Pagu*. A Tabela 3 apresenta alguns resultados relacionados:

**Tabela 3** – Estatísticas descritivas dos artigos publicados por fascículo do periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

<b>Média</b>	13,5
<b>Desvio padrão</b>	4,59
<b>Mediana</b>	12,5
<b>Moda</b>	10
<b>Mínimo</b>	6
<b>Máximo</b>	24

Fonte: Dados da pesquisa.

Observando o número de artigos publicados por fascículo, é possível identificar que a quantidade mínima de artigos publicadas em um fascículo do *Cadernos Pagu* é seis, e a quantidade máxima é 24. Assim, é possível determinar uma média de 13,5

artigos por fascículo. Infere-se que a média de artigos por fascículo encontrada se deva ao alto volume de documentos publicados no último período de análise em relação aos dois primeiros.

Em relação aos idiomas de publicação, encontrou-se artigos em português, espanhol e bilingue, conforme a Tabela 4.

**Tabela 4** – Idioma de publicação dos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019 por período de tempo

	1993-2002	2003-2012	2013-2019	TOTAL B 1993-2019
Português	171	226	175	572
%Total A	96,6%	89,7%	57,8%	-
%Total B	23,4%	30,9%	23,9%	78,1%
Espanhol	6	26	50	82
%Total A	3,4%	10,3%	16,5%	-
%Total B	23,4%	3,6%	6,8%	11,2%
Bilíngue	0	0	78	78
%Total A	0%	0%	25,7%	-
%Total B	0%	0%	10,7%	10,7%
<b>TOTAL A</b>	<b>177</b>	<b>252</b>	<b>303</b>	<b>-</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

É possível identificar a alteração do perfil de publicação pelos períodos analisados em relação ao idioma de publicação. Português é o idioma com maior número de artigos, totalizando 572 (78,1%), o que se repete em todos os períodos: de 1993 a 2002 são 171 artigos, de 2003 a 2012 são 226, e de 2013 a 2019 são 175 artigos. A prevalência do português como idioma de publicação dos artigos publicados no periódico pode ser explicada por esse ser o idioma do país de publicação, bem como pelo fato de o *Cadernos Pagu* ter por característica a preocupação com a tradução de textos estrangeiros inéditos que sejam importantes para a área de estudos de gênero (PISCITELLI; BELELI; LOPES, 2003).

O espanhol aparece em segundo lugar no total, com 82 artigos (11,2%). Em relação aos períodos, aparece com seis documentos de 1993 a 2002 e 26 de 2003 a 2012 – 20 artigos a mais do que no primeiro período. A mesma tendência é percebida no terceiro período, em que aparece como idioma de publicação de 50 artigos, com 24 a mais que no período anterior. Fato esse que está de acordo com as políticas editoriais do *Cadernos Pagu*, que até o ano de 2015 aceitava artigos em português e espanhol. A partir do ano de 2015, passou a aceitar também submissões no idioma inglês, o que pode ser identificado ao analisar os dados do

terceiro período, quando, além dos artigos em português e espanhol, foram publicados 78 artigos bilingues, ou seja, em dois idiomas. A presença de 78 artigos bilingues entre 2013 e 2019 mostra os esforços do periódico em se tornar bilingue (FACCHINI, 2017b). Ao observar as modificações ao longo dos períodos, é possível perceber a busca do *Cadernos Pagu* pela diversificação em sua política editorial e também pela internacionalização. Esforço semelhante acontece por parte da SciELO, que publicou dois volumes do periódico *Cadernos Pagu* pela coleção temática *SciELO Social English Edition*.

Em sua análise bibliométrica sobre o periódico *Faces de Eva*, de Portugal, Vieira *et al.* (2016) identificaram a predominância do português como idioma de publicação, seguido pelo francês, espanhol e inglês. As autoras relacionam o resultado ao âmbito disciplinar no qual a revista se insere, no caso, as Ciências Sociais. Packer (2011) indica que a publicação de artigos em inglês na SciELO varia de acordo com a área de conhecimento, sendo a publicação em português majoritária em relação ao inglês nas áreas de Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e em Literatura, Linguística e Letras. Leite, Mugnaini e Leta (2011) trazem dados sobre a internacionalização da produção brasileira através de levantamento feito a partir do banco de dados Lattes. Os pesquisadores afirmam que o perfil de publicação sofre influência do campo de conhecimento em que está inserido.

A partir dos dados de sua pesquisa, Leite, Mugnaini e Leta (2011) assinalam que as áreas de Linguística e Artes, Ciências Sociais e Humanas apresentam perfil de publicação predominantemente nacional, o que, em sua pesquisa, significa que possuem publicações em português. Os estudos de gênero têm suas publicações majoritariamente ligadas às áreas de Ciências Sociais e Humanas, assim, percebe-se que as publicações no periódico *Cadernos Pagu* estão de acordo com o perfil de publicação das Ciências Sociais e Humanas, com a predominância de artigos publicados em português e com o crescimento de publicações em inglês visando a internacionalização de sua produção.

#### **4.1.1 Temática dos documentos publicados**

Para a análise das temáticas dos artigos publicados no *Cadernos Pagu*, foram consideradas as palavras-chave indicadas pelos autores. No estudo de Matos (2018) sobre a *Revista Estudos Feministas*, foi utilizado o *Tesouro para Estudos de*

*Gênero e sobre Mulheres*, da Fundação Carlos Chagas, para classificar os artigos parte do *corpus* da pesquisa em grupos temáticos a partir de vocabulário controlado. No presente estudo não se utilizou essa estratégia pelo tamanho do *corpus* de pesquisa e também para buscar compreender o uso do "discurso comum" (LANCASTER, 1993) pela comunidade de pesquisadores da área de estudos de gênero, pois esta é "[...] a linguagem utilizada habitualmente na escrita e na fala [...]" (LANCASTER, 1993, p. 200).

Entre os 732 artigos do *corpus* da pesquisa, 50 não indicaram palavras-chave. Ao observar por período, identifica-se 11 artigos sem palavras-chave entre 1993 e 2002, 18 entre 2003 e 2012, e 21 entre 2013 e 2019. Esses artigos são, em todos os períodos, das seções "Dossiês" e "Debates". Assim, percebe-se que todos os artigos da seção "Artigos" apresentam uma ou mais palavras-chave, mas nem todos os publicados nas seções "Dossiês" e "Debates" fazem o mesmo.

Nos demais 667 artigos, encontraram-se 2.854 palavras-chave (503, 1016 e 1255 por período, respectivamente), havendo 1.574 termos diferentes. Como explicitado na metodologia, pela característica do *Cadernos Pagu* de prezar pela publicação de artigos em diferentes idiomas, optou-se por contar de forma separada as palavras de mesmo significado grafadas em idiomas diferentes.

Ao analisar a ocorrência das palavras-chave, encontrou-se que a mais utilizada esteve presente em 211 artigos. Identificou-se, também, que 1279 foram utilizadas apenas uma vez, sendo 297 no primeiro período, 542 no segundo e 687 no terceiro.

**Tabela 5 – Palavras-chave dos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* por período**

1993-2002			2003-2012			2013-2019		
Palavra-chave	Freq.	%	Palavra-chave	Freq.	%	Palavra-chave	Freq.	%
Gênero	40	22,6	Gênero	84	33,3	Gênero	87	28,7
Mulheres	37	20,9	Sexualidade	21	8,3	Sexualidade	34	11,2
Feminismo	18	10,2	Mulheres	12	4,8	Feminismo	20	6,6
Sexualidade	12	6,8	Feminismo	11	4,4	Gênero	15	5,0
Simone de Beauvoir	12	6,8	Prostituição	11	4,4	Violência	13	4,3
Século XX	11	6,2	Masculinidade	10	4,0	Corpo	11	3,6
Feminismos	10	5,6	Raça	10	4,0	Feminismos	10	3,3
Corpo	9	5,1	Relações de Gênero	9	3,6	Mulheres	9	3,0
Raça	9	5,1	Tráfico de Pessoas	8	3,2	Política	9	3,0
Masculinidade	8	4,5	Família	7	2,8	Brasil	8	2,6
Homens	6	3,4	Gênero	7	2,8	Direitos Humanos	7	2,3
Família	5	2,8	Homossexualidade	7	2,8	Estado	6	2,0
Literatura brasileira	5	2,8	Identidade	7	2,8	Homossexualidade	6	2,0
Sociedade	5	2,8	Pornografia	7	2,8	Internet	6	2,0
Literatura	4	2,3	Corpo	6	2,4	Prisão	6	2,0
Prostituição	4	2,3	Direitos Humanos	6	2,4	Raça	6	2,0
Religião	4	2,3	Juventude	6	2,4	Antropologia	5	1,7
Cidadania	3	1,7	Mídia	6	2,4	Autonomia	5	1,7
Gênero	3	1,7	Parentesco	6	2,4	Cuidado	5	1,7
História	3	1,7	Erotismo	5	2,0	Etnografia	5	1,7
História Oral	3	1,7	Literatura	5	2,0	Identidade	5	1,7
Identidade	3	1,7	Brasil	4	1,6	Judith Butler	5	1,7
Memória	3	1,7	Imigração	4	1,6	Mariza Corrêa	5	1,7
Nação	3	1,7	Migração	4	1,6	Mídia	5	1,7
Política	3	1,7	Moda	4	1,6	Movimentos Sociais	5	1,7
Sedução	3	1,7	Subjetividade	4	1,6	Parentesco	5	1,7
Aborto	2	1,1	Violência	4	1,6	Relações de Gênero	5	1,7
Amor	2	1,1	África do Sul	3	1,2	Trabalho	5	1,7
Antropologia	2	1,1	Antropologia	3	1,2	África do Sul	4	1,3
Biografia	2	1,1	Casamento	3	1,2	Argentina	4	1,3
Demais palavras-chave com até 2 ocorrências	26	–	Demais palavras-chave com até 2 ocorrências	81	–	Demais palavras-chave com até 2 ocorrências	101	–
Palavras-chave com 1 ocorrência	297	–	Palavras-chave com 1 ocorrência	542	–	Palavras-chave com 1 ocorrência	687	–
<b>TOTAL de palavras-chave</b>	<b>583</b>	–	<b>TOTAL de palavras-chave</b>	<b>1016</b>	–	<b>TOTAL de palavras-chave</b>	<b>1255</b>	–
<b>TOTAL de artigos sem palavras-chave</b>	<b>11</b>	–	<b>TOTAL de artigos sem palavras-chave</b>	<b>18</b>	–	<b>TOTAL de artigos sem palavras-chave</b>	<b>21</b>	–

Fonte: Dados da pesquisa.

“Gênero” é a palavra-chave mais utilizada para descrever os artigos publicados no periódico, ocorrendo 211 vezes (40, 84 e 87 respectivamente). Salienta-se a presença do mesmo termo grafado no idioma espanhol entre as palavras mais frequentes: “*género*” é utilizado 25 vezes. Assim, dos 732 artigos, 236 utilizam o termo “gênero”. O segundo termo mais frequente é “sexualidade”, com 67 ocorrências, seguido de “mulheres”, com 58.

Esses termos são os mais utilizados para descrever os artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* e geralmente são acompanhados por outras palavras-chave mais específicas. “Gênero”, por exemplo, foi utilizado para descrever um artigo junto dos termos “performance” e “masculinidade” e em outro artigo foi utilizado junto de “universalidade das ciências” e de “conhecimentos situados”.

As palavras-chave do primeiro grupo estão de acordo com o próprio desenvolvimento dos estudos de gênero, uma vez que esses estudos surgiram historicamente a partir do feminismo. No início do movimento feminista e de sua institucionalização na universidade, o uso do termo “gênero” muitas vezes era usado como sinônimo de mulher para sustentar essas pesquisas enquanto paradigma disciplinar (SCOTT, 1995). O mesmo aconteceu no Brasil, em que o termo “gênero” muitas vezes apenas substituiu o termo “mulher” (COSTA; SANDENBERG, 1994), uma vez que a adoção desse termo afastava o peso político do feminismo (HEILBORN; SORJ, 1999; ZIRBEL, 2007). Os resultados encontrados estão de acordo, ainda, com os encontrados por Hoppen e Vanz (2020), que caracterizaram as pesquisas da área na Web of Science até o ano de 2017. A presença da palavra “sexualidade” também foi encontrado pelas autoras, que acreditam que sua presença demonstra que essa temática é parte dos estudos de gênero (HOPPEN; VANZ, 2020).

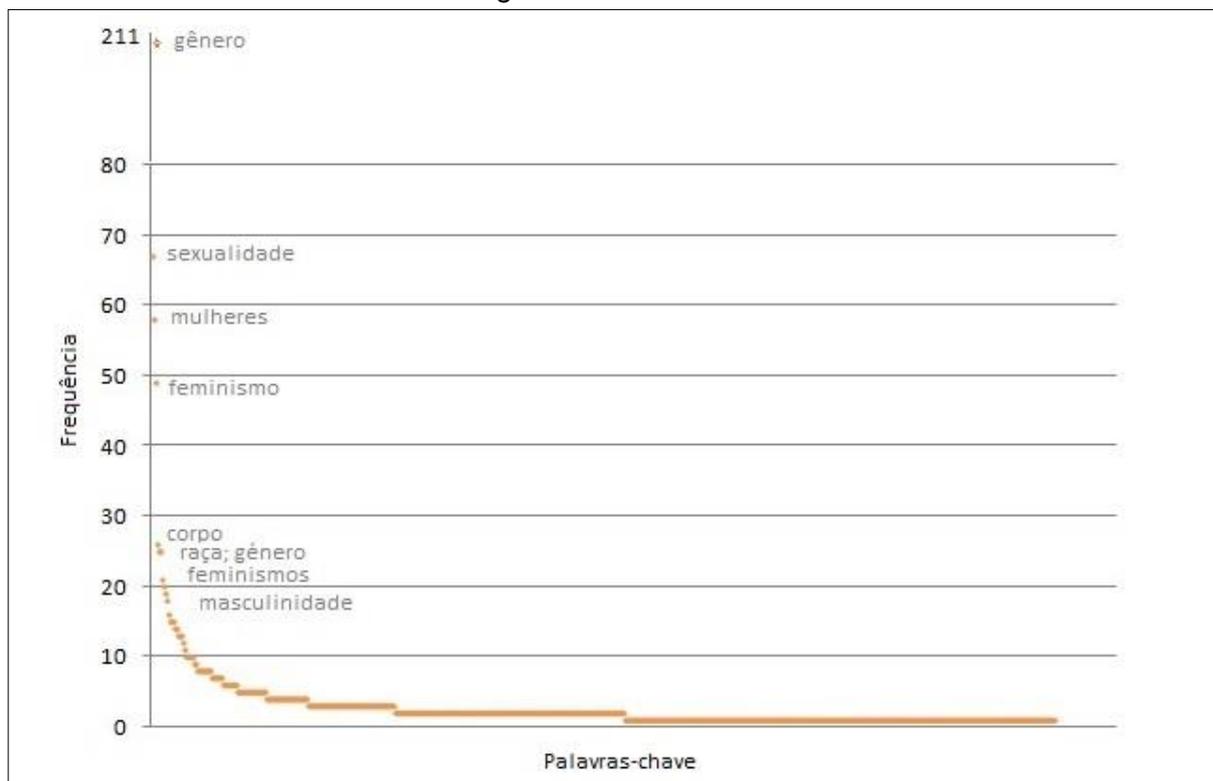
Quanto ao termo “raça”, é possível traçar paralelos com os resultados de Matos (2018) na *Revista Estudos Feministas*, uma vez que a autora indica que “estudos de gênero, classe e raça”, com recortes para questões raciais, estavam entre os termos que mais apareceram na temática mais frequente de sua pesquisa, grande área identificada com a utilização do tesauro era “Ciências Sociais e Culturas”. A presença do termo “raça” nesta pesquisa também pode ser explicada pelos fascículos da revista com documentos voltados para a temática, como o 6-7 de 1996, *Raça e Gênero* e o 35, do ano de 2010, com o *Dossiê Raça e Sexualidade em diferentes contextos*.

O termo “masculinidade” é utilizado em 20 artigos. Palavra que também apareceu nos resultados de Medeiros (2018), Matos (2018) e nos resultados de Hoppen e Vanz (2020). Apesar de “gênero” ter sido utilizado como sinônimo para “feminismo” e “mulher”, como acima citado, ao longo do desenvolvimento dos estudos de gênero, as temáticas de análise foram se expandindo, principalmente na chamada terceira fase do feminismo, quando os estudos da área recebem forte influência do pós-estruturalismo e passam a se dedicar também a questões de subjetividade e aspectos relacionais, identitários e pós-identitários do sujeito. Época, ainda, que foi marcada pelo lançamento do livro *Problemas de Gênero*, de Judith Butler, em 1990, com o qual se passa a questionar as identidades ligadas às dicotomias mulher/homem, hetero/homossexualidade. Assim, a presença do termo “masculinidade” também está de acordo com o próprio desenvolvimento dessa área de estudo.

Os termos “identidade”, “homossexualidade” e “subjetividade” também parecem estar associados ao fato de os estudos sobre a sexualidade terem se desenvolvido de forma paralela aos estudos de gênero, que teve seu desenvolvimento fortemente ligado às Ciências Sociais no país. Já a palavra “antropologia” parece estar relacionada com o fato de o periódico ter surgido vinculado ao Núcleo Pagu, cujas pesquisas são relativas a essa área de estudo – o que pode ser comprovado pela grande presença de pesquisadores do núcleo entre os mais produtivos e também pela presença da universidade (Unicamp) à qual o núcleo é ligado nas instituições com mais publicações no periódico.

Termos como “política”, “relações de gênero”, “família”, “Brasil”, “direitos humanos” e “trabalho”, por sua vez, estão em consonância com o próprio feminismo e suas lutas por direitos políticos, sociais e culturais tanto no exterior quanto no Brasil, como o movimento pelo sufrágio feminino, pelos direitos trabalhistas das mulheres camponesas e pela sindicalização, e ainda pela luta por saúde e direitos sexuais e reprodutivos. Já os termos “violência”, “prostituição”, “Simone de Beauvoir”, “família”, “parentesco”, e “tráfico de pessoas” podem ser relacionais aos fascículos voltados a essas temáticas que foram publicados ao longo dos anos no periódico.

**Gráfico 1 – Dispersão das palavras-chave utilizadas nos artigos do periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019**



Fonte: Dados da pesquisa.

A partir do Gráfico 1 é possível perceber a dispersão das palavras-chave utilizadas nos artigos do *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019. Identifica-se a concentração do uso de algumas palavras (gênero, sexualidade, mulheres, feminismo, corpo, raça, género – grafada em espanhol –, feminismos e masculinidade) e a dispersão das demais palavras-chave. É possível que a interdisciplinariedade e a grande quantidade de temas que os estudos de gênero podem abordar causem essa dispersão.

#### 4.1.2 Autoria dos artigos publicados

Nos 732 artigos analisados do *corpus* da pesquisa, foram encontrados 709 autores. Após a limpeza dos dados, restaram 704 autores. A média de publicações de artigos por autores é de 1,2. A autora mais produtiva publicou 13 artigos no *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019, e os menos produtivos publicaram um artigo cada (Tabela 6).

**Tabela 6** – Quantidade de autores por número de artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

<b>Autores</b>	<b>Quantidade de artigos publicados</b>	<b>% sobre o total de autores</b>
1 autor	13 artigos	0,1
2 autores	9 artigos	0,3
2 autores	6 artigos	0,3
6 autores	5 artigos	0,9
10 autores	4 artigos	1,4
21 autores	3 artigos	3,0
59 autores	2 artigos	8,4
603 autores	1 artigo	85,7
<b>704 autores</b>	<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 704 autores que publicaram no periódico, 101 (14,3%) voltaram a publicar, e 603 autores (85,7%) publicaram apenas uma vez. Observa-se, assim, que a distribuição de produtividade dos autores no periódico *Cadernos Pagu* está de acordo com o indicado na comunicação científica, sendo próxima aos números indicados pela Lei de Lotka. Segundo essa lei, cerca de 75% dos autores publicam apenas um documento, e 10% dos autores mais produtivos publicam aproximadamente metade da literatura científica (ALVARADO, 2009).

Esse resultado está de acordo com o que foi identificado por Matos (2018) e Diniz e Foltran (2004) em seus levantamentos na *Revista Estudos Feministas*; por Vieira *et al.* (2016) no periódico *Faces de Eva*, de Portugal; e de Hoppen e Vanz (2020) em sua pesquisa na WoS. A publicação individual é, ainda, uma característica das Ciências Sociais e Humanidades (MEADOWS, 1999), área à qual os estudos de gênero são histórica e majoritariamente ligados. O próprio periódico *Cadernos Pagu*, apesar do esforço pela diversificação temática e de áreas de abrangência, tem forte influência das Ciências Sociais e Humanidades, em especial da Antropologia, por sua ligação ao Núcleo Pagu.

Para a análise dos autores de publicação mais frequente no *Cadernos Pagu*, considerou-se a Lei de Price ou "teoria da raiz quadrada" (ALVARADO, 2009). A raiz quadrada dos 704 autores do *corpus* da pesquisa é 26,5. Limitou-se, assim, à análise dos 21 autores mais frequentes, ou seja, aqueles que possuem no mínimo quatro publicações no periódico entre 1993 e 2019 (Tabela 7).

**Tabela 7** – Autores mais frequentes na produção do periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

<b>Autor</b>	<b>Número de artigos publicados</b>	<b>% (total de documentos)</b>	<b>Instituição*</b>	<b>Tipo</b>
Piscitelli, Adriana	13	1,8	Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP	Universidade pública
Corrêa, Mariza	9	1,2	Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP	Universidade pública
Miskolci, Richard	9	1,2	Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/SP	Universidade pública
Gregori, Maria Filomena	6	0,8	Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP	Universidade pública
Moraes, Maria Lygia Quartim	6	0,8	Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP	Universidade pública
Facchini, Regina	5	0,7	Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP	Universidade pública
França, Isadora Lins	5	0,7	Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP	Universidade pública
Machado, Lia Zanotta	5	0,7	Universidade de Brasília – UNB/DF	Universidade pública
Pontes, Heloisa	5	0,7	Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP	Universidade pública
Simões, Júlio Assis	5	0,7	Universidade de São Paulo – USP/SP	Universidade pública
Tarducci, Monica	5	0,7	Universidad de Buenos Aires – UBA/Buenos Aires – Argentina	Universidade pública
Fonseca, Claudia	4	0,5	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/RS	Universidade pública
Kofes, Maria Suely	4	0,5	Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP	Universidade pública
Lopes, Maria Margaret	4	0,5	Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP	Universidade pública
Lowenkron, Laura	4	0,5	Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/RJ	Universidade pública
Mott, Maria Lucia	4	0,5	Universidade de São Paulo – USP/SP	Universidade pública
Moutinho, Laura	4	0,5	Universidade de São Paulo – USP/SP	Universidade pública
Padovani, Natália Corazza	4	0,5	Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP	Universidade pública

Rago, Luiza Margareth	4	0,5	Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/SP	Universidade pública
Rohden, Fabiola	4	0,5	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/RS	Universidade pública
Vianna, Adriana	4	0,5	Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/RJ	Universidade pública
Demais 683 autores	619	84,6	-	-

\*A instituição utilizada para análise neste estudo é a indicada pelos autores nos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu*. Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se que, entre os autores mais frequentes, têm-se um destaque de pesquisadores da Unicamp, da qual o periódico *Cadernos Pagu* faz parte. Os autores mais frequentes que estão ligados ao Núcleo Pagu são Adriana Piscitelli, com 13 (1,8%) artigos publicados no periódico, Mariza Corrêa, com nove (1,2%), Maria Filomena Gregori e Maria Lygia Quartim de Moraes, com seis (0,8%) artigos cada, Regina Facchini, Isadora Lins França e Heloísa Pontes com cinco (0,7%) artigos cada, e Maria Suely Kofes, Maria Margareth Lopes, Natália Corazza Padovani e Margareth Rago, com quatro (0,5%) artigos cada. Os pesquisadores com vínculo com o *Cadernos Pagu* (segundo informações do site do Núcleo de Pagu e do currículo Lattes dos autores) perfazem 8,7% dos documentos do *corpus* da pesquisa, sendo 11 dos 21 autores com maior frequência de publicação no periódico.

Além desses, mais dois pesquisadores possuem vínculo com o Núcleo Pagu apesar de serem docentes filiados a outras universidades. É o caso de Richard Miskolci, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com nove (1,2%) artigos, e de Júlio Assis Simões, da Universidade de São Paulo (USP) que possui cinco (0,7%) artigos publicados no periódico. Somando esses pesquisadores, temos que 13 dos 21 autores mais frequentes no *Cadernos Pagu* possuem vínculo com o Núcleo Pagu, com um total de 10,6% dos artigos analisados nesta pesquisa.

A grande quantidade de artigos publicados por pesquisadores filiados à Unicamp levanta a discussão sobre endogenia, que consiste na prática de publicar em periódicos da instituição de filiação. André *et al.* (2014), ao realizar uma análise bibliométrica do periódico *Transinformação*, da área da Ciência da Informação da PUC-Campinas, de 1989 a 2011, identificaram a própria PUC-Campinas como a

universidade responsável pelo maior número de autores, principalmente nas primeiras décadas do periódico. Os autores ressaltam que a endogenia não era uma grande preocupação nesse período e destacam o baixo número de periódicos da área no país na época. É possível que o caso do *Cadernos Pagu* seja semelhante, visto que o periódico surge vinculado ao Núcleo Pagu e que seu primeiro fascículo, em 1993, foi publicado apenas com artigos de pesquisadores do núcleo.

Percebe-se os esforços pela profissionalização do *Cadernos Pagu* através de financiamentos, da definição de uma política editorial, da criação de conselho científico e comitê editorial, da adoção de pareceristas *ad hoc*, bem como pela diversificação temática, metodológica e disciplinar ao longo dos anos. A partir desse esforço, houve uma diversificação das instituições de filiação dos autores que publicaram no periódico, com uma concentração maior de autores ligados à Unicamp na primeira década do *Cadernos Pagu*. Outro fator relevante para esta análise é o baixo número de periódicos voltados para a temática de estudos de gênero no país, tendo sido o *Cadernos Pagu* pioneiro nessa área, junto à *Revista Estudos Feministas*, no escopo nacional.

Os demais autores que se destacam com maior frequência são Monica Tarducci, da Universidade de Buenos Aires (UBA), na Argentina, com cinco (0,5%) artigos publicados; Claudia Fonseca e Fabíola Rohden, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Laura Lowenkron e Adriana Vianna, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de Maria Lucia Mott e Laura Moutinho, da Universidade de São Paulo (USP), com quatro (0,5%) artigos cada.

A partir desses dados, percebe-se que os pesquisadores que mais publicaram no periódico *Cadernos Pagu* são filiados a instituições do estado de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Distrito Federal, com apenas uma pesquisadora com filiação internacional, da Argentina. Nota-se, ainda, que todos os pesquisadores mais produtivos no periódico *Cadernos Pagu* indicaram como instituição de filiação universidades públicas.

Ao comparar os dados da pesquisa com os resultados encontrados por Matos (2018) em seu estudo bibliométrico na *Revista Estudos Feministas*, identifica-se apenas três autoras em comum entre os que mais publicaram nos periódicos. São elas: Cláudia Fonseca (UFRGS), Laura Moutinho (USP) e Fabíola Rohden (UFRGS). Salienta-se que o estudo de Matos (2018) limita-se temporalmente aos anos de 2001 e 2016, e que, em uma análise na *Revista Estudos Feministas* em uma

temporalidade maior, considerando os fascículos mais antigos do periódico, talvez surgissem mais similaridades entre os autores com maior frequência de publicação.

#### 4.1.3 Filiação intitucional

Para os 732 artigos desta pesquisa, foram encontrados 251 instituições de filiação conforme indicado pelos autores nos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019. Foi realizada uma limpeza para a padronização dos dados, a partir do qual restaram 202 intituições de filiação, sendo 83 nacionais e 119 internacionais. Resultados de Matos (2018) sobre a *Revista Estudos Feministas* (REF) revelaram maioria de autores filiados a instituições nacionais (66,1% do total). Vieira *et al.* (2016) identificaram que os pesquisadores que publicaram no periódico *Faces de Eva* são majoritariamente de Portugal, ou seja, autores nacionais, seguido por pesquisadores do Brasil, dois países de língua portuguesa.

É importante salientar, porém, que a presente pesquisa no *Cadernos Pagu* se difere do estudo de Matos (2018), que inclui em seu *corpus* de pesquisa apenas os artigos da REF disponibilizados na SciELO, abrangendo o período de 2001 a 2016, e cuja análise de filiação insituicional utilizou a base de dados *Scopus*, ao contrário desta pesquisa que usou a filiação indicada pelos autores em seus artigos. Essas diferenças metodológicas não impossibilitam as comparações dos resultados nas pesquisas, mas precisam ser levadas em consideração. A Tabela 8 mostra o número de artigos distribuídos entre todas as 83 instituições brasileiras identificadas na pesquisa.

**Tabela 8** – Instituições brasileiras, número de artigos e unidade federativa dos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

	<b>Instituição</b>	<b>Número de artigos</b>	<b>% (sobre o total de artigos)</b>	<b>Unidade Federativa</b>
1 <sup>a</sup>	Universidade Estadual de Campinas	108	14,8	São Paulo
2 <sup>a</sup>	Universidade de São Paulo	46	6,3	São Paulo
3 <sup>a</sup>	Universidade Federal do Rio de Janeiro	32	4,4	Rio de Janeiro
4 <sup>a</sup>	Universidade Estadual do Rio de Janeiro	26	3,6	Rio de Janeiro
5 <sup>a</sup>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	27	3,7	Rio Grande do Sul
6 <sup>a</sup>	Universidade de Brasília	22	3	Brasília
7 <sup>a</sup>	Universidade Federal de Santa Catarina	20	2,7	Santa Catarina

8 <sup>a</sup>	Universidade Federal de Minas Gerais	18	2,5	Minas Gerais
9 <sup>a</sup>	Universidade Federal de São Carlos	17	2,3	São Paulo
10 <sup>a</sup>	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	15	2,0	São Paulo
	Universidade Federal da Bahia	12	1,6	Bahia
	Universidade Federal de Goiás	10	1,4	Goiás
	Universidade Federal Fluminense	10	1,4	Rio de Janeiro
	Fundação Oswaldo Cruz	9	1,2	Rio de Janeiro
	Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho	9	1,2	São Paulo
	Universidade Federal de São Paulo	8	1,1	São Paulo
	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	7	1,0	Rio de Janeiro
	Universidade Federal da Paraíba	7	1,0	Paraíba
	Universidade Federal de Pernambuco	5	0,7	Pernambuco
	Universidade Federal de Uberlândia	5	0,7	Minas Gerais
	Universidade Federal do Pará	5	0,7	Pará
	Universidade Federal de Sergipe	4	0,5	Sergipe
	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	4	0,5	Bahia
	Universidade Federal do Paraná	3	0,4	Paraná
	Fundação Carlos Chagas	3	0,4	São Paulo
	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	3	0,4	Rio Grande do Norte
	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	3	0,4	Minas Gerais
	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	3	0,4	Rio Grande do Sul
	Universidade Federal do Ceará	3	0,4	Ceará
	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	3	0,4	Rio de Janeiro
	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	2	0,3	Paraná
	Universidade Federal Rural de Pernambuco	2	0,3	Pernambuco
	Universidades da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira	2	0,3	Ceará
	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - CEBRAP	2	0,3	São Paulo
	Centro de Apoio ao Migrante /SPM /CNBB	2	0,3	São Paulo
	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ	2	0,3	Brasília
	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	2	0,3	São Paulo
	Themis - Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero	2	0,3	Rio Grande do Sul
	Universidade Estadual de Maringá	2	0,3	Paraná
	Universidade Federal de Juiz de Fora	2	0,3	Minas Gerais
	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	2	0,3	Mato Grosso do Sul
	Universidade Federal de Santa Maria	2	0,3	Rio Grande do Sul

Universidade do Vale do Taquari	1	0,1	Rio Grande do Sul
Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada	1	0,1	Brasília
Associação Brasileira de Defesa da Mulher, da Infância e da Juventude	1	0,1	São Paulo
Assessora técnica do Senado Federal	1	0,1	Brasília
Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS – Observatório de Sexualidade e Política/SPW	1	0,1	Rio de Janeiro
Centro Universitário Católica do Leste de Minas Gerais	1	0,1	Minas Gerais
Centro Universitário Senac	1	0,1	São Paulo
Escola de Tenente Rêgo Barros	1	0,1	Pará
Instituto Butantan	1	0,1	São Paulo
Instituto de Saúde da Secretaria de Estado de São Paulo SESSP	1	0,1	São Paulo
Núcleo de Combate à Discriminação da CODIN/PR	1	0,1	Paraná
O Estado de S.Paulo	1	0,1	São Paulo
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	1	0,1	Paraná
Prefeitura Municipal de Ituiutaba	1	0,1	Minas Gerais
Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça	1	0,1	Brasília
UBM – União Brasileira de Mulheres	1	0,1	São Paulo
Universidade Anhembi Morumbi	1	0,1	São Paulo
Universidade Bandeirantes de São Paulo	1	0,1	São Paulo
Universidade Cândido Mendes	1	0,1	Rio de Janeiro
Universidade Católica de Salvador	1	0,1	Bahia
Universidade de Uberaba	1	0,1	Minas Gerais
Universidade do Estado de Minas Gerais	1	0,1	Minas Gerais
Universidade do Estado de Santa Catarina	1	0,1	Santa Catarina
Universidade do Sul de Santa Catarina	1	0,1	Santa Catarina
Universidade Estadual de Londrina	1	0,1	Paraná
Universidade Estadual de Montes Claros	1	0,1	Minas Gerais
Universidade Estadual do Norte do Pará	1	0,1	Pará
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	1	0,1	Paraná
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul	1	0,1	Rio Grande do Sul
Universidade Federal do ABC	1	0,1	São Paulo
Universidade Federal do Acre	1	0,1	Acre
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	1	0,1	Rio de Janeiro
Universidade Federal do Maranhão	1	0,1	Maranhão
Universidade Federal do Mato Grosso	1	0,1	Mato Grosso
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará	1	0,1	Pará
Universidade Federal do Tocantins	1	0,1	Tocantins

Universidade Metodista de Piracicaba	1	0,1	São Paulo
Universidade Paulista	1	0,1	São Paulo
Universidade Regional de Blumenau	1	0,1	Santa Catarina
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	1	0,1	Rio Grande do Sul
Universidade Salgado de Oliveira	1	0,1	Rio de Janeiro

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se que pesquisadores de 41 instituições nacionais não voltaram a publicar no periódico *Cadernos Pagu*. Em relação às 10 instituições com maior frequência de publicação, percebe-se o destaque das universidades das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Dessas universidades, apenas uma, a décima, é privada, confirmando a prevalência de publicações de universidades federais públicas. A produção científica no Brasil é majoritariamente ligada às universidades e institutos de pesquisa do setor público (LETA; GLÄNZEL; THIJS, 2006; OLIVEIRA; AMARAL, 2012).

Levando em consideração o *ranking* da Clarivate Analytics Company (2019), que traz as universidades brasileiras com a maior produção na Web of Science (WoS) entre 2013 e 2018, identificam-se seis universidades em comum entre as 10 mais produtivas no *Cadernos Pagu* e na WoS – Universidade Estadual de Campinas, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal de Minas Gerais. Dentre as 10 mais produtivas no *Cadernos Pagu*, duas – Universidade de Brasília e Universidade Federal de São Carlos – encontram-se entre as 15 universidades com mais produção na WoS. Dessa forma, é possível inferir que a produção no *Cadernos Pagu* está de acordo com a produção brasileira. A Tabela 9 permite a visualização das publicações das instituições nacionais por região e estado.

**Tabela 9** – Número de instituições e de artigos por estado e unidade federativa do Brasil com publicação no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

Região	Estado	Número de instituições	Número de artigos	% (sobre o total de artigos)	
Norte	Amazonas (AM)	0	0	0,0	
	Pará (PA)	4	7	1,0	
	Acre (AC)	1	1	0,1	
	Rondônia (RO)	0	0	0,0	
	Roraima (RR)	0	0	0,0	
	Amapá (AP)	0	0	0,0	
	Tocantins (TO)	1	1	0,1	
	<b>Total</b>	-	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>1,2</b>
Nordeste	Maranhão (MA)	1	1	0,1	
	Piauí (PI)	0	0	0,0	
	Ceará (CE)	2	5	0,7	
	Rio Grande do Norte (RN)	1	3	0,4	
	Paraíba (PB)	1	7	1,0	
	Pernambuco (PE)	2	6	0,8	
	Alagoas (AL)	0	0	0,0	
	Sergipe (SE)	1	4	0,5	
	Bahia (BA)	3	16	2,2	
	<b>Total</b>	-	<b>11</b>	<b>42</b>	<b>5,7</b>
	Centro-oeste	Mato Grosso (MT)	1	1	0,1
Mato Grosso do Sul (MS)		1	2	0,3	
Goiás (GO)		1	10	1,4	
Distrito Federal (DF)		5	27	3,7	
<b>Total</b>		-	<b>8</b>	<b>40</b>	<b>5,5</b>
Sudeste	Minas Gerais (MG)	9	31	4,2	
	São Paulo (SP)	21	273	37,3	
	Rio de Janeiro (RJ)	10	86	11,7	
	Espírito Santo (ES)	0	0	0,0	
<b>Total</b>	-	<b>40</b>	<b>389</b>	<b>53,2</b>	
Sul	Paraná (PR)	7	11	1,5	
	Santa Catarina (SC)	4	20	2,7	
	Rio Grande do Sul (RS)	7	34	4,6	
	<b>Total</b>	-	<b>18</b>	<b>65</b>	<b>8,8</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

A unidade federativa brasileira com maior número de publicações no *Cadernos Pagu* é São Paulo, com 273 artigos (37,3%), estado que também perfaz o maior número de instituições (21) que publicaram no periódico. Na segunda posição aparece o Rio de Janeiro, com 86 artigos (11,7%) e 10 instituições, seguido por Rio Grande do Sul, com 34 artigos (4,6%) e sete instituições, Minas Gerais, com 31 artigos (4,2%) e nove instituições, Distrito Federal, com 27 artigos (3,7%) e cinco instituições, Santa Catarina, com 20 artigos (2,7%) e quatro instituições, Bahia, com

16 artigos (2,2%) e três instituições, Paraná, com 11 artigos (1,5%) e sete instituições, e Goiás, com 10 artigos (1,4%) e uma instituição. As demais unidades Federativas representam 1% ou menos cada: Pará (1,0%), Acre (0,1%), Tocantins (0,1%), Maranhão (0,1%), Ceará (0,7%), Rio Grande do Norte (0,4%), Paraíba (1,0%), Pernambuco (0,8%), Sergipe (0,5%), Mato Grosso (0,1%) e Mato Grosso do Sul (0,3%). Amazonas, Rondônia, Roraima, Amapá, Piauí, Alagoas e Espírito Santo não possuem publicações. Assim, 20 das 27 unidades federativas brasileiras apresentam pelo menos um artigo publicado no *Cadernos Pagu*.

Em relação às regiões do Brasil, o Sudeste tem destaque em número percentual de publicações (53,2%) e em número de instituições (40), seguido pela região Sul, que perfaz 8,8% de artigos por 18 instituições. Percebe-se que, entre essas duas regiões, a relação entre o número de publicações e instituições é desigual, uma vez que metade das instituições da região Sul (18) publicaram 44,4% menos artigos do que a região Sudeste. Esse fato pode estar ligado ao alto volume de artigos (273) e instituições do estado de São Paulo (21). No Brasil, percebe-se a concentração da produção científica na região Sudeste, com predominância das capitais e, ainda, com destaque do estado de São Paulo e da cidade de São Paulo. De acordo com a literatura, a produção científica paulista possui peso no contexto nacional (MUGNAINI; JANNUZZI; QUONIAM, 2004; SIDONE; HADDAD; MENA-CHALCO, 2016). As demais regiões apresentam uma relação similar entre a porcentagem de publicações e volume de instituições: Centro-Oeste (5,5% e oito instituições), Nordeste (5,7% e 11 instituições) e Norte (1,2% e seis instituições). Todas as regiões possuem artigos publicados no *Cadernos Pagu*.

Os resultados de publicação por região encontrados por Matos (2018) na *Revista Estudos Feministas* são semelhantes: Sudeste (43,53%), Sul (33,62%), Centro-Oeste (10,77%), Nordeste (9,91%) e Norte (2,15%). Em relação aos estados, Matos (2018) identificou o Rio Grande do Sul como o estado com maior número de publicações, seguido pelo Rio de Janeiro e São Paulo. Vieira *et al.* (2016) indicam São Paulo e Rio Grande do Sul como os dois estados brasileiros com maior quantidade de artigos publicados no *Faces de Eva*.

Sidone, Haddad e Mena-Chalco (2016) e Hoppen *et al.* (2017) afirmam que mesmo com o crescimento da produção científica brasileira como um todo, há disparidade quando se analisa esse crescimento por regiões e estados. Fato ocorrido devido à forma pela qual se deu a institucionalização do ensino superior no

Brasil e, também, como afirmam os autores, pelas desigualdades econômicas e históricas ligadas ao desenvolvimento das regiões e estados brasileiros. Sidone, Haddad e Mena-Chalco (2016) apontam que a produção científica brasileira é concentrada especialmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Esses estados, para os autores, formam o núcleo de produção científica nacional, e são os mesmos que se destacam no *Cadernos Pagu* como os mais produtivos. Assim, identifica-se que a desigualdade das publicações do *Cadernos Pagu* quanto aos estados e regiões de filiação dos autores parece estar de acordo com o desenvolvimento da ciência no Brasil de forma geral.

O periódico *Cadernos Pagu* tem uma grande presença de autores que indicaram instituição com filiações internacionais em seus artigos: 119 em relação as 83 nacionais. Esses dados podem ter ligação com a característica da *Cadernos Pagu* de publicar traduções de resultados de pesquisas internacionais e de textos internacionais inéditos no país. A Tabela 10 traz as 10 instituições internacionais de filiação com maior número de artigos publicados no periódico.

**Tabela 10** – Instituições internacionais, número de artigos e país dos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019\*

	Instituição	Número de artigos	% sobre o total de artigos	País
1 <sup>a</sup>	Universidad de Buenos Aires**	30	4,1	Argentina
2 <sup>a</sup>	University of California	16	2,2	Estados Unidos
3 <sup>a</sup>	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas	10	1,4	Argentina
4 <sup>a</sup>	Université de Paris**	8	1,1	França
5 <sup>a</sup>	Instituto Universitário de Lisboa	6	0,8	Portugal
6 <sup>a</sup>	Universidad Nacional Autónoma de México	5	0,7	México
7 <sup>a</sup>	Universidad Nacional de Córdoba	5	0,7	Argentina
8 <sup>a</sup>	Universidade Nova de Lisboa	5	0,7	Portugal
9 <sup>a</sup>	Columbia University**	4	0,5	Estados Unidos
10 <sup>a</sup>	Universidad Complutense de Madrid	4	0,5	Espanha

\*A tabela completa pode ser consultada no Apêndice \*\*Instituições com um ou mais artigos publicados como tradução. Fonte: Dados da pesquisa.

Das 119 instituições internacionais, 79 (10,8% sobre o total de artigos) não voltaram a publicar uma segunda vez no periódico *Cadernos Pagu*, enquanto as 10 instituições com maior frequência de publicações perfazem 93 artigos (12,7%). A Universidad de Buenos Aires é a instituição com o maior número de artigos

publicados no periódico; destes um foi identificado como artigo publicado como tradução, os demais são artigos originais submetidos ao periódico. Caso semelhante ocorre com a Université de Paris, instituição da qual foram identificados cinco artigos publicados como tradução e três como originais. Já a instituição Columbia University teve apenas artigos publicados como tradução identificados nesta pesquisa. Apesar da diversidade de países indicados pelos autores, as 10 instituições mais frequentes se concentram na Argentina, Estados Unidos, França, Portugal, México e Espanha.

No estudo de Hoppen e Vanz (2020) acerca das publicações sobre estudos de gênero indexadas na WoS, três das 10 instituições internacionais com maior número de publicações no *Cadernos Pagu* estão presentes: Universidad de Buenos Aires, University of California e Columbia University. A Universidade Nova de Lisboa, por sua vez, aparece com destaque de publicações no periódico *Faces de Eva*, de Portugal (VIEIRA *et al.*, 2016). A Tabela 11 traz as instituições internacionais por continente e país.

**Tabela 11** – Número de artigos por continente e por país publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

Continente	País	Número de artigos	% sobre o total
<b>América</b>	Argentina*	47	6,4
	Canadá*	7	1
	Chile	2	0,3
	Colômbia	8	1,1
	Costa Rica	1	0,1
	Estados Unidos*	59	8,1
	México	6	0,8
	Uruguai	1	0,1
	<b>Total</b>	-	<b>131</b>
<b>Europa</b>	Alemanha	1	0,1
	Dinamarca*	4	0,5
	Espanha*	14	1,9
	Finlândia	1	0,1
	França*	18	2,5
	Holanda	2	0,3
	Itália	2	0,3
	Portugal	18	2,5
	Reino Unido*	13	1,8
	<b>Total</b>	-	<b>73</b>
<b>África</b>	África do Sul	2	0,3
	Cabo Verde	1	0,1
	Marrocos	7	1
	Moçambique	1	0,1
<b>Total</b>	-	<b>11</b>	<b>1,5</b>
<b>Oceania</b>	Austrália*	2	0,3
<b>Total</b>	-	<b>2</b>	<b>0,3</b>

\*Países com um ou mais artigos publicados como tradução. Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto à caracterização dos países com publicação no *Cadernos Pagu* e de seus artigos, Argentina, Canadá, Estados Unidos, Dinamarca, Espanha, França, Reino Unido e Austrália possuem pelo menos um artigo publicado como tradução. Os países Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, África do Sul, Dinamarca e Portugal possuem artigos publicados em colaboração com o Brasil. E os artigos do Marrocos são do número 30 do periódico, correspondente a um dossiê organizado por Fatima Harrak e Oumama Aouad sobre islamismo. A partir desses dados, pode-se inferir que há interesse da comunidade internacional em publicar artigos no periódico *Cadernos Pagu*.

Matos (2018) identificou 33,9% de autores estrangeiros que publicaram na *Revista Estudos Feministas* entre 2001 e 2016. Entre os países cujos pesquisadores

publicaram no periódico com mais de 10 artigos estão Argentina, Estados Unidos, Espanha, Portugal e Chile. O periódico *Faces de Eva*, por sua vez, tem predominância de autores europeus, principalmente de Portugal, França, Espanha e Itália. Da América destacam-se o Brasil e os Estados Unidos (VIEIRA *et al.*, 2016). Hoppen e Vanz (2020) apontam os Estados Unidos como o país com maior quantidade de publicações sobre estudos de gênero na WoS. Também se destacam em número de publicações a Inglaterra, Alemanha, Espanha e o Brasil. No *Cadernos Pagu*, por sua vez, os países com mais de 10 artigos são Estados Unidos (59), Argentina (47), França (18), Portugal (18), Espanha (14) e Reino Unido (13). É possível traçar semelhanças entre os dados encontrados nesses estudos.

Scavone (2007) afirma que os estudos de gênero surgem, historicamente, a partir dos estudos sobre as mulheres, tendo sido impulsionados pela eclosão de uma nova fase do feminismo, especialmente na Europa pós-1968 e nos Estados Unidos. Para a autora, o primeiro encontro entre os dois tipos de feminismo – militante e acadêmico – aconteceu na França, em 1975, na Universidade de Paris. A linha conceitual a partir da qual o feminismo francês se desenvolveu gerou resistências para a utilização do gênero enquanto uma categoria junto aos estudos feministas, sendo utilizado, então, “relações sociais do sexo”, expressão de ascendência marxista (HEILBORN; SORJ, 1999; SCAVONE, 2007). Nos Estados Unidos, por sua vez, houve forte influência das teorias funcionalistas nas análises sobre as diferenças dos papéis masculinos e femininos. A presença do pensamento pós-estruturalista e de autores como Foucault, Derrida e Deleuze nas universidades norte-americanas intensificou as discussões sobre a categoria “gênero” atreladas às noções de sujeito e de diferença (HEILBORN; SORJ, 1999; SCAVONE, 2007).

Na Argentina, tem-se uma construção da militância feminista a partir de grupos de mulheres nas décadas de 1960 e 1970 e um processo de legitimação dos estudos sobre as mulheres no meio acadêmico que se dá durante a ditadura cívico-militar ocorrida no país entre 1976 e 1983. Já na década de 1990, há a adoção do gênero como categoria de análise nas universidades Argentinas (BLANCO, 2018; ZUCCO, 2013). A Universidad de Buenos Aires (UBA) e o Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) foram de grande importância para a institucionalização da área no país. Em similaridade com o Brasil, na Argentina também há a presença de periódicos voltados para os estudos feministas e de gênero entre o final dos anos 1980 e início dos 1990, como a *Mora* e a *Feminaria*.

Salienta-se que ambas as revistas apresentam a característica de publicar tradução de artigos de autores europeus e norte-americanos (BLANCO, 2018; ZUCCO, 2013).

#### 4.2 INDICADORES DE COLABORAÇÃO

A partir dos indicadores de colaboração, é possível identificar os autores, instituições e países que fizeram colaborações em pesquisas. Dos 732 artigos publicados no *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019, identificou-se que 590 (80,7%) foram escritos por apenas um autor e 142 (19,3%) foram escritos em coautoria. Resultado semelhante foi encontrado por Diniz e Foltran (2004) em seu estudo sobre a *Revista Estudos Feministas* de 1992 a 2002: 88% dos artigos analisados são de autoria individual. Matos (2018), ao analisar a *Revista Estudos Feministas* de 2001 a 2016, também indicou tendência para a publicação individual. Hoppen e Vanz (2020), ao analisar a produção sobre estudos de gênero na WoS, encontraram predominância da autoria única, com concentração de reduzido número de autores nos artigos em coautoria. Assim, as publicações do *Cadernos Pagu* parecem seguir a tendência de coautoria das publicações de estudos de gênero.

**Tabela 12** – Quantidade de artigos por número de autores no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

	1993-2002	2003-2012	2013-2019	TOTAL B 1993-2019
1 autor	169	201	220	590
% TOTAL A	95,5%	79,8%	72,6%	-
% TOTAL B	23,1%	27,5%	30,1%	80,7%
2 autores	7	42	62	111
% TOTAL A	4,0%	16,7%	20,5%	-
% TOTAL B	1,0%	5,7%	8,5%	15,2%
3 autores	1	4	20	25
% TOTAL A	0,6%	1,6%	6,6%	-
% TOTAL B	0,1%	0,5%	2,7%	3,3%
4 autores	0	3	1	4
% TOTAL A	0,0%	1,2%	0,3%	-
% TOTAL B	0,0%	0,4%	0,1%	0,5%
5 autores	0	2	0	2
% TOTAL A	0,0%	0,8%	0,0%	-
% TOTAL B	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%
<b>TOTAL A</b>	<b>177</b>	<b>252</b>	<b>303</b>	<b>732</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar os padrões de colaboração por períodos, percebe-se um aumento do número de artigos publicados em coautoria. O número de artigos escritos por

dois autores passou de sete entre 1993 e 2002 para 42 de 2003 a 2012, com um aumento significativo de 35 documentos em coautoria a mais que no período anterior, e para 62 de 2013 até 2019, com 20 documentos a mais que o período anterior. Tais dados são semelhantes ao ocorrido com os documentos escritos por três autores, que no primeiro período constituíam apenas um artigo, passando para quatro no segundo período e 20 no terceiro, com 16 documentos a mais que o período anterior. Destaca-se, ainda, que, conforme já visto, os estudos de gênero parecem seguir as características de publicação das áreas às quais são majoritariamente ligados, Ciências Sociais e Humanidades, também em relação à coautoria. Essas áreas apresentam predominância de autoria única (MEADOWS, 1999).

Ao longo dos anos, os padrões de colaboração entre autores vão se modificando. Vanz (2009) identificou uma média de 3,9% da produção brasileira de artigos indexados no Institute for Scientific Information (ISI) entre 2004 e 2006 por um único autor, mostrando, assim, que a coautoria é uma característica de publicação no país. Mena-Chalco *et al.* (2014), ao analisar as redes de coautoria a partir de listas de publicações da plataforma Lattes, indicam que o crescimento de todas as interações de coautoria ao longo do tempo é uma importante característica da comunidade científica brasileira. Os autores também identificaram que as áreas de Humanidades e de Linguística, Letras e Artes – com forte presença nos estudos de gênero – possuem comportamentos oscilatórios em relação às práticas de coautoria, o que, para os autores, pode indicar uma dependência de outras áreas do conhecimento. Assim, apesar de as médias de colaboração entre indivíduos apresentarem aumento de forma geral, em áreas como as Ciências Sociais e Humanidades, o aumento parece oscilar. O baixo aumento de artigos em colaboração de dois ou mais autores no *Cadernos Pagu* pode estar relacionado com as áreas interdisciplinares com as quais os artigos sobre estudos de gênero estão ligados.

#### **4.2.1 Coautoria dos autores**

Foram identificados 280 autores com pelo menos um artigo publicado em colaboração. Na Tabela 13 estão elencados os autores com ao menos 3 artigos em colaboração e suas áreas de origem.

**Tabela 13** – Autores com até três artigos publicados em colaboração no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

<b>Instituição</b>	<b>Área de Graduação</b>	<b>Número de artigos em colaboração</b>	<b>% sobre o total de artigos</b>	<b>% sobre o total de colaborações</b>
Simões, Júlio Assis	Ciências Sociais	4	0,5	2,8
Carrara, Sérgio	Ciências Sociais	3	0,4	2,1
Carvalho, Marília Pinto	História	3	0,4	2,1
Cecchetto, Fátima	Serviço Social	3	0,4	2,1
Costa, Maria Conceição	Ciências Sociais	3	0,4	2,1
Facchini, Regina	Sociologia e Política	3	0,4	2,1
França, Isadora Lins	História	3	0,4	2,1
Meyer, Dagmar E. Estermann	Enfermagem	3	0,4	2,1
Piscitelli, Adriana	Ciências Antropológicas	3	0,4	2,1
Rohden, Fabíola	Ciências Sociais	3	0,4	2,1
Velho, Lea	Engenharia Agrônômica	3	0,4	2,1
Vianna, Adriana	História	3	0,4	2,1
Demais 268 autores	-	105	-	-
<b>Total</b>	-	<b>142</b>	<b>732</b>	<b>142</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

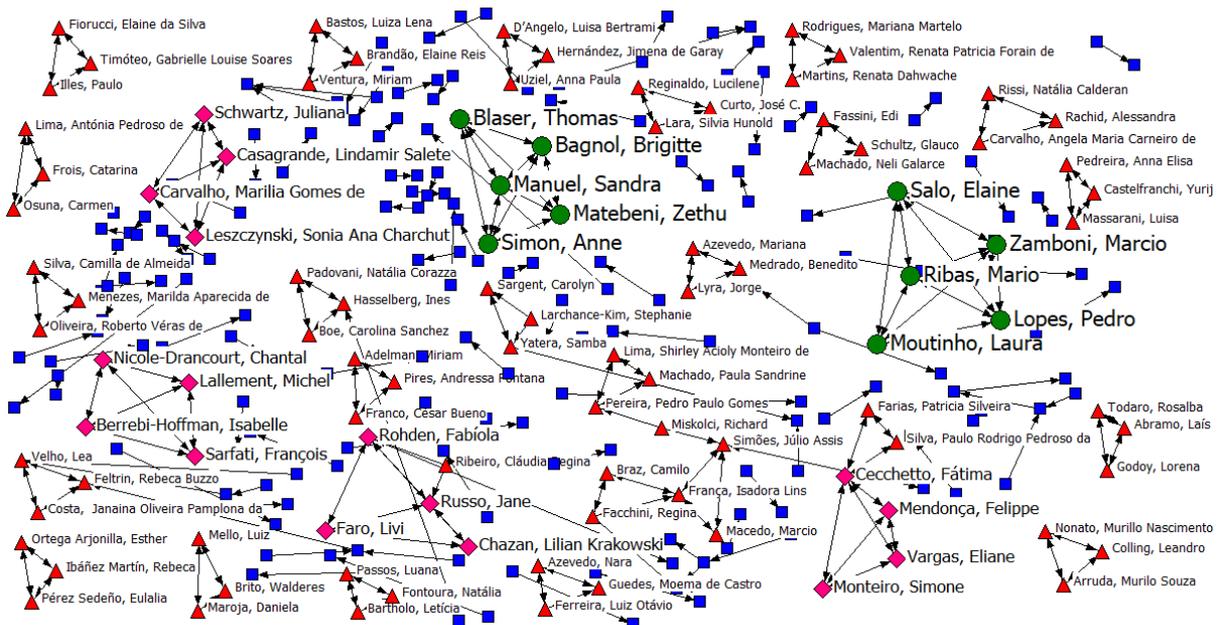
Identifica-se que os autores que trabalham em colaboração nos artigos publicados no *Cadernos Pagu* apresentam um baixo volume de artigos publicados em coautoria. Esses dados podem estar ligados ao perfil de publicação das áreas do conhecimento com as quais os estudos de gênero estão majoritariamente ligados: Ciências Sociais e Humanas. Ao observar as áreas de origem dos autores que mais publicaram em coautoria, encontramos a prevalência da grande área Ciências Sociais e Humanidades. Ainda, duas autoras são de áreas diversas – Enfermagem (Ciências da Saúde) e Engenharia – áreas com maior frequência de coautoria entre indivíduos (DIAS; MOITA; DIAS, 2019).

Conforme já indicado, o perfil de colaboração pode variar de acordo com as áreas do conhecimento. Mena-Chalco *et al.* (2014), ao analisar as redes de colaboração no Brasil, identificaram a área de Ciências Agrícolas como a de maior

densidade de colaboração, e a de Ciências Sociais aplicadas como a de menor densidade. Os autores indicam, ainda, que as áreas de Humanidades e de Linguística, Letras e Artes apresentam baixo número de coautores ao publicar seus artigos. E foi identificada uma oscilação nos padrões de colaboração nas áreas de Humanidades, Ciências da Saúde e Linguística, Letras e Artes, o que, conforme visto, pode ser um indicativo de dependência dessas áreas a outras áreas do conhecimento, com um aumento ou diminuição das colaborações dependendo da área a qual estiverem associadas. Os estudos de gênero tem as Ciências Sociais e Humanidades como áreas de maior associação, porém, a interdisciplinariedade dos estudos de gênero podem ser um fator de influência em seus padrões de colaboração.

Na imagem abaixo é possível identificar as colaborações realizadas entre autores que publicaram no *Cadernos Pagu*. O quadrado azul simboliza as autorias duplas, ou seja, colaboração entre dois autores. Para uma melhor visualização, optou-se por excluir o rótulo desse tipo de colaboração. O triângulo vermelho, por sua vez, mostra as colaborações entre três autores. O losango rosa indica as colaborações entre quatro autores, e o círculo verde entre cinco autores.

**Figura 7 – Colaboração entre autores nos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019**



Fonte: Dados da pesquisa.

O mapa mostra que as publicações no periódico *Cadernos Pagu* se caracterizam por diversos *clusters* menores, ou seja, diversas colaborações realizadas por grupos de autores diferentes. Identifica-se Fátima Cecchetto, Júlio Assis Simões e Isadora Lins França como os três autores com maior volume de ligações no mapa. Além das autorias duplas e triplas, destacam-se as quadrúplas, realizadas entre Juliana Schwartz, Lindamir Salete Casagrande, Sonia Ana Charchut e Marília Gomes de Carvalho, entre Isabelle Berrebi-Hoffman, Michel Lallement, Chantal Nicole-Drancourt e François Sarfati, entre Simone Monteiro, Eliane Vargas, Fátima Cecchetto e Felipe Mendonça, e entre Livi Faro, Lilian Krakowski Chazan, Fabíola Rohden e Jane Russo. E ainda, as duas colaborações entre cinco autores: entre Thomas Blaser, Brigitte Bagnol, Xethu Matebeni, Anne Simon e Sandra Manuel, e entre Laura Montinho, Pedro Lopes, Marcio Zamboni, Mario Ribas e Elaine Salo.

#### **4.2.2 Coautoria de instituições**

Identificaram-se 69 instituições que possuem pelo menos um artigo em colaboração com outra instituição. Dessas, 18 fizeram colaboração mais de uma vez e 51 não voltaram a fazer colaborações nos anos englobados pelo *corpus* da presente pesquisa. Das 69, 36 são nacionais e 33 internacionais, dado que se difere do encontrado por Diniz e Foltran (2004) em seu estudo sobre as publicações na *Revista Estudos Feministas* entre 1992 e 2002, cuja prevalência de coautorias se deu entre pesquisadores estrangeiros. Na Tabela 14 são apresentadas as 10 instituições com maior número de artigos em colaboração.

**Tabela 14** – Instituições com ao menos 3 artigos publicados em colaboração no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

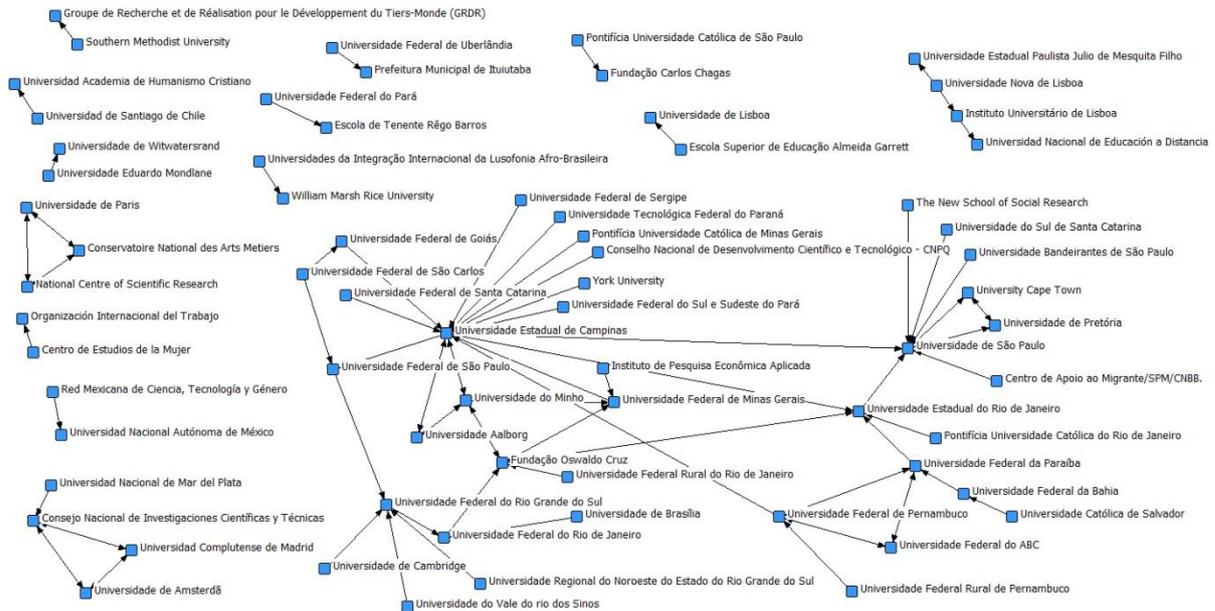
<b>Instituição</b>	<b>Número de artigos em colaboração</b>	<b>% sobre o total de artigos</b>	<b>% sobre o total de colaborações</b>
<b>Universidade Estadual de Campinas</b>	20	2,7	14,1
<b>Universidade de São Paulo</b>	12	1,6	8,5
<b>Universidade Estadual do Rio de Janeiro</b>	9	1,2	6,3
<b>Universidade Federal do Rio Grande do Sul</b>	6	0,8	4,2
<b>Fundação Oswaldo Cruz</b>	5	0,7	3,5
<b>Universidade Federal de Minas Gerais</b>	3	0,4	2,1
<b>Universidade Federal de Pernambuco</b>	3	0,4	2,1
<b>Universidade Federal de São Paulo</b>	3	0,4	2,1
<b>Universidade Federal do Rio de Janeiro</b>	3	0,4	2,1
<b>Universidade Federal da Paraíba</b>	3	0,4	2,1
<b>Demais 59 instituições</b>	67	7,5	46,9

Fonte: Dados da pesquisa.

As 10 instituições da Tabela 14 são brasileiras, em sua maioria das regiões Sudeste e Sul, com duas da região Nordeste. Entre as 10 instituições, nove são universidades públicas, sendo sete federais e duas estaduais. A Fundação Oswaldo Cruz é uma instituição pública não-universitária com pesquisas ligadas à Saúde Coletiva (FIOCRUZ, [c2020?]).

Dentre as instituições listadas na Tabela 14, apenas a Universidade Estadual do Rio de Janeiro e a Universidade Federal da Paraíba não estão entre as mais produtivas indicadas por Vanz (2009) ao analisar os padrões de colaboração da produção científica brasileira. A Unicamp e a USP aparecem com a maior frequência de artigos publicados em colaboração, resultado que acompanha a tendência nacional desse indicador (ALVAREZ, 2015; VANZ, 2009). A presença da Universidade Federal de São Paulo entre as instituições com maior frequência de artigos publicados em colaboração corrobora a tendência nacional de desempenho do estado de São Paulo em relação à produtividade científica (PACKER; MENEGUINI, 2006; VANZ; 2009). Todas essas instituições podem ser identificadas na maior rede de colaboração institucional observada na Figura 8.

**Figura 8 – Colaboração entre instituição de filiação indicada pelos autores nos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019**



Fonte: Dados da pesquisa.

Na rede maior identificou-se a Universidade Estadual de Campinas como a instituição que mais participou de coautorias, como é possível ver no principal cluster centralizado na Figura 8. A instituição fez colaborações com a Universidade Federal de Sergipe, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Goiás, Universidade Tecnológica Federal do Pará, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Pernambuco, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Universidade de São Paulo, com a instituição internacional York University, e participou, ainda, da colaboração tripla com a Universidade do Minho e Aalborg University.

O segundo maior cluster tem como centro a Universidade de São Paulo, que fez colaboração com as instituições Universidade Estadual de Campinas, Universidade do Sul de Santa Catarina, Centro de Apoio ao Migrante, Universidade Bandeirantes de São Paulo, Universidade Estadual do Rio de Janeiro e com a instituição internacional The New School of Social Research, além de colaboração tripla com University of Cape Town e University of Pretoria.

Seguem-se dois *clusters* menores, um centrado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com colaborações com a Universidade Estadual de Campinas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo,

Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Federal da Paraíba; e o outro centrado na Universidade Federal do Rio Grande Sul, que teve coautorias com a Universidade do Vale dos Sinos, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de São Paulo e a instituição internacional University of Cambridge.

Além das diversas colaborações entre duas instituições, identificou-se algumas colaborações entre três instituições, como as estabelecidas entre Conservatoire National des Arts Metiers, National Centre of Scientific Research e Université de Paris; Universidade de São Paulo, University of Cape Town e University of Pretória; Universidade de Amsterdã, Universidad Complutense de Madrid e Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas; Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal do ABC e Universidade Federal da Paraíba; Universidade Estadual de Campinas, Universidade do Minho e Aalborg University; e, ainda, Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade do Minho.

#### 4.2.3 Coautoria de países

Nos 732 artigos do *corpus* da pesquisa, identificaram-se 12 países que realizaram publicações em coautoria. Percebe-se uma baixa porcentagem de colaboração entre países, com apenas 1,7% do total de artigos. A prevalência do tipo de colaboração dos artigos é bilateral, ou seja, entre dois países. A Tabela 15 apresenta os dados de colaboração entre países dos artigos publicados no *Cadernos Pagu* por período de análise.

**Tabela 15** – Artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

	1993-2002			2003-2012			2013-2019			1993-2019	
	Freq.	% artigos período	% artigos total	Freq.	% artigos período	% de artigos total	Freq.	% artigos período	% artigos total	Freq.	% artigos total
<b>bilateral</b>	0	0,0	0,0	4	2,0	0,5	6	2,0	0,8	10	1,4
<b>trilateral</b>	0	0,0	0,0	0	0,0	0,0	2	0,7	0,3	2	0,3
<b>Total</b>	0	0,0	0,0	4	2,0	0,5	8	2,7	1,1	12	1,7

Fonte: Dados da pesquisa.

Esses dados, entretanto, mostram um leve aumento da colaboração entre países ao longo dos anos. No primeiro período de publicação do periódico, não foi identificado esse tipo de colaboração; no segundo período, há quatro colaborações

bilaterias e nenhuma trilateral; enquanto no terceiro período, foram seis colaborações bilaterais e duas trilaterais. Em estudo sobre os padrões de coautoria em Ciências Sociais e Humanidades na China, Li e Li (2015) apontam para um aumento no número de coautorias no país na área, com um maior aumento da coautoria bilateral e um leve crescimento da coautoria multilateral. O estudo de Henriksen (2016) sobre o aumento de coautorias nas Ciências Sociais (1980-2013) no *Social Science Citation Index* da Wos indica o aumento na quantidade dos artigos publicados em coautoria internacional e no número de autores por artigos nos últimos 34 anos. O autor afirma que, apesar da tendência do aumento da coautoria nas Ciências Sociais, essa tendência diminui em temáticas cujas pesquisas se baseiam em estudos qualitativos aprofundados; nessas publicações, o aumento médio do número de autores é 0,1-0,2%, e a maioria dos artigos é de autoria individual. Assim, a evolução do *Cadernos Pagu* parece estar de acordo com a evolução da área de Ciências Sociais e Humanidades.

**Tabela 16** – Colaboração entre países dos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

<b>Países com colaboração</b>	<b>Número de artigos com colaboração</b>	<b>% sobre o total de artigos</b>	<b>% sobre o total de artigos em colaboração</b>
<b>Brasil</b>	8	1,1	5,6
<b>Portugal</b>	4	0,5	2,8
<b>Estados Unidos</b>	3	0,4	2,1
<b>África do Sul</b>	2	0,3	1,4
<b>Espanha</b>	2	0,3	1,4
<b>França</b>	1	0,1	0,7
<b>Moçambique</b>	1	0,1	0,7
<b>Canadá</b>	1	0,1	0,7
<b>Holanda</b>	1	0,1	0,7
<b>Argentina</b>	1	0,1	0,7
<b>Reino Unido</b>	1	0,1	0,7
<b>Dinamarca</b>	1	0,1	0,7

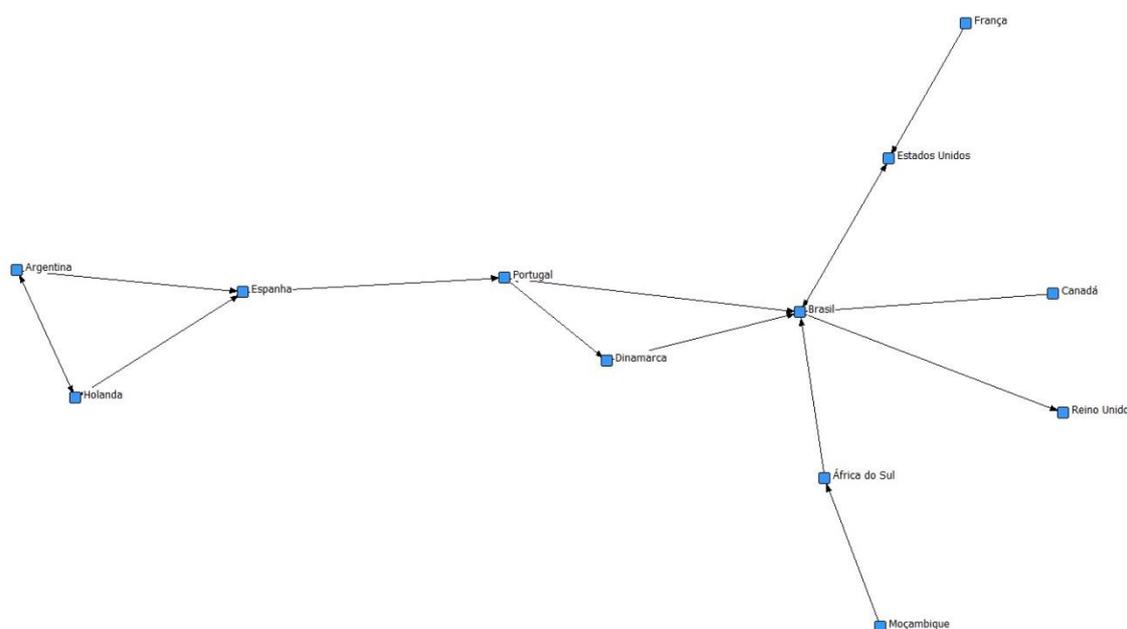
Fonte: Dados da pesquisa.

O Brasil é o país com o maior número de artigos (8) em colaboração, seguido por Portugal (4), Estados Unidos (3) e África do Sul e Espanha (2 artigos cada). Os demais (França, Moçambique, Canadá, Holanda, Argentina, Reino Unido e Dinamarca) possuem um artigo cada em colaboração com outros países. Os dados indicam que a colaboração entre países cresce menos do que as outras colaborações aqui analisadas. Vanz (2009), ao estudar as redes de colaboração científica brasileira, identificou que o país, ao contrário do ocorrido na ciência

mundial, apresenta um maior crescimento de colaboração interna do que de colaboração internacional. No mesmo estudo, a autora aponta a prevalência de colaboração bilateral entre os artigos brasileiros, o que mostra que a produção do periódico *Cadernos Pagu* parece seguir a tendência do país.

Identifica-se que o Brasil não está presente em todas as colaborações entre países, havendo artigos publicados em colaboração entre Estados Unidos e França, África e Moçambique, Holanda, Espanha e Argentina e, ainda, entre Portugal e Espanha. A presença de artigos publicados no *Caderno Pagu* em colaboração entre países sem a presença do Brasil pode ser um indicativo de que o periódico é uma opção de publicação para autores de outros países.

**Figura 9** – Colaboração entre países dos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019



Fonte: Dados da pesquisa, realizado com o software Ucinet (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002).

A Figura 9 mostra a rede de colaboração entre países, na qual é possível perceber a colaboração trilateral entre Argentina, Espanha e Holanda e entre Brasil, Portugal e Dinamarca. Nota-se, ainda, a presença do Brasil como ponto central das colaborações entre países. Glanzel, Leta e Thijs (2006) apontam os Estados Unidos como um importante parceiro em pesquisas do Brasil fora da América Latina e indicam forte ligação também com Portugal. Percebe-se, assim, uma tendência similar no *Cadernos Pagu*. Hoppen e Vanz (2020), ao estudar a produção sobre

estudos de gênero na WoS, encontraram ligações do Brasil com Estados Unidos, Reino Unido, França, Espanha, Austrália e Itália. No *Cadernos Pagu*, identificou-se pontos semelhantes, como as colaborações do Brasil com Estados Unidos e Reino Unido, e pontos diferentes, como a ligação com a África do Sul, Canadá, Dinamarca e Portugal.

#### 4.3 INDICADORES DE CITAÇÃO

Para caracterizar as citações dos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019, são analisadas a tipologia e a autoria das citações indicadas pelos autores em cada artigo do *corpus* de pesquisa. Identificaram-se 18.687 citações, conforme demonstrado no Quadro 2, que objetiva dar uma visão geral da distribuição de citações no periódico.

**Quadro 2 –** Frequência de citações dos documentos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019 por ano de publicação e fascículo

1993-2002				2003-2012				2013-2019			
Ano de Publicação	Fascículo	N. artigos por fascículo	Freq. de citações	Ano de Publicação	Fascículo	N. artigos por fascículo	Citações por fascículo	Ano de Publicação	Fascículo	N. artigos por fascículo	Citações por fascículo
1993	1	7	122	2003	20	6	148	2013	40	10	457
1994	2	6	335	2003	21	9	270	2013	41	19	506
1994	3	8	204	2004	22	10	284	2014	42	16	478
1995	4	10	237	2004	23	10	364	2014	43	13	555
1995	5	8	183	2005	24	11	320	2015	44	15	522
1996	6 e 7	10	268	2005	25	11	278	2015	45	18	480
1997	8 e 9	11	364	2006	26	15	336	2016	46	16	489
1998	10	13	404	2006	27	14	430	2016	47	20	702
1998	11	20	390	2007	28	14	413	2016	48	9	445
1999	12	20	280	2007	29	16	429	2017	49	19	169
1999	13	10	298	2008	30	18	194	2017	50	22	631
2000	14	10	264	2008	31	20	356	2017	51	20	184
2000	15	12	388	2009	32	11	285	2018	52	20	265
2001	16	11	329	2009	33	12	306	2018	53	16	122
2002	17/18	11	435	2010	34	12	301	2018	54	17	394
2002	19	10	373	2010	35	9	147	2019	55	24	493
-	-	-	-	2011	36	12	348	2019	56	22	186
-	-	-	-	2011	37	16	369	2019	57	7	313
-	-	-	-	2012	38	13	341	-	-	-	-
-	-	-	-	2012	39	13	503	-	-	-	-
<b>Total por período</b>	<b>19</b>	<b>177</b>	<b>4874</b>	-	<b>20</b>	<b>252</b>	<b>6422</b>	-	<b>18</b>	<b>303</b>	<b>7391</b>
<b>∑ citações</b>	-	-	<b>4874</b>	-	-	-	<b>11296</b>	-	-	-	<b>18687</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

É possível perceber um aumento no volume de citações por período (4.874, 6.422 e 7.391, respectivamente) apesar da pequena diferença de número de fascículos (19, 20 e 18) entre os períodos. Essa diferença pode se dar pelo número de documentos publicados em cada fascículo.

Devido ao grande volume de artigos e buscando compreender o perfil de citações ao longo dos anos de publicação do periódico, optou-se por calcular a média de citações por artigo a cada período. Para esse cálculo, considerou-se a quantidade de citações de cada artigo do *corpus* da pesquisa; dessa forma, a média, o máximo e o mínimo de cada período são calculados sobre a quantidade de citações dos artigos daquele período. A Tabela 17 apresenta a média, máximo e mínimo de citações por artigos em cada período de análise e o desvio padrão.

**Tabela 17** – Média, número máximo e mínimo de citações e desvio padrão dos artigos publicados no *Cadernos Pagu* entre 1993-2019, por período de análise

Período	Média	Máximo	Mínimo	Desvio Padrão
1993-2002	28	156	0	23,7
2003-2012	28,1	102	0	17,3
2013-2019	35,9	110	4	19,3

Fonte: Dados da pesquisa.

No período que abrange os primeiros dez anos de publicação do periódico *Cadernos Pagu* (1993-2002) a média de citações por artigo é 28, o número máximo de citações identificadas em um artigo é 156 e o número mínimo zero (referente a artigos das seções “Debates” e Dossiês”). O desvio padrão identificado neste período é 23,7, o maior desvio entre os três períodos. Salienta-se que neste período as citações estão em notas de rodapé e encontra-se a maior frequência de citações não identificadas por problemas de padronização, o que pode ser explicado tanto presença de artigos sem citações quanto ao processo de desenvolvimento de políticas editoriais do periódico.

Na segunda década de análise (2003-2012) identificou-se a média de 28,1 citações por artigo, com o máximo de 102 citações e o mínimo de zero. Assim como no primeiro período, a existência de artigos sem citações deve-se as seções “Debates” e “Dossiês”. O desvio padrão é menor dos três períodos: 17,3. É neste período que percebe-se as principais mudanças editoriais do periódico em relação as citações, que a partir do fascículo 27 do ano de 2006 deixaram de ser apresentadas em notas de rodapé e passaram para uma lista de referências ao final

do artigo. O terceiro período, por sua vez, apresenta média de 35,9 citações por artigo, máximo de 110 e mínimo de quatro. O desvio padrão identificado foi de 19,3.

#### **4.3.1 Tipologia documental**

As 18.687 citações identificadas no *corpus* da pesquisa foram classificadas segundo sua tipologia documental. A Tabela 18 apresenta a frequência de citações para cada tipo de documento e a porcentagem sobre o total de citações do período e sobre o total de citações.

**Tabela 18** – Tipologia documental e frequência de citações dos documentos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

Tipologia documental	1993-2002			2003-2012			2013-2019			1993-2019	
	Freq.	% sobre o total de cit. do período	% sobre o total geral de citações	Freq.	% sobre o total de cit. do período	% sobre o total geral de citações	Freq.	% sobre o total de cit. do período	% sobre o total geral de citações	Freq.	% sobre o total geral
<b>Artigo de periódico</b>	718	14,7	3,8	1035	16,1	5,5	1839	24,9	9,8	3592	19,2
<b>Livro</b>	2489	51,1	13,3	3521	54,8	18,8	3382	45,8	18,1	9392	50,3
<b>Capítulo de livro</b>	665	13,6	3,6	901	14,0	4,8	887	12,0	4,8	2453	13,1
<b>Comunicação em evento</b>	97	2,0	0,5	133	2,1	0,7	150	2,0	0,8	380	2,0
<b>Trabalho de Conclusão de Curso</b>	8	0,2	0,0	9	0,1	0,1	7	0,1	0,0	24	0,1
<b>Dissertação</b>	49	1,0	0,3	135	2,1	0,7	159	2,2	0,9	343	1,8
<b>Tese</b>	50	1,0	0,3	146	2,3	0,8	215	2,9	1,2	411	2,2
<b>Documento eletrônico</b>	14	0,3	0,1	89	1,4	0,5	232	3,1	1,2	335	1,8
<b>Artigo de revistas e jornais de atualidades</b>	343	7,0	1,8	246	3,8	1,3	267	3,6	1,4	856	4,6
<b>Documentos jurídicos</b>	9	0,2	0,1	26	0,4	0,1	55	0,7	0,3	90	0,5
<b>Outros</b>	274	5,6	1,5	117	1,8	0,6	170	2,3	0,9	561	3,0
<b>Não identificado</b>	158	3,2	0,9	64	1,0	0,3	28	0,4	0,2	250	1,3
<b>Total</b>	4874	100,0	26,1	6422	100,0	34,4	7391	100,0	39,6	18687	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se que a tipologia documental mais citada nos três períodos de análise é o livro, que perfaz 50,3% do total de citações. Os capítulos de livros foram a terceira categoria com maior frequência de citações (13,1%). Ambas categorias somadas perfazem 63,4%, ou seja, o livro representa mais da metade dos documentos citados. Esse resultado está de acordo com a área a que estão predominantemente ligados os estudos de gêneros: Ciências Sociais e Humanidades, visto que o livro e o capítulo de livro são os veículos de publicação predominantes nas Ciências Sociais e Humanas (FUKAHORI, 2017; MEADOWS,

1999; MUELLER, 2005; SANTOS; CABALLERO RIVERO; SANCHEZ-TARRAGÓ, 2018; TRZESNIAK, 2012).

O artigo de periódico é o segundo tipo de documento mais citado, com 19,2% do total de citações. Percebe-se um aumento da frequência de artigos de periódicos por período, com 3,8% no primeiro, 5,5% no segundo e 9,8% no terceiro período. Isso que pode ser explicado pela diferença da média de citações por período, ou pode, ainda, ser indicativo do aumento do uso dessa tipologia ao longo dos anos. Fukahori (2017) indica uma transformação discreta nas práticas de publicação nas áreas nas quais o uso do livro era majoritaria. Percebe-se o aumento do uso dos artigos de periódico e de comunicações em eventos como veículos de publicação nessas áreas (CABALLERO RIVERO, 2017; SANTOS; CABALLERO RIVERO; SÁNCHEZ-TARRAGÓ, 2018; TRZESNIAK, 2012).

O terceiro tipo de documento mais citado são os artigos de revistas e jornais de atualidades, com 4,6%. Essa tipologia aparece, de forma geral, com várias citações em poucos artigos. Esses artigos utilizam matérias sobre aborto, gravidez, inseminação artificial, bem como de momentos históricos para as mulheres, como, por exemplo, a matéria veiculada no jornal *O Estado de São Paulo* de título “As conquistas femininas asseguradas pela Constituição”, em 1935, em alusão ao estabelecimento do voto feminino secreto, que foi incorporado à Constituição brasileira de 1934 (ALVES, 2019). Identificou-se também a citação de jornais importantes para o movimento feminista e LGBT no Brasil, como o *Mulherio*, de São Paulo, jornal ligado à Fundação Carlos Chagas e financiado pela Fundação Ford, e o *Lampião da Esquina*, que tinha por objetivo abrir espaço para as minorias, com foco na temática homossexual brasileira.

A citação de revistas e jornais é seguida pela categoria “outros”, que inclui músicas, vídeos, filmes e relatórios. Teses e dissertações vêm em seguida, com 2,2% e 1,8% respectivamente. Os documentos eletrônicos perfazem 1,8% das citações, os documentos jurídicos 0,5%, e os trabalhos de conclusão de curso de graduação 0,1%. As citações cujas tipologias não foram identificadas perfazem 1,3%. Ao analisar essa categoria por períodos, percebe-se a diminuição da frequência de citações que não foram identificadas, com 158 no primeiro período, 64 no segundo e 28 no terceiro. É possível que as mudanças editoriais do periódico *Cadernos Pagu* ao longo dos anos tenham influência nesse resultado, contribuindo para que as referências fossem indicadas de forma completa e normalizada.

### 4.3.2 Periódicos citados

O artigo de periódico foi a segunda tipologia documental mais citada, com 3.592 artigos de periódicos. A Tabela 19 indica os 10 periódicos mais citados em cada período de análise.

**Tabela 19** – Periódicos mais citados nos documentos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

Período		Periódico	Nacionalidade/ Entidade responsável	Área	Freq.	% sobre citações		
1993- 2002	1	Revista Estudos Feministas	Brasil Universidade Federal de Santa Catarina	Ciências Humanas	61	0,3		
	2	Cadernos Pagu	Brasil Universidade Estadual de Campinas	Ciências Humanas	43	0,2		
	3	Signs – A Journal of Women in Culture and Society	Estados Unidos Universidade de Chicago	Arte e Humanidades (interdisciplinar) Ciências Sociais (Estudos de gênero)	31	0,2		
	4	Cadernos de Pesquisa	Brasil Fundação Carlos Chagas	Ciências Humanas	21	0,1		
	5	Feminist Studies	Estados Unidos Universidade de Maryland	Arte e Humanidades (interdisciplinar) Ciências Sociais (Estudos de gênero)	17	0,1		
	6	Educação & Realidade	Brasil Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Ciências Humanas	13	0,1		
	7	Journal of Family History	Estados Unidos, Sage Publications Inc.	Arte e Humanidades (interdisciplinar) Ciências Sociais (Antropologia – Interdisciplinar)	12	0,1		
	8	Revista Brasileira de História	Brasil Associação Nacional de História (ANPUH)	Ciências Humanas	12	0,1		
	9	American Ethnologist – Journal of the American Ethnological Society	Estados Unidos Wiley-Blackwell	Ciências Sociais (Antropologia)	10	0,1		
	10	Australian	Reino Unido	Ciências Sociais	10	0,1		

		Feminist Studies	Routledge	(Estudos de gênero)				
	11	Demais 275 periódicos	-	-	488	2,6		
<b>2003-2012</b>	1	Cadernos Pagu	Brasil Universidade Estadual de Campinas	Ciências Humanas	135	0,7		
	2	Revista Estudos Feministas - REF	Brasil Universidade Federal de Santa Catarina	Ciências Humanas	108	0,6		
	3	Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)	Brasil Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)	Ciências Humanas	36	0,2		
	4	Cadernos de Pesquisa	Brasil Fundação Carlos Chagas	Ciências Humanas	34	0,2		
	5	Educação & Realidade	Brasil Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Ciências Humanas	29	0,2		
	6	Signs – A Journal of Women in Culture and Society	Estados Unidos Universidade de Chicago	Arte e Humanidades (interdisciplinar) Ciências Sociais (Estudos de gênero)	23	0,1		
	7	Feminist Review	Reino Unido, Palgrave Macmillan Ltd.	Arte e Humanidades (interdisciplinar) Ciências Sociais (Estudos de gênero)	20	0,1		
	8	Actes de la Recherche em Sciences Sociales	França	Ciências Sociais	14	0,1		
	9	Horizontes Antropológicos	Brasil Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Ciências Humanas	13	0,1		
	10	Cadernos de Saúde Pública – Reports in Public Health	Brasil Fundação Oswaldo Cruz	Ciências da Saúde	10	0,1		
	11	Demais 365 periódicos	-	-	613	3,3		
<b>2013-2019</b>	1	Cadernos Pagu	Brasil Universidade Estadual de Campinas	Ciências Humanas	305	1,6		
	2	Revista Estudos Feministas	Brasil Universidade Federal de Santa Catarina	Ciências Humanas	135	0,7		
	3	Revista Brasileira de Ciências Sociais	Brasil Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais	Ciências Humanas	31	0,2		

		(ANPOCS)					
4	História, Ciências, Saúde-Manguinhos	Brasil Fundação Oswaldo Cruz	Ciências da Saúde, Ciências Humanas	25	0,1		
5	Sexualidad, Salud y Sociedad	Rio de Janeiro Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ)	Ciências da Saúde, Ciências Humanas	23	0,1		
6	Revista de Antropologia	Brasil Universidade de São Paulo (USP)	Ciências Humanas	22	0,1		
7	Mana	Brasil Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Ciências Humanas	20	0,1		
8	Signs – A Journal of Women in Culture and Society	Estados Unidos Universidade de Chicago	Arte e Humanidades (interdisciplinar) Ciências Sociais (Estudos de gênero)	20	0,1		
9	Educação & Realidade	Brasil Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Ciências Humanas	17	0,1		
10	Horizontes Antropológicos	Brasil Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Ciências Humanas	16	0,1		
11	Demais 642 periódicos	-	-	1225	6,6		

Fonte: Dados da pesquisa.

Observando a Tabela 19, identificou-se que os periódicos mais citados são majoritariamente nacionais (12), com sete internacionais. Dos periódicos nacionais, seis são publicados por universidades federais públicas – UFRGS, UFRJ, USP, UFSC, Unicamp, – e seis por associações, sociedade científica e fundações – CLAM, FIOCRUZ, ANPOCS, FCC, ANPUH. Quanto às instituições internacionais, duas são publicadas por universidades – Universidade de Chicago e Universidade de Maryland – e 4 por outras entidades – Palgrave Ltd., Routledge, Wiley e Sage.

Percebe-se, assim, uma forte presença de periódicos filiados a universidades entre os mais citados. Santos (2010), ao analisar as características dos periódicos indexados na SciELO nas áreas de Ciências Sociais e Humanidades, identificou que as universidades e as associações e sociedades científicas, juntas, predominam como entidades responsáveis pela publicação de periódico nessas áreas.

Quatro periódicos aparecem entre os mais citados nos três períodos de análise, *Cadernos Pagu* (0,2%, 0,7% e 1,6% respectivamente), *Revista Estudos Feministas* (0,3%, 0,6% e 0,7%), *Signs – A Journal of Women in Culture and Society*

(0,2%, 0,1% e 0,1%) e *Educação & Realidade* (0,1%, 0,2% e 0,1%). Os demais periódicos aparecem entre os mais citados em um ou dois períodos.

Destaca-se a presença de periódicos voltados ao feminismo e aos estudos de gênero entre os mais citados. A *Revista Estudos Feministas* publica artigos, ensaios e resenhas sobre gênero, feminismos e sexualidades. O *Cadernos Pagu* publica artigos que estabeleçam discussões com as teorias de gênero e feministas. A *Signs* publica artigos interdisciplinares que abordem gênero, raça, cultura, classe e sexualidade e incentiva pesquisas que promovam os objetivos feministas, *queer* e antirracistas de transformação social. O periódico *Feminist Studies*, por sua vez, aceita publicações que tenham intersecções de gênero com identidade racial, orientação sexual, meios econômicos, localização geográfica e capacidade física.

A *Australian Feminist Studies* busca ser um veículo de discussão para ideias e análises feministas de forma nacional e internacional através da publicação de artigos interdisciplinares que contribuam para a teoria feminista atual e emergente. O *Feminist Review* buscava artigos que explorassem o gênero e suas diversas formas de relação. O periódico teve seu último fascículo publicado em novembro de 2018. Já a *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana* publica artigos que explorem as dimensões culturais e políticas das sexualidades e do gênero.

Os demais periódicos estão voltados para outras temáticas. O *Cadernos de Pesquisa* publica pesquisas relacionadas com a educação e suas áreas correlatas. De forma semelhante, o periódico *Educação & Realidade* busca pesquisas relacionadas às diversas áreas do campo da educação e suas interfaces. Já o *Journal of Family History* publica artigos de pesquisas sobre a história da família, parentesco e população. As publicações da *Revista Brasileira de História* são na área de História, com o objetivo de divulgar a pesquisa histórica brasileira. Já o *American Ethnologist* busca pesquisas que versem sobre etnografia e sua relevância para o mundo contemporâneo.

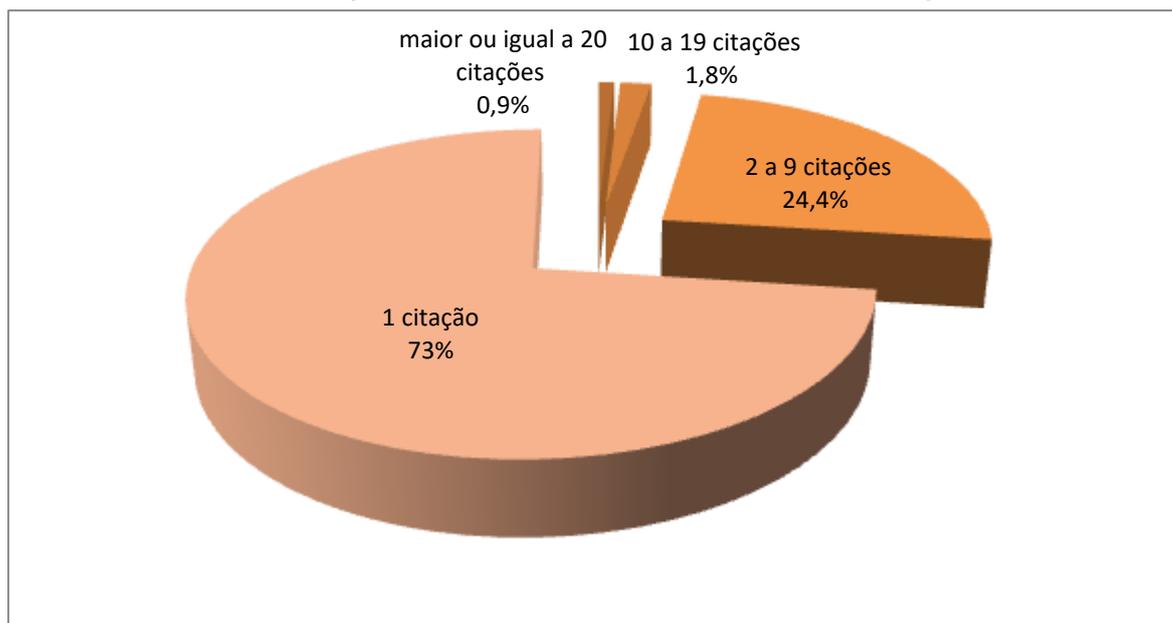
A *Revista Brasileira de Ciências Sociais* veicula publicações das grandes áreas Antropologia, Ciência Política e Sociologia. A *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, fundada em 1975 por Pierre Bourdieu, publica resultados de pesquisas na área de Sociologia e suas disciplinas relacionadas. O periódico *Horizontes Antropológicos* tem publicações sobre Antropologia e áreas afins. O *Cadernos de Saúde Pública* veicula artigos originais que contribuam com a pesquisa sobre Saúde Pública em geral e disciplinas afins. Já a *História, Ciências, Saúde –*

*Manguinhos* divulga resultados de pesquisas sobre Saúde e Ciências da Vida em vertentes que versem sobre as práticas de saúde nas dimensões social, política e cultural. A *Revista de Antropologia* mantém o foco de suas publicações na Antropologia. Já a *Mana* traz publicações sobre antropologia social, buscando contribuir para a compreensão da sociedade e cultura brasileira.

#### 4.3.3 Autores citados

Em relação aos autores citados nos artigos publicados no *Cadernos Pagu*, foram identificadas 8.340 autorias diferentes. O número de citações sem autoria ou das quais não foi possível identificar autoria é de 1.091. O Gráfico 2 apresenta os dados agrupados dos autores citados.

**Gráfico 2** – Volume de citações aos autores no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019



Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se que a maioria dos autores (73%) foram citados apenas uma vez no periódico *Cadernos Pagu*. Já os autores que receberam de duas a nove citações perfazem 24,4%, os autores que recebem de 10 a 19 perfazem 1,8%, e os autores com uma frequência de citação igual ou maior a 20 somam 0,9%. Identifica-se, assim, uma dispersão de autores citados e um baixo número de autores com maior impacto na área. Tais dados estão de acordo com os resultados encontrados por

Matos (2018), que, em sua pesquisa na *Revista Estudos Feministas*, identificou que 76,23% dos autores foram citados apenas uma vez e o restante duas ou mais vezes. Essa dispersão de autores citados e o pequeno volume de autores altamente citados podem estar ligados à interdisciplinariedade dos estudos de gênero e ao amplo campo temático que as pesquisas na área abrangem.

O autor mais frequente possui 255 citações, e os com menor frequência possuem uma citação cada. A média de citações por autor é 2,1, e o desvio padrão 6,8.

**Tabela 20** – Estatísticas descritivas das autorias dos documentos citados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

Máximo	255
Mínimo	1
Mediana	1
Média	2,1
Moda	1
Desvio Padrão	6,8

Fonte: Dados da pesquisa.

Para realizar a análise dos autores mais citados, as citações foram separadas por períodos. E para possibilitar uma comparação dos autores com maior frequência de citações nos três períodos, optou-se por analisar os 25 mais citados.

**Tabela 21 – Autorias com maior frequência de citações no periódico *Cadernos Pagu* por período**

1993-2002			2003-2012			2013-2019		
Autoria	Frequência de citações	% de citações	Autoria	Frequência de citações	% de citações	Autoria	Frequência de citações	% de citações
BOURDIEU, Pierre	34	0,7	FOUCAULT, Michel	82	1,3	BUTLER, Judith	155	2,1
FOUCAULT, Michel	33	0,7	BUTLER, Judith	75	1,2	FOUCAULT, Michel	98	1,3
HARAWAY Donna	32	0,7	PISCITELLI, Adriana	48	0,8	PISCITELLI, Adriana	93	1,3
SCOTT, Joan	31	0,6	SCOTT, Joan	45	0,7	CORRÊA, Mariza	88	1,2
STRATHER N, Marilyn	31	0,6	BOURDIEU, Pierre	34	0,5	BOURDIEU, Pierre	53	0,7
CORRÊA, Mariza	28	0,6	CORRÊA, Mariza	34	0,5	FACCHINNI, Regina	40	0,5
BUTLER, Judith	25	0,5	HARAWAY, Donna	23	0,4	GREGORI, Maria Filomena	38	0,5
PERROT, Michelle	22	0,5	FONSECA, Claudia	22	0,3	CARRARA, Sérgio	32	0,4
BRUSCHINI, Cristina	20	0,4	ROSEMBER G, Fúlvia	22	0,3	HARAWAY, Donna	31	0,4
SAFFIOTI, Heleieth	20	0,4	STRATHER N, Marilyn	21	0,3	SCOTT, Joan	29	0,4
BEAUVOIR, Simone de	16	0,3	FRY, Peter	19	0,3	BRASIL	29	0,4
HIRATA, Helena	16	0,3	HEILBORN, Maria Luiza	19	0,3	VIANNA, Adriana	29	0,4
DERRIDA, Jacques	15	0,3	BOZON, Michel	18	0,3	MISKOLCY, Richard	28	0,4
HARDING, Sandra	15	0,3	DOUGLAS, Mary	17	0,3	LOPES, Maria Margareth	27	0,4
SPIVAK, Gayatri	15	0,3	FREUD, Sigmund	16	0,3	GOFFMAN, Erving	26	0,4
GIDDENS, Anthony	14	0,3	FREYRE, Gilberto	16	0,3	CONNEL, Raewyn	25	0,3
LAQUEUR, Thomas	14	0,3	GREGORI, Maria Filomena	16	0,3	FRY, Peter	25	0,3
KELLER, Evelyn Fox	13	0,3	MEIRELES, Cecília	16	0,3	STRATHER N, Marilyn	23	0,3
HEILBORN, Maria Luiza	12	0,3	RUBIN, Gayle	16	0,3	ALVAREZ, Sonia	22	0,3
DE LAURENTIS, Teresa	11	0,2	GIDDENS, Anthony	15	0,2	DEBERT, Guita Grin	20	0,3
RAGO, Margareth	11	0,2	HALL, Stuart	15	0,2	DAS, Veena	20	0,3
ROSEMBER G, Fúlvia	11	0,2	LOURO, Guacira Lopes	15	0,2	FONSECA, Claudia	20	0,3
RUBIN, Gayle	10	0,2	MEYER, Dagmar	15	0,2	MACHADO, Lia Zanotta	19	0,3
BORDO, Susan	9	0,2	RAGO, Margareth	14	0,2	SIMÕES, Júlio Assis	18	0,2
CONNEL, Raewyn	9	0,2	DAS, Veena	14	0,2	RUBIN, Gayle	17	0,3
Demais autores	3845	78,9	Demais autores	5572	86,8	Demais autores	6060	82,0
Sem autoria	562	11,5	Sem autoria	203	3,2	Sem autoria	326	4,4
<b>Total</b>	<b>4874</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>6422</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>7391</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao comparar os três períodos de análise das citações, identifica-se que o número de citações sem autoria é maior no primeiro período (562) em relação aos segundo (203) e terceiro (326) períodos. Uma possível explicação é a falta de um padrão editorial do periódico *Cadernos Pagu* em seus primeiros anos, bem como pelo fato de as citações dos primeiros fascículos do periódico serem em notas de rodapé e sem padronização. Assim, muitas das citações desse período estavam incompletas e não puderam ser identificadas durante a coleta dos dados. Para a análise dos autores mais citados nos três períodos, foi traçada uma breve biografia destes.

Quanto aos 25 autores mais citados, 12 aparecem apenas no primeiro período, entre 1993 e 2002. Michelle Perrot, historiadora francesa, foi militante no movimento feminista e, com influência do Movimento de Libertação da Mulher, propôs, junto a outras historiadoras da Universidade de Paris VII, em que foi professora, a criação de cursos sobre a história das mulheres (SILVA, 2013). Começou sua trajetória na história social, com pesquisas marxistas e, mais tarde, com inspiração foucaultiana. Trabalhou, ainda, com história das mulheres (PEDRO, 2003). A autora teve seu artigo “Escrever uma história das mulheres: relatos de uma experiência”, traduzido por Ricardo Augusto Vieira e publicado no número 4 do ano de 1995 no periódico *Cadernos Pagu*, no *Dossiê História das Mulheres no Ocidente*. No mesmo dossiê, foi publicada a entrevista realizada por Sheila Schvarzman com a autora. Michelle Perrot perfaz 44 citações, sendo 22 dessas no primeiro período, entre 1993 e 2002.

Cristina Bruschini (1945-2012), socióloga brasileira filiada à Fundação Carlos Chagas (FCC), tinha sua pesquisa focada sobre as desigualdades de gênero e trabalho. Teve grande importância para o desenvolvimento dos estudos de gênero no Brasil, atuando como coordenadora do Programa Relações de Gênero na Sociedade Brasileira e dos concursos da Fundação Carlos Chagas, com apoio da Fundação Ford, sobre mulheres e relações de gênero. Foi membro do comitê editorial da *Revista Estudos Feministas*, do conselho editorial do jornal *Mulherio* e editora executiva do periódico *Cadernos de Pesquisa* (MINELLA, 2012). A autora possui um artigo, publicado em coautoria com Maria Rosa Lombardi, no periódico *Cadernos Pagu*, com título “Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX”, no número 17/18 do ano de 2002, que versava sobre o tema “Desafios

da equidade”. Cristina Bruschini possui 39 citações no *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019, sendo 20 destas no primeiro período.

A socióloga brasileira Heleieth Saffioti foi uma pesquisadora pioneira sobre a condição feminina no Brasil sob uma perspectiva de classes e de violência de gênero. Seu livro *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, publicado em 1969 e baseado em sua tese de livre-docência, com orientação do sociólogo Florestan Fernandes, é considerado “O primeiro grande avanço teórico do novo feminismo [...]” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 134), uma vez que sua publicação antecedeu o ápice da segunda onda do feminismo (PINTO, 2014). No *Cadernos Pagu*, publicou o artigo “Primórdios do conceito de gênero” no número 12 de 1999, no *Dossiê Simone de Beauvoir*, e “Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero” no número 16, de 2001. A autora perfaz 35 citações, 20 destas concentradas entre 1993 e 2002.

Simone de Beauvoir, filósofa francesa, ganha destaque nos estudos de gênero por sua famosa obra *O Segundo Sexo*, de 1949. Beauvoir se utilizava da psicanálise, literatura e filosofia para traçar uma discussão sobre os papéis sexuais e o papel da mulher enquanto “o outro” em relação ao homem (CONNEL; PEARSE, 2015). No *Cadernos Pagu*, a autora foi o tema do número 12 de 1999, “Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX”, e do *Dossiê Simone de Beauvoir*, do número 56 de 2019. Seu nome aparece 16 vezes como palavra-chave dos artigos publicados no periódico, provavelmente pelos números dedicados à sua obra. A autora perfaz 21 citações, 16 dessas entre 1993 e 2002.

Helena Hirata, filósofa e socióloga brasileira, tem pesquisa voltada para a sociologia do trabalho e de gênero e atua como pesquisadora do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), associado às universidades de Paris 8-Saint-Denis e Paris 10-Nanterre. A autora possui dois artigos publicados no *Cadernos Pagu*: “Globalização e divisão do sexual do trabalho”, do número 17/18 de 2002, e “Subjetividade e sexualidade no trabalho de cuidado”, do número 46 de 2016. Quanto às citações, perfaz 32 no total, com 16 concentradas no primeiro período de análise.

O filósofo francês pós-estruturalista Jacques Derrida tem influência nos estudos de gênero por seu pensamento sobre a diferença e sobre a desconstrução das dicotomias, ou seja, dois pólos opostos em que se marca a superioridade de um sobre o outro (LOURO, 2016). A partir desse “jogo das dicotomias”, se questionam

os binarismos, como o pretenso binarismo sexual masculino e feminino (RODRIGUES, 2010). No *Cadernos Pagu*, recebeu 33 citações, com 15 destas no primeiro período, ficando entre os 25 autores com maior frequência de citações entre 1993 e 2020.

Sandra Harding, filósofa norte-americana, levantou importantes discussões em torno da epistemologia feminista com críticas ao masculinismo presente nas áreas do conhecimento (KETZER, 2017). A autora perfaz 34 citações, 15 destas concentradas entre 1993 e 2002.

Gayatri Spivak é uma pesquisadora indiana que estudou literatura inglesa e é considerada uma importante representante da crítica feminista e da teoria pós-colonialista (PISCITELLI, 2002). Ela teve um artigo traduzido por Plínio Dentzien e publicado no número 19 de 2002 sob o título “Literatura”. A autora foi referenciada 15 vezes, de um total de 23, no primeiro período de análise do periódico.

Thomas Laqueur, historiador turco, questiona o binarismo sexual, e não do gênero, traçando um panorama histórico sobre a relação entre a diferença sexual e o conhecimento científico (OLIVEIRA; OLIVEIRA; ALÓS, 2019). Foram identificadas 25 citações ao autor, sendo 14 no primeiro período.

A norte-americana Evelyn Fox Keller tem suas pesquisas voltadas para História e filosofia da ciência e teve importante participação nos estudos feministas da ciência (CITELI, 2000). Seu artigo “Qual foi o impacto do feminismo na ciência?”, traduzido por Maria Luiza Lara, foi publicado no número 27 de 2006 no periódico *Cadernos Pagu*. Sua obra foi citada 46 vezes no periódico, 13 no primeiro período.

Historiadora italiana, Teresa De Lauretis é uma teórica feminista pós-estruturalista. Faz crítica à associação do gênero às diferenças sexuais por acabar limitando o pensamento feminista à diferença sexual dicotômica entre o homem e a mulher. A autora propõe o gênero como representação, introduzindo a ideia das tecnologias do gênero, através das quais o gênero seria produto de tecnologias sociais (PEREIRA, 2005). De Lauretis teve 38 citações, 11 no primeiro período.

Susan Bordo, por sua vez, é norte-americana e filósofa e trabalha com a epistemologia feminista. A autora tece críticas à construção sexista da ciência e da cultura. Das 14 citações recebidas pela autora, 11 estão concentradas entre 1993 e 2002.

Ao observar os autores que aparecem entre os mais citados apenas no primeiro período, percebe-se a presença de autores ligados à História, Sociologia e

Filosofia, com presença do pós-estruturalismo e da epistemologia feminista. A presença de Simone de Beauvoir pode estar ligada ao dossiê sobre a autora. O mesmo pode ser pensado sobre a forte presença de autoras ligadas à epistemologia feminista, uma vez que, nesse período, foram publicados o número 10, de 1998, com a temática “Gênero, tecnologia e ciência”, e o número 15, de 2000, com o tema “Gênero, ciências, história”.

Assim, além da ligação a temáticas da primeira onda do feminismo, parece haver influência da política editorial do periódico e de suas escolhas de temas para os números e dossiês nos autores com maior frequência de citações nesse primeiro período. Esses resultados também podem estar relacionados ao desenvolvimento dos estudos de gênero no Brasil, que estavam ainda fortemente ligados às questões da categoria “mulher” enquanto sujeito de análise e à consolidação do tema enquanto área de estudo na ciência.

Quatro autores estão entre os 25 com maior frequência de citações no primeiro e segundo período. Um desses é Anthony Giddens, sociólogo do Reino Unido que, em suas pesquisas relacionadas aos estudos de gênero, traz a ideia de diferença entre o sexo (natureza fisiológica) e o gênero (natureza psicológica, social e cultural) (MELLO, 2014). O autor possui 34 citações, 14 no primeiro e 15 no segundo período.

A antropóloga e historiadora Maria Luiza Heilborn é filiada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro junto ao Instituto de Medicina Social. Suas pesquisas estão centradas nas temáticas gênero, sexualidade, juventude, suicídio e limites da vida. No *Cadernos Pagu*, a autora publicou o artigo “Uma amizade apaixonada? Um episódio na carreira amorosa de Simone de Beauvoir” no número 12, de 1999. Recebeu 44 citações, sendo 12 entre 1993 e 2002 e 19 entre 2003 e 2012.

Margareth Rago é historiadora filiada à Universidade Estadual de Campinas. A autora possui entre seus temas de pesquisa: teorias da história, feminismos, anarquismos, produção de subjetividade, arte e gênero, com abordagens a Foucault e Deleuze (TAKARA; LESSA, 2014). Rago possui quatro artigos publicados no periódico e perfaz 36 citações, 11 no primeiro e 14 no segundo período, aparecendo em ambos entre os 25 autores com maior frequência de citações.

Fúlvia Rosenberg foi uma psicóloga pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e professora da PUC/SP, instituição em que coordenou o NEGRI (Núcleo de Estudos de Gênero, Raça e Idade). A autora atuou na revista *Mulherio* (LYRA;

MEDRADO, 2014) e tinha pesquisas sobre a democratização da educação, construção social da infância, educação infantil, políticas educacionais e relações de gênero, raça e idade (SANTOS, 2014). A autora tem dois artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* e aparece entre os autores mais frequentes em citações no primeiro e segundo períodos, com 11 e 22 citações respectivamente.

Raewyn Connel, por sua vez, aparece entre os autores com maior frequência de citações no primeiro e terceiro períodos. A socióloga australiana, filiada a University of Sydney, possui contribuições sobre estudos de gênero, com trabalho pioneiro sobre masculinidades e também sobre teoria global (HAMLIN; VANDENBERGHE, 2013). Teve seu artigo “Masculinidade corporativa e o contexto global: um estudo de caso de dinâmica conservadora de gênero” publicado no número 40, do ano 2013, do *Cadernos Pagu*. Quanto à sua frequência de citações, perfaz 41 no total, com nove no primeiro período e 25 no terceiro. A autora, como foi explicado anteriormente, possui publicações também com seu nome anterior à sua transição.

Oito autores ficaram entre os mais frequentes em citações apenas no segundo período. Entre eles está Michel Bozon, um antropólogo e sociólogo francês com pesquisas sobre a sociologia da sexualidade. É pesquisador da área de estudos de gênero e sexualidade no Institut National D'Études Démographiques, na França. Teve o artigo “Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea” traduzido e publicado no número 20, de 2003, no *Cadernos Pagu*. Das 20 citações que recebeu no periódico, 18 foram entre os anos de 2003 e 2012.

Mary Douglas foi antropóloga britânica e teve influência de Émile Durkheim. Com pesquisas com foco em análise estruturalista, teve, entre suas principais temáticas de estudo: análise de risco, economia, economia do consumo e bem-estar, comida e ritual (OLIVEIRA; CASAGRANDE; JARDIM, 2012). A autora perfaz 17 citações no segundo período, de um total de 28.

Sigmund Freud, médico austríaco, é considerado o pai da psicanálise. A psicanálise traz que as divisões de gênero são construídas durante o processo de desenvolvimento da vida adulta e não fixadas na infância, o que para Connel e Pearse (2015) foi uma mudança decisiva na noção de gênero. Das 26 citações que o autor recebeu no *Cadernos Pagu*, 16 estão concentradas no segundo período de análise.

O sociólogo e antropólogo brasileiro Gilberto Freyre tem em *Casa Grande & Senzala*, de 1933, sua obra mais conhecida. A temática da miscigenação é central em suas obras. O autor foi citado 27 vezes, com 16 concentradas no segundo período.

Cecília Meireles foi uma jornalista e escritora brasileira. Sua presença entre os autores com maior frequência de citações no segundo período se deve ao artigo de Maria Lúcia Dal Farra: *Cecília Meireles: imagens femininas*. Sua publicação no número 27, de 2006, contém as 16 citações que a autora possui no segundo período. Cecília Meireles teve mais duas referências no *Cadernos Pagu*, ambas no primeiro período.

Stuart Hall, antropólogo britânico-jamaicano pós-estruturalista, teve sua pesquisa voltada para os estudos culturais. O autor discute a questão da identidade e da diferença, segundo a qual as identidades dos sujeitos teriam múltiplas construções (gênero, classe social, etnia, sexualidade, nacionalidade, entre outras) que se articulam por meio da linguagem e da cultura (LOURO, 2016). O autor perfaz 32 citações, 15 concentradas no segundo período.

A brasileira Guacira Lopes Louro é historiadora e doutora em educação. A pesquisadora da UFRGS fundou o GEERGE, Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero, nos anos 1990 e é uma grande referência para os estudos de gênero, tendo contribuído para o desenvolvimento da área no país. Com perspectiva pós-estruturalista, possui pesquisas sobre gênero e sexualidade e *queer* articuladas com a Educação e os Estudos Culturais. Foi citada 26 vezes no *Cadernos Pagu*, 15 no segundo período.

Dagmar Meyer, brasileira com graduação em enfermagem e mestrado e doutorado em Educação, possui filiação junto à UFRGS e é co-fundadora e ex-coordenadora do GEERGE. A autora possui pesquisas relacionadas às áreas da Saúde e da Educação, nas quais trabalha as problemáticas sobre estudos de gênero e sexualidade a partir da abordagem dos Estudos Culturais e pós-estruturalista foucaultiana (MEYER, 2013). Meyer possui três artigos publicados em coautoria no *Cadernos Pagu*. Das 17 citações que recebeu, 15 estão concentradas entre os anos de 2003 e 2012.

Ao observar os autores com maior frequência de citações no segundo período, percebe-se uma maior presença de pesquisadores ligados aos estudos de sexualidade e identidade, com forte presença do pós-estruturalismo.

Cinco autores aparecem entre os com maior frequência de citações no segundo e no terceiro período. Uma delas é Adriana Piscitelli, antropóloga brasileira filiada à Universidade Estadual de Campinas e uma das fundadoras do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, com atuação no periódico *Cadernos Pagu*. Entre suas principais temáticas de pesquisa estão gênero, memória, parentesco, sexualidade, turismo sexual, prostituição, migrações, tráfico internacional de pessoas, teoria feminista e teoria antropológica. Assina 13 artigos como autora ou coautora nos documentos incluídos no *corpus* desta pesquisa, e é altamente citada no periódico *Cadernos Pagu*, com 146 citações no total, 48 dessas entre os anos de 2003 e 2012, e 93 entre 2013 e 2019, sendo a terceira autora com maior frequência de citações em ambos os períodos.

A socióloga e antropóloga norte-americana Claudia Fonseca tem filiação junto à UFRGS e possui pesquisas sobre cultura popular, infância, gênero, violência, educação, família, parentesco, direito humanos, cidadania e ciências (ECKERT, 2009). Publicou quatro artigos no *Cadernos Pagu* e foi citada 45 vezes, 22 no primeiro período e 20 no terceiro.

Peter Fry, antropólogo britânico-brasileiro, lecionou na Unicamp e possui filiação junto à UFRJ. O autor tem pesquisas sobre as temáticas religião, sexualidade e relações raciais. Fry possui um artigo publicado no periódico *Cadernos Pagu*, no número 44, de 2008, no *Dossiê Mariza Corrêa*. Perfaz 51 citações, 19 dessas no segundo período e 25 no terceiro.

Maria Filomena Gregori, brasileira, antropóloga e filiada à Unicamp, é pesquisadora associada do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu e atua junto ao periódico *Cadernos Pagu*. Pesquisa sobre antropologia, estudos de gênero, violência urbana e antropologia urbana. A pesquisadora publicou seis artigos no *Cadernos Pagu*, um em coautoria, e recebeu 62 citações, 16 destas no segundo período e 38 no terceiro.

Veena Das, antropóloga, paquistanesa, com filiação junto à Johns Hopkins University, tem sua pesquisa centrada nas temáticas da violência, violência de gênero, sofrimento social e Estado (MISSE *et al.*, 2012). No *Cadernos Pagu* a pesquisadora possui um artigo publicado no número 37, de 2011, de título “O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade”. Das 35 citações que a autora recebeu, 15 estão concentradas no segundo período de análise, e 20 no terceiro período. Percebe-se que os autores que estão entre os mais frequentes tanto no

segundo quanto no terceiro período possuem ligação com a Antropologia e com pesquisas fortemente relacionadas à temática da violência.

Foram identificadas 11 autorias que estão entre as com maior frequência de citações apenas no terceiro período. Salienta-se que, dessas, oito são pesquisadores brasileiros e um é o próprio nome do país, Brasil, que é uma autoria que se refere à documentos jurídicos do país. A brasileira Regina Facchini é antropóloga e socióloga e possui filiação junto à Unicamp. É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, atuou como editora do periódico *Cadernos Pagu* entre os anos de 2014 e 2017 e atualmente segue como membro do corpo editorial e revisora no periódico. Suas pesquisas têm ênfase em Antropologia Urbana e em Saúde Coletiva, com temáticas como cultura e política, gênero, sexualidade, corporalidades e interseccionalidades, coprodução do conhecimento científico, violência, sofrimento sociais, AIDS, saúde reprodutiva e políticas públicas e saúde. A autora possui cinco artigos publicados no periódico e perfaz 54 citações, 40 dessas no terceiro período.

Sérgio Carrara, também brasileiro, sociólogo e antropólogo, possui filiação junto à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O pesquisador foi orientado em sua dissertação de mestrado em antropologia social na UFRJ pelo pesquisador Peter Fry. Entre suas temáticas de pesquisa, centradas na área da antropologia do corpo e da saúde, estão: sexualidade, gênero, homossexualidade, direitos humanos e violência. O autor possui quatro artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* e 36 citações, 32 destas no terceiro período.

Brasil é uma autoria que se refere a documentos jurídicos do país. Foram identificadas 43 citações a documentos jurídicos do Brasil, com 29 apenas no terceiro período. O aumento desse tipo de referência pode estar ligado ao momento histórico e político do país e um aumento das discussões sobre ideologia de gênero.

A historiadora e antropóloga brasileira Adriana Vianna é filiada à UFRJ e pesquisadora do Núcleo de Estudos em Corpos, Gêneros e Sexualidades (NuSEX). Suas pesquisas estão centradas nos temas de antropologia do Estado, moralidades, relações de gênero, família, violência e emoções. A autora publicou quatro artigos no *Cadernos Pagu* e perfaz 32 citações, 29 destas entre 2013 e 2019.

Richard Miskolcy é sociólogo filiado à Universidade Federal de São Paulo, pesquisador colaborador do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu na Unicamp e atua como membro do Corpo Editorial do *Cadernos Pagu*. É, ainda, coordenador do

Quereres – Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Direitos Humanos e Saúde. Suas pesquisas estão centradas nas temáticas da diferença, direitos humanos, saúde, gênero, masculinidades, *queer* e mídias digitais. O autor possui nove artigos e 38 citações no periódico *Cadernos Pagu*, 28 destas concentradas no terceiro período.

Maria Margareth Lopes, historiadora vinculada à Universidade de Brasília, foi coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu entre 2000 e 2014 e possui pesquisas sobre história de gênero das ciências e tecnologias no Brasil e América Latina, história das ciências geológicas e paleontológicas no Brasil e América Latina, história dos museus de ciências e tecnologias e, ainda, em gênero em história das ciências e tecnologias. Além da publicação de quatro artigos no *Cadernos Pagu*, a autora perfaz 43 citações, 27 destas entre 2013 e 2019.

Erving Goffman foi antropólogo e sociólogo canadense. Seus trabalhos abordam as temáticas da “ordem internacional”, performance pessoal, identidade e análise da imagem social do gênero através da publicidade (MARTINS, 2011). O autor foi citado 26 vezes no terceiro período de um total de 35 referências a ele.

Sonia Alvarez é uma pesquisadora de Ciências Políticas filiada à University of Massachusetts. Sua pesquisa está focada nas temáticas de movimentos sociais e políticas de protesto, feminismos comparativos e transnacionais e em políticas e culturas latino-americanas, com ênfase no Brasil e no Cone Sul (UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS, c2021). Publicou o artigo “Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista” no número 43, de 2014, do *Cadernos Pagu*, artigo que recebeu 36 citações, 22 destas no terceiro período.

Guita Grin Debert é socióloga e cientista política filiada à Unicamp. Foi coordenadora do Núcleo de Estudos Pagu entre 2007 e 2009. Tem pesquisas sobre antropologia urbana em temáticas como família, velhice, curso da vida, gênero, violência, corporalidade, distribuição de justiça e políticas públicas (TORRES, 2011). A pesquisadora possui quatro artigos publicados no *Cadernos Pagu* e 40 citações, 20 destas no terceiro período.

Lia Zanotta Machado é socióloga e filiada à Universidade de Brasília. Tem pesquisas sobre antropologia, violência, direitos reprodutivos, redes e saberes feministas, direitos humanos, políticas públicas, práticas jurídicas e relações entre Estado e movimentos sociais no Brasil e América Latina (MACHADO; PASTANA; SOUZA, 2020). A autora participou do *Cadernos Pagu* com a publicação de cinco artigos e perfaz 30 citações, com 19 no terceiro período.

Júlio Assis Simões é sociólogo com filiação junto à Universidade de São Paulo e pesquisador do Núcleo de Estudos dos Marcadores Sociais da Diferença – NUMAS. O autor possui pesquisas sobre antropologia urbana, antropologia e política, movimentos sociais, envelhecimento e curso da vida e, ainda, sobre gênero e sexualidade. Foi pesquisador colaborador do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. Possui cinco artigos publicados no periódico e 18 citações, de um total de 26, no terceiro período.

Ao observar os autores que aparecem no terceiro período com maior frequência de citações, é possível perceber uma forte presença de autores brasileiros. Além de pesquisadores especializados em Antropologia e Sociologia, há a presença daqueles especializados em Ciências Políticas. Entre as temáticas de pesquisa dos autores com maior frequência de citações entre 2013 e 2019, há forte presença de pesquisas sobre envelhecimento, *queer*, masculinidades, direitos LGBT, políticas públicas, movimentos sociais e pesquisas com foco no Brasil e na América Latina.

Quanto aos 25 autores mais citados, identificaram-se oito que aparecem nos três períodos. Destes, apenas uma brasileira: Mariza Corrêa (1945-2016). A autora foi uma antropóloga com filiação junto à Unicamp e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. Co-fundadora do *Cadernos Pagu*, Mariza Corrêa é considerada um importante nome para a Antropologia e a para os estudos de gênero no Brasil. A autora foi uma das jornalistas da publicação feminista *Nós Mulheres* e fez parte do conselho editorial da publicação *Mulherio* (MORAES, 2018). Entre suas temáticas de pesquisa estavam a antropologia, família, parentesco, violência de gênero, relações raciais, corporalidade (DEBERT, 2018). A autora teve um dossiê publicado no *Cadernos Pagu* em sua homenagem, no número 54, de 2018, com o título *Dossiê Mariza Corrêa: laços, memórias e escritos*. É a terceira autora com maior frequência de citações (151), com 28 no primeiro período, 34 no segundo e 88 no terceiro.

Judith Butler é norte-americana, filósofa e pós-estruturalista. Sua obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, publicada em 1990, é considerada um marco nos estudos de gênero e sexualidade ao desconstruir o conceito de gênero e sugeri-lo como um artifício flutuante (CONNEL; PEARSE, 2015). Butler possui três artigos traduzidos e publicados no periódico *Cadernos Pagu* e é a autora com maior frequência de citações (255), 25 destas entre 1993 e

2002, 75 entre 2003 e 2012, e 155 entre 2013 e 2019. Percebe-se, assim, um aumento de citações à autora ao longo dos anos no periódico.

Michel Foucault, filósofo francês, também com influência pós-estruturalista, tem contribuição aos estudos de gênero a partir de suas discussões sobre as relações de poder, a partir das quais, e nas quais, as relações de gênero se produzem e se mantêm (LOURO, 2016). É o segundo autor com maior frequência de citações (213), com 33, 82 e 98 citações em cada período, respectivamente. Assim como se deu em relação a Butler, identifica-se o aumento das citações ao autor ao longo dos anos.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu possui obras que discutem questões relacionadas à dominação social e ao poder simbólico nas construções sociais a partir de três conceitos: campo, *habitus* e capital. Esses conceitos foram utilizados na problematização de como determinadas formas de pensar e agir se sistematizam na cultura de uma sociedade (BOURDIEU, 2004; 2018, VALLE, 2007). O autor perfaz 34 citações no primeiro, 34 no segundo e 53 no terceiro período.

Donna Haraway é uma bióloga e filósofa norte-americana filiada à University of California. Pesquisadora sobre ciência, tecnologia e feminismo, tem como sua obra mais famosa o texto “O manifesto ciborgue – ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX”, de 1985. A autora traz a imagem do ciborgue da ficção científica como uma figura não generificada para subverter as ideias universalizantes da “experiência da mulher” e da ligação da mulher como a natureza (CONNEL; PEARSE, 2015). Haraway possui dois artigos traduzidos e publicados no *Cadernos Pagu* e, quanto às citações recebidas no periódico, perfaz 32, 23 e 31 em cada período, respectivamente.

A historiadora norte-americana Joan Scott é autora da obra considerada precursora dos estudos de gênero – *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (LEMOS, 2013). Joan Scott faz crítica ao uso do termo “gênero” na história das mulheres e traz a necessidade de transformá-lo em categoria de análise através de sua conceitualização, a qual, para a autora, pode ser encontrada na perspectiva pós-estruturalista (VARIKAS, 1994). A autora tem o prefácio de seu livro *Gender and politics of history* publicado no *Cadernos Pagu* na categoria “Debates”, de 1994, com tradução de Mariza Corrêa. O debate dessa edição está centrado nas diferenças e aproximações conceituais entre Joan Scott e Louise Tilly em relação ao uso do

termo “gênero”. Joan Scott perfaz 105 citações (31, 45 e 29 respectivamente), aparecendo entre os mais citados nos três períodos de análise do periódico.

Marilyn Strathern é uma antropóloga britânica filiada à University of Cambridge. Tem pesquisas sobre tecnologias reprodutivas, parentesco e gênero, entre outras, e é considerada referência em estudos da Melanésia. Sua monografia sobre Papua-Nova Guiné, de 1972, apresenta um debate sobre as relações “masculino-feminino”. Em sua pesquisa etnográfica, a autora traça críticas ao modo ocidental de compreensão do gênero (LOBO, 2020). Possui dois artigos traduzidos e publicados no *Cadernos Pagu* e 31, 21 e 23 citações por período, respectivamente.

Gayle Rubin é antropóloga, norte-americana e filiada à University of Michigan. A pesquisadora aponta a existência de um “sistema sexo-gênero” e tem o trabalho “O tráfico de mulheres, notas sobre a economia política do sexo” como uma importante obra para os estudos de gênero. Em suas análises, a autora utiliza técnicas estruturalistas (CONNEL; PEARSE, 2015). Rubin tem destaque no número de citações nos três períodos de análise, e perfaz 10, 16 e 17 por período respectivamente.

Identifica-se nos autores que aparecem nos três períodos a influência das perspectivas francesa e norte-americana, que, conforme citado no referencial teórico, tiveram influência nos estudos de gênero no Brasil. A Antropologia e a Sociologia destacam-se, mais uma vez, como área do conhecimento com forte influência nos estudos de gênero no periódico *Cadernos Pagu*, bem como a vertente pós-estruturalista.

Matos (2018) identificou 32 autores que foram citados ao menos 17 vezes. Desses, 22 também estão entre os mais citados no *Cadernos Pagu*: Foucault, Butler, Bourdieu, Scott, Louro, Strathern, Haraway, Heilborn, Fonseca, Meyer, Bozon, Derrida, Piscitelli, Giddens, Laqueur, Harding, Perrot, Connel, Hall, Alvarez, Beauvoir e Deleuze.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado, foi possível caracterizar os artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* e identificar aspectos relevantes sobre a produção científica sobre estudos de gênero. A implementação gradual de um Comitê editorial, pareceristas *ad hoc* e o estabelecimento de políticas editoriais e normas de publicação, junto com a conquista de apoios financeiros, alterou o perfil de publicação do periódico, gerando um padrão editorial e de publicação ao longo dos anos.

Apesar da predominância dos artigos publicados em português, os esforços para a internacionalização do periódico com a política de aceitar submissões em espanhol e inglês e de traduzir para o inglês artigos submetidos em português contribuíram para um aumento significativo do número de artigos bilíngues no periódico.

As palavras-chave utilizadas pelos autores para descrever seus artigos indicam a concentração do uso de alguns termos (gênero, sexualidade, mulheres, feminismo, corpo, raça e masculinidade) e a dispersão das demais palavras-chave, o que pode ser causado pela diversidade temática e disciplinar dos estudos de gênero. Já a análise de temáticas por período de publicação indica que a escolha de palavras-chave para cada década de publicação do periódico parece seguir o desenvolvimento do feminismo e estudos de gênero.

Identificaram-se 704 autores para os 732 artigos do *corpus* da pesquisa, com uma baixa concentração de autores mais produtivos e dispersão dos demais. A distribuição de produtividades dos autores está de acordo com a Lei de Lotka. Entre os autores mais frequentes, há um destaque de pesquisadores filiados à Universidade Estadual de Campinas e ao Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. Apesar da maior concentração desses autores na primeira década de publicação do periódico, período no qual as políticas editoriais estavam em fase de estabelecimento, e, ainda, pelo primeiro fascículo, de 1993, ter sido publicado apenas com autores do Núcleo Pagu, levantase-se a hipótese de endogenia. A discussão sobre endogenia nas publicações científicas é importante, e deve ser levado com consideração, uma vez que o próprio periódico indica preocupação com a diversificação de temáticas e autores em suas políticas.

Os autores mais produtivos são filiados a universidades públicas federais, majoritariamente nacionais. O mesmo resultado foi encontrado ao analisar as instituições mais frequentes no periódico. Essas instituições estão em concordância com as indicadas como mais produtivas do Brasil na Web of Science pelo *ranking* da Clarivate Analytics Company (2019). Desses dados emergem a discussão sobre a importância das universidades públicas federais para a pesquisa científica nacional bem como a importância dos investimentos em C&T nessas instituições.

A região que mais publicou no *Cadernos Pagu* foi a Sudeste (53,2%), e que menos publicou foi a Norte (1,2%), disparidade que está de acordo com o desenvolvimento da ciência no Brasil. Apesar da preocupação do periódico *Cadernos Pagu* com a diversificação em suas publicações faz-se importante a discussão sobre o quanto esses esforços alcançam resultados em relação a diversificação de regiões do país que publicam no periódico. E, ainda, tendo em vista que essa disparidade segue um padrão nacional, levanta-se a importância de discussões de incentivos para que o desenvolvimento da ciência no país possa se dar de forma mais igualitária. Pensar, também, sobre como os periódicos científicos nacionais podem contribuir para a diminuição dessas disparidades.

O resultado expressivo de instituições internacionais de publicação pode ser explicado pela política do *Cadernos Pagu* de publicar a tradução de artigos relevantes aos estudos de gênero. Infere-se, ainda, interesse da comunidade científica internacional em publicar no periódico. Os países com maior frequência de publicação são Argentina, Estados Unidos, França, Portugal, México e Espanha. Esses países possuem histórico ligado ao movimento feminista e às pesquisas ligadas ao feminismo e aos estudos de gênero.

O perfil de colaboração do *Cadernos Pagu* parece seguir a tendência das publicações de estudos de gênero, com artigos escritos majoritariamente em autoria única. Poucos autores publicaram artigos em coautoria, havendo prevalência de pesquisas em Ciências Sociais e Humanidades, áreas nas quais os autores historicamente trabalham sozinhos. A Universidade Estadual de Campinas, a Universidade Estadual de São Paulo, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul são as instituições com maior número de colaborações. A colaboração entre países é baixa, seguindo a tendência da área de Ciências Sociais e Humanidades, às quais os estudos de gênero são

majoritariamente ligados. O Brasil é o país com o maior número de colaboração com outros países.

Foram identificadas 18.687 citações nesta pesquisa. O livro é a tipologia documental mais frequente, seguido pelo artigo de periódico, nos três períodos de análise. Percebeu-se um aumento da frequência de citação a artigos de periódico ao longo dos anos. Apesar de o número de artigos e citações também ter aumentado, é possível que esse resultado acompanhe a tendência observada por outras pesquisas, de aumento do uso do artigo de periódico nas Ciências Sociais e Humanidades. Já os documentos citados que não foram identificados diminuíram ao longo dos anos, o que pode ser consequência da adoção de políticas editoriais e do aumento do rigor das normas de publicação do periódico.

Entre os periódicos com maior frequência de citações, destacam-se os nacionais publicados por universidades federais públicas e por associações, sociedades científicas e fundações. Quatro periódicos se destacam ao aparecer entre os mais citados nas três décadas de publicação do *Cadernos Pagu*: o próprio *Cadernos Pagu*, a *Revista Estudos Feministas*, o periódico internacional *Signs – A Journal of Woman in Culture and Society* e o *Educação & Realidade*. Destaca-se a presença de diversos periódicos voltados ao feminismo e aos estudos de gênero entre os mais citados.

Identificou-se uma dispersão de autores citados e um baixo número de autores com maior impacto na área. Entre os autores com maior frequência de citações entre 1993 e 2002, percebe-se a ligação com as áreas de História, Sociologia e Filosofia, com presença do estruturalismo e da epistemologia feminista. Os mais frequentes entre 2003 e 2012 têm pesquisas ligadas aos estudos de sexualidade e identidade, com forte presença do pós-estruturalismo. Já entre 2013 e 2019, há grande presença de pesquisadores brasileiros, e as pesquisas estão ligadas à Antropologia, Sociologia e Ciências Políticas, com temáticas como envelhecimento, *queer*, masculinidades, direito LGBT, políticas públicas, movimentos sociais e pesquisas com foco no Brasil e na América Latina.

Alguns autores aparecem como os mais citados nos três períodos, indicando sua relevância para os estudos de gênero: Mariza Corrêa, Judith Butler, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Donna Haraway, Joan Scott, Marilyn Strathern e Gayle Rubin.

Os resultados deste estudo estão em concordância com outras pesquisas bibliométricas sobre estudos de gênero. Estão, ainda, de acordo com as práticas de publicação das áreas majoritariamente ligadas aos estudos de gênero – Ciências Sociais e Humanidades – conforme constatado em estudos nacionais e internacionais. O desenvolvimento histórico do feminismo e dos estudos de gênero pode ser observado nos resultados encontrados quando analisados por décadas.

Destarte, percebe-se uma forte ligação das publicações do *Cadernos Pagu* com a Antropologia, bem como uma presença marcante de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas, o que parece estar ligado ao fato de o periódico ter surgido de esforços do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. Os esforços para a diversificação temática, pela internacionalização, bem como a adoção de políticas editoriais, mostram ter dado resultados positivos, com uma alteração dos padrões de publicação ao longo dos anos.

Dada a importância do periódico *Cadernos Pagu* para os estudos de gênero, como indicado por diversas pesquisas, espera-se que os resultados encontrados neste estudo ajudem a compreender o desenvolvimento dos estudos de gênero no Brasil e do próprio periódico *Cadernos Pagu*. E, ainda, que dos dados e resultados aqui indicados possam emergir - e contribuir - com importantes discussões sobre o desenvolvimento da ciência, dos estudos de gênero e das políticas de publicação em periódicos científicos no país: como a desigualdade de publicações por regiões do país; em relação a presença – ou ausência - de pessoas autoras não-brancas e pessoas trans nas publicações e citações; a diversificação de temáticas, levando em consideração a importância de discussões sobre os mais diversos feminismos (dando voz ao feminismo negro, ao indígena e ao transfeminismo, por exemplo); as práticas e medidas que os periódicos científicos podem ter para auxiliar na inclusão das mais diversas vozes em suas publicações.

Sugerem-se novos estudos para ampliar os resultados desta pesquisa, como aprofundar os temas abordados nos artigos publicados com o uso do *Tesouro para Estudos de Gênero e sobre mulheres*, como utilizado por Matos (2018) em seu estudo sobre a *Revista Estudos Feministas*; o levantamento dos livros mais citados no periódico; e a influência de grupos e núcleos de estudos para o desenvolvimento da área e das publicações sobre estudos de gênero no país.

## REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Khalil Gibran Martins Zeraik *et al.* Pensando Contabilidade: um estudo bibliométrico e sociométrico da produção científica da Revista Pensar Contábil no período 2006-2012. **Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, p. 30-38, jan./abr. 2014.
- ADELMAN, Miriam. Das margens ao centro: refletindo sobre a teoria feminista e a sociologia acadêmica. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 284-288, jan./jun. 2003.
- ALVARADO, Rubén Urbizagástegui. Elitismo na literatura sobre a produtividade dos autores. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 2, p. 69-79, maio/ago. 2009.
- ALVAREZ, Gonzalo Rubén. **Produção científica, colaboração e impacto da física de altas energias brasileira indexada na Web of Science (1983-2013)**. 2015. 175 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- ALVES, Branca Moreira. A luta das sufragistas. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- ANDRÉ, Cleber da Silva. **Análise bibliométrica do periódico científico Transinformação**. 2012. 58 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- ANDRÉ, Cleber da Silva *et al.* Análise bibliométrica do periódico Transinformação. **El profesional de la información**, León, v. 23, n. 4, p. 433-442, 2014.
- ANYI, Kevin Wan Utap; ZAINAB, A. N.; ANUAR, N. B. Bibliometric studies on single journals, a review. **Malaysian Journal of Library & Information Science**, Kuala Lumpur, v. 14, n. 1, p. 17-55, apr. 2009.
- ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.
- ARAÚJO, Carlos Alberto; MELO, Marlene Oliveira Teixeira de. Análise dos quinze anos do periódico Perspectivas em Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 243-256, out./dez. 2011.
- BARABÁSI, Albert-László. **Linked (conectado): A nova ciência dos Networks: como tudo está conectado a tudo e o que isso significa para os negócios, relações sociais e ciências**. São Paulo: Leopardo, 2009.
- BARSTED, Leila Linhares. Legalização e descriminalização: dez anos de luta feminista. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

BELELI, Iara. Publicações feministas: velhos e novos desafios. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 637-641, maio/ago. 2013.

BIBLIOTECA de Revistas Científicas disponíveis na internet. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 133, mar, 2007.

BIO. **Raewyn Connell**, Austrália, [2015?]. Disponível em: <[http://www.raewynconnell.net/p/about-raewyn\\_20.html](http://www.raewynconnell.net/p/about-raewyn_20.html)>. Acesso em: 13 ago. 2019.

BLANCO, Rafael. Antes da consagração do “gênero” na universidade: trajetórias, gerações e linguagens em tensão pela expansão de uma área do conhecimento. **Sexualidade, Saúde e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 07-29, jan./abr. 2018.

BORGATTI, Stephen P.; EVERETT, Martin G.; FREEMAN, Linton C. **Ucinet for Windows**: software for Social Network Analysis. Massachusetts: Analytic Technologies, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

BRASIL. **Decreto n. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932**. Decreta o Código Eleitoral. Distrito Federal: Diário Oficial da União, 1932.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho feminino: trajetória de um tema, perspectivas para o futuro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 17-32, 1994.

CABALLERO RIVERO, Alejandro. **Caracterização das práticas de publicação das grandes áreas de conhecimento no Brasil**. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

CAREGNATO, Sônia Elisa; VANZ, Samile Andrea de Souza. Citações e indicadores de impacto na avaliação de revistas. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 12, n. 3, 2020.

CARVALHO, Leandro *et al.* Produção e citação em Saúde Coletiva: um olhar a partir dos periódicos Cadernos de Saúde Pública e Revista de Saúde Pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 12, p. 3023-3030, 2007.

CITELI, Maria Teresa. Mulheres nas ciências: mapeando um campo de estudos. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 15, p. 39-75, 2000.

CLARIVATES ANALYTICS COMPANY. **A pesquisa no Brasil**: promovendo a excelência – análise preparada para a Capes pelo Grupo Web of Science. [S.l.]: Clarivate Analytics, 2019.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015.

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, p. 13-30, 2001.

CORRÊA, Mariza. Apresentação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 2, p. 03-06, 1994.

COSTA, Albertina de Oliveira. O campo de estudos de gênero e suas duas revistas: uma pauta de pesquisa. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 131-132, jan./abr. 2008.

COSTA, Albertina de Oliveira. Betty Friedan (1921-2006). **Gênero**, Niterói, v. 7, n. 1, p. 17-18, 2006.

COSTA, Albertina de Oliveira. Revista Estudos Feministas: primeira fase, locação Rio de Janeiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. esp., p. 205-210, set./dez. 2004.

COSTA, Albertina de Oliveira; BARROSO, Carmem; SARTI, Cynthia. Pesquisa sobre mulher no Brasil: do limbo ao gheto: *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

COSTA, Mariana Alves. **O feminismo e a pornografia**: o pensamento feminista sobre a pornografia pela Revista de Estudos Feministas e Cadernos Pagu. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e "sororidade" como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). **INTERthesis – Revista Internacional Interdisciplinar**, Florianópolis, v. 6, n. 2, jul./dez., p. 01-29, 2009.

COSTA, Ana Alice de Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacelar. Feminismos, feministas e movimentos sociais. *In*: BRANDÃO, Maria Luiza; BINGEMER, Maria Clara (org.). **Mulher e relações de gênero**. São Paulo: Loyola, 1994.

CRONIN, Blaise. Metatheorizing citation. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 43, n. 1, p. 45-55, 1998.

CRONIN, Blaise. **The citation process**: the role and significance of citations in scientific communication. London: Taylor Graham, 1984.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBERT, Guita Grin. Gênero, História da Antropologia e Construção Institucional: homenagem a Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 54, e185402, 2018.

DIAS, Thiago Magela Rodrigues; MOITA, Gray Farias; DIAS, Patricia Mascarenhas. Um estudo sobre a rede de colaboração científica dos pesquisadores brasileiros com currículos cadastrados na Plataforma Lattes. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 63-86, jan./abr. 2019.

DINIZ, Débora; FOLTRAN, Paula. Gênero e feminismo no Brasil: uma análise da Revista Estudos Feministas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. esp., p. 245- 253, 2004.

DONTHU, Naveen; KUMAR, Satish; PATTNAIK, Debidutta. Forty-five years of Journal of Business Research: a bibliometric analysis. **Journal of Business Research**, [S.l.] v. 109, p. 1-14, 2020.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ECKERT, Cornelia. Trajetória de uma antropóloga com sotaque: entrevista com Claudia Fonseca. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 331-352, jul./dec. 2009.

FACCHINI, Regina. **Cadernos Pagu**: desafios, nossas respostas e novidades. SciELO em perspectiva: humanas, [s.l.], 30 jun. 2017a. Disponível em: <[https://humanas.blog.scielo.org/blog/2017/06/30/cadernos-pagu-desafios-nossas-respostas-e-novidades/#.YOcri0xv\\_IU](https://humanas.blog.scielo.org/blog/2017/06/30/cadernos-pagu-desafios-nossas-respostas-e-novidades/#.YOcri0xv_IU)>. Acesso em: 08 ju. 2021.

FACCHINI, Regina. **Cadernos Pagu**: trajetória e programação para a Semana Especial do Blog SciELO em Perspectivas – Humanas. SciELO em Perspectiva: humanas, [s.l.], 26 jun. 2017b. Disponível em: <[https://humanas.blog.scielo.org/blog/2017/06/26/cadernos-pagu-trajetoria-e-programacao-para-a-semana-especial-do-blog-scielo-em-perspectiva-humanas/#.YOcrwkvxv\\_IU](https://humanas.blog.scielo.org/blog/2017/06/26/cadernos-pagu-trajetoria-e-programacao-para-a-semana-especial-do-blog-scielo-em-perspectiva-humanas/#.YOcrwkvxv_IU)>. Acesso em: 08 ju. 2021.

FAVARETTO, José Eduardo Ricciardi; FRANCISCO, Eduardo de Rezende. Exploração do acervo da RAE – Revista de Administração de Empresas (de 1961 a 2016) à luz da bibliometria, text mining, rede social e geoanálise. **RAE – Revista Administração de Empresas**, São Paulo, v. 57, n. 4, maio/jun. 2017.

FERREIRA, Ana Gabriela Clipes. Bibliometria na avaliação de periódicos científicos. **Data Grama Zero – Revista de Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 11, n. 3, jun. 2010.

FIOCRUZ. **Fundação Oswaldo Cruz**: uma instituição a serviço da vida. Pesquisa e ensino. Rio de Janeiro: Fiocruz, [c2020?].

FORESTI, Nórís Almeida Bethonico. Contribuição das revistas brasileiras de Biblioteconomia e Ciência da Informação enquanto fonte de referência para a pesquisa. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-71, jan./jun. 1990.

FRANCISCO, Eduardo de Rezende. RAE-eletrônica: exploração do acervo à luz da bibliometria, geoanálise e redes sociais. **RAE – Revista Administração de Empresas**, São Paulo, v. 51, n. 3, p. 280-306, maio/jun. 2011.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

FUKAHORI, Mitsuo André Vieira. **As práticas de publicação científica das áreas de Ciência da Informação, Comunicação, Letras e Artes**: as preferências dos bolsistas de produtividade em pesquisa PQ1 e PQ-SR do CNPQ. 2017. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

GALLI, Laura Spritzer. **A teoria feminista na historiografia**: um estudo sobre a produção das historiadoras na revista *Cadernos Pagu* (1993-2012). 2013. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do Feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

GARFIELD, Eugene. Is citation analysis a legitimate evaluation tool? **Scientometrics**, Amsterdam, v. 1, n. 4, p. 359-375, 1979.

GEFUSO, Isabela Garcia; FAUSTINO, Larissa Martins; SCAVONE, Lucila. A questão LGBT nas Revistas *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas*. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNESP, 18., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GLÄNZEL, Wolfgang. **Bibliometrics as a research field**: a course on theory and application of bibliometrics indicators. [S. l.]: [s. n.], 2003.

GLÄNZEL, Wolfgang; LETA, Jacqueline; THIJIS, Bart. Science in Brazil. Part 1: A macro-level comparative study. **Scientometrics**, Dordrecht, v. 67, n. 1, p. 67-86, 2006.

GOMES, Sonia Pedrozo; SANTOS, Maria Aparecida de Lourdes Castro. Avaliação de um periódico na área de Medicina Tropical. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 91-100, maio/ago. 2001.

GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. **Análises relacionais de citação para a identificação de domínios científicos**: uma aplicação no campo dos Estudos Métricos da Informação no Brasil. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

GREGORI, Juciane de. Feminismos e resistência: trajetória da luta política para conquista de direitos. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 30, n. 2, p. 47-68, jul./dez. 2017.

HALBERSTAM, Jack. **On pronouns**. Jack Halberstam, [S.I.], 3 sep. 2012. Disponível em: <<http://www.jackhalberstam.com/on-pronouns/>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

HAMLIN, Cynthia; VANDENBERGHE, Frédéric. Vozes do Sul: entrevista com Raewyn Connell. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 40, p. 345-358, jan./jun. 2013.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil: 1975-1995. In: MICELI, Sérgio (org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**, ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999.

HENRIKSEN, Dorte. The rise in co-authorship in the social sciences (1980-2013). *Scientometrics*. **Dordrecht**, v. 107, n. 2, p. 455-476, 2016.

HILÁRIO, Carla Mara; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Aspectos éticos da coautoria em publicações científicas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 12-36, maio/ago. 2018.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOPPEN, Natascha Helena Franz. Retratos da pesquisa brasileira em estudos de gênero: análise cientométrica da produção científica. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de pós-graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

HOPPEN, Natascha Helena Franz; VANZ, Samile Andréa de Souza. What are gender studies: characterization of scientific output self-named gender studies in a multidisciplinary and internacional database. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 25, p. 01-30, 2020.

HOPPEN, Natascha Helena Franz *et al.* Distribuição geográfica da produção e colaboração científica brasileira nas Ciências Biomédicas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, ed. esp. 5 EBBC, p. 50-73, 2017.

JESUS, Milena Santos de; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. A abordagem conferida ao sexo e gênero nas distintas ondas feministas. **Revista Café com Sociologia**, Maceió, v. 3, n. 3, p. 42-62, 2014.

KATZ, J. Sylvan; MARTIN, Ben. What is research collaboration? **Research Policy**, [S.I.], v. 26, n. 1, p. 01-18, feb. 1995.

KETZER, Patrícia. Como pensar uma Epistemologia Feminista? Surgimento, repercussões e problematizações. **Argumentos**, Fortaleza, ano 9, n. 18, p. 95-106, jul./dez. 2017.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Indexação e resumos: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos, 1993.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do Gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEITE, Paula; MUGNAINI, Rogério; LETA, Jacqueline. A new indicator for international visibility: exploring Brazilian scientific community. **Scientometrics**, Dordrecht, v. 88, 2011.

LE MOS, Fernanda. Entrevista com Joan Scott. **Mandrágora**, São Paulo, v. 19, n. 19, p. 161-164, 2013.

LETA, Jacqueline. Indicadores de desempenho, ciência brasileira e a cobertura de bases informacionais. **Revista USP**, São Paulo, n. 89, p. 62-77, mar./maio 2011.

LETA, Jaqueline; GLÄNZEL, Wolfgang; THIJIS, Bart. Science in Brazil. Part 2: sectorial and institutional research profiles. **Scientometrics**, Dordrecht, v. 67, n. 1, p. 87-105, 2006.

LI, Jiang; LI, Yueting. Patterns and evolution of coauthorship in China's humanities and social sciences. **Scientometrics**, Dordrecht, v. 102, n. 3, p. 1997-2010, 2015.

LIBERATORE, Gustavo; HERRERO-SOLANA, Victor; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Análise bibliométrica do periódico brasileiro Ciência da Informação durante o período 2000-2004. **Brasilia Journal of Information Science**, Marília, v. 1, n. 2, p. 3-21, jul./dez. 2007.

LOBO, Jade Alcântara. A crítica feminista de Marilyn Strathern à Antropologia em Papua-Nova Guiné. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 6, n. 1, p. 51-68, jan./mar. 2020.

LOPES, Maria Margaret; PISCITELLI, Adriana. Revistas científicas e a constituição do campo de estudos de gênero: um olhar desde as "margens". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. esp., p. 115-121, set./out. 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul./dez. 1995.

LUZ, Mariana Pires da *et al.* Jornal Brasileiro de Psiquiatria: um estudo bibliométrico dos artigos publicados de 1995 a 2004. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1, p. 29-32, 2007.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Fulvia Rosemberg: memórias a partir do lugar do afeto. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 905-911, set./dez. 2014.

MACHADO, Lia Zanotta; PASTANA, Debora Regina; SOUZA, Márcio Ferreira de. Entrevista de Lia Zanotta Machado. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 33, n. 1, p. 10-54, jan./jun. 2020.

MACIAS-CHAPULA, Cesar A. O papel da infometria e da cientometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, 1998.

MARICATO, João de Melo. Procedimentos metodológicos em estudos bibliométricos e cientométricos: opções e reflexões no contexto dos processos de recuperação e organização da informação. *In*: COSTA, R. L. M. **Estudos contemporâneos em comunicação e artes**: melhores teses e dissertações da ECA/USP 2010. São Paulo: USP, 2011.

MARTINS, Carlos Benedito. A contemporaneidade de Erving Goffman no contexto das Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 77, p. 231-240, out. 2011.

MATOS, Gislaine Imaculada de. **Estudos de gênero e feminismos**: uma análise bibliométrica da Revista Estudos Feministas. 2018. 69 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2018.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MEDEIROS, Thaís Dias. Cadernos Pagu e suas referências: estudo introdutório de citações. *In*: SEMINÁRIO DISCENTE DO PPGCOM/UFRGS, 4., 2019, Porto Alegre. **Anais[...]** Porto Alegre: UFRGS, 2019a. (no prelo)

MEDEIROS, Thaís Dias. Estudo de citações da Revista Estudos Feministas: análise introdutória. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, 4., 2019, Recife. **Anais[...]** Recife: Realize, 2019b.

MEDEIROS, Thaís Dias. **A produção científica sobre estudos de gênero no Repositório Digital da UFRGS**: um estudo bibliométrico. 2018. 90 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Departamento de Ciências da Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MELLO, Marli Duarte de. Educação das Relações de Gênero e Sexualidade: pressupostos de uma práxia com as/os professoras/professores do Colégio Estadual Rui Barbosa. **Cadernos PDE**: os desafios da escola pública paranaense da perspectiva do professor PDE: Artigos, Paraná, v.1, 2014.

MENA-CHALCO, Jesús Pascual *et al.* Brazilian bibliometric coauthorship networks. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, Haboken, v. 65, n. 7, 2014

MEYER, Dagmar E. Estermann. Postura investigativa no ensino superior. In: CAPACITAÇÃO PARA PROFESSORES E TUTORES: POSTURA INVESTIGATIVA NO ENSINO SUPERIOR, 31 jul. 2013, São Leopoldo, RS. **Postura investigativa no Ensino Superior**. São Leopoldo, RS: Unissinos, 2013. Disponível em: <<http://unissinos.br/blogs/formacao-docente/files/2013/08/DAGMAR-Postura-investigativa-no-Ensino-Superior.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

MINELLA, Luzinete Simões. Maria Cristina Aranha Bruschini: uma trajetória brilhante. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 289-290, jan./abr. 2012.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MISSE, Michel *et al.* Entre palavras e vida: um pensamento de encontro com margens, violências e sofrimento – Entrevista com Veena Das. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 335-356, abr./jun. 2012.

MORAES, Maria Lygia Quartm de. Os feminismos de Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 54, 2018.

MORAES, Rafael Ratto de *et al.* A bibliometric analysis of articles published in Brazilian Dental Journal over 30 years. **Brazilian Dental Journal**, Ribeirão Preto, v. 31, n. 1, p. 10-18, 2020.

MOREIRA, Susana Maria. Apresentação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 6, 1995.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Métricas para a ciência e tecnologia e o financiamento da pesquisa: algumas reflexões. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 24-35, 2008.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A publicação da ciência: áreas científicas e seus canais preferenciais. **Data Grama Zero**, João Pessoa, v. 6, n. 1, fev. 2005.

MUGNAINI, Rogério. **Caminhos para adequação da avaliação da produção científica brasileira**: impacto nacional versus internacional. 2006. 253 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MUGNAINI; Rogério; JANNUZZI, Paulo de Martino; QUONIAM, Luc. Indicadores bibliométricos da produção científica brasileira: uma análise a partir da base Pascal. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 123-131, maio/ago. 2004.

MUGNAINI, Rogério; POBLACIÓN, Dinah A. M. A. Impacto de documentos citados em Revistas Científicas Brasileiras de diferentes áreas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: ENANCIB, 2007.

NARVAZ, Martha Giudice. **A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política.** 2009. 304 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectiva crítica na psicologia social.** Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2001.

NORONHA, Daisy Pires; FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Índices de citação. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

NORONHA, Daisy Pires; MARICATO, João de Melo. Estudos métricos da informação: primeiras aproximações. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 116-128, 2008.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO PAGU. **Cadernos Pagu.** Campinas: Unicamp, c2013. Disponível em: <<https://www.pagu.unicamp.br/pt-br/cadernos-pagu>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

OLIVEIRA, Janaira de; CASAGRANDE, Natalia; JARDIM, Maria A. Chaves. Homenagem: Mary Douglas (1921-2007). **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 4, n. 2, jan./jul. 2012.

OLIVEIRA, João Ferreira de; AMARAL, Nelson Cardoso. A produção do conhecimento no Brasil e no mundo: financiamento e políticas de ciência, tecnologia e inovação em debate. *In*: LEITE, Denise; LIMA, Elizeth Gonzaga dos Santos Lima (Org.). **Conhecimento, avaliação e redes de colaboração: produção e produtividade na universidade.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

OLIVEIRA, Juliana Prestes de; OLIVEIRA, Amanda L. Jacobsen de; ALÓS, Anselmo Peres. A construção do sexo e do gênero. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 32, n. 1, p. 492-497, jan./jun. 2019.

OLIVEIRA, Maria do Remedio de Carvalho; RIBEIRO, Henrique César Melo. Um estudo bibliométrico na Revista Brasileira de Contabilidade (RBC) de 2007 a 2011. **GeCont: Revista de Gestão e Contabilidade da UFPI**, Floriano, v. 2, n. 1, p. 77-95, jan./jun. 2015.

PACKER, Abel L. Os periódicos brasileiros e a comunicação da pesquisa nacional. **Revista USP**, São Paulo, n. 89, p. 26-61, mar./maio 2011.

PACKER, Abel; MENECHINI, Rogério. Articles with authors affiliated to Brazilian institutions published from 1994 to 2003 with 100 or more citation: I – the weight of international collaboration and the role of the networks. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 78, n. 4, p. 841-853, 2006.

PEDRO, Joana Maria. Um diálogo sobre mulheres e história: 1. Michelle Perrot: a grande mestra da História das Mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 509-512, jul./dez. 2003.

PEREIRA, Luciana. Generalizando o gênero e pensando sua articulação com a prostituição. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 12., 2005, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2005.

PINHEIRO, Liliane Vieira; SILVA, Edna Lúcia da. As redes cognitivas na ciência da informação brasileira. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 38-50, 2009.

PINTO, Céli Regina Jardim. O feminismo bem-comportado de Heleieth Saffioti (presença do marxismo). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 321-333, jan./abr., 2014.

PITANGUY, Jacqueline. A carta das mulheres brasileiras aos constituintes: memória para o futuro. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

PISCITELLI, Adriana. Comentário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 19, p. 55-58, 2002.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 8/9, p. 5-6, 1997.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 1, p. 5-6, jan. 1993.

PISCITELLI, Adriana; BELELI, Iara; LOPES, Maria Margaret. Cadernos Pagu: contribuindo para a consolidação de um campo de estudos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 242-246, jan./jun. 2003.

PLATAFORMA SUCUPIRA. **Qualis**. Brasília: Capes, c2016. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

PRETO, Zuleica; LAGO, Mara C. de S. Reflexões sobre infância e gênero a partir das publicações em revistas feministas brasileiras. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 56-71, jan./jul. 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, Ana Regina Gomes dos. **Do segundo sexo à segunda onda: discursos feministas sobre a maternidade**. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos

Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

RIBEIRO, Tamires Almeida; FRANÇA, Fabiane Freire. Simone de Beauvoir e o movimento feminista: contribuições à Educação. *In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS*, 3., 2014, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2014.

RODRIGUES, Carla. Diferença sexual, direitos e identidade: um debate a partir do pensamento da desconstrução. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 34, p. 209-233, 2010.

ROMANCINI, Richard. O que é uma citação? A análise de citações na ciência. *In Texto*, Porto Alegre, v. 2, n. 23, p. 20-35, jul./set. 2010.

ROSTAING, Hervé. **La bibliométrie et ses techniques**. Toulouse: Sciences de la Société, 1996.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SANCHO, Rosa. Indicadores bibliometricos utilizados en la evaluación de la Ciencia y la Tecnologia: revision bibliográfica. **Revista Española de Documentación Científica**, Madrid, v. 13, n. 13-14, p. 842-865, 1990.

SANTIAGO, Márcio Sales; KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia a serviço da informação: rede de palavras-chave para artigos de divulgação científica da Medicina. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 7, n. 3, p. 237-242, set./dez. 2009.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Indicadores estratégicos em ciência e tecnologia: refletindo a sua prática como dispositivo de inclusão/exclusão. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. esp., p. 129-140, set./dez. 2003.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; CABALLERO RIVERO, Alejandro; SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy. Práticas de publicação e avaliação em Ciências Sociais e Humanidades: contradições e desafios. **P2P & Inovação**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 18-34, set./fev., 2018.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Fúlvia Rosemberg: uma história de dedicação em prol da infância, dos negros e das mulheres. **Pensar a Educação em Pauta**: um jornal para a educação brasileira, Minas Gerais, 19 set. 2014. Disponível em: <<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/fulvia-rosemberg-uma-historia-de-dedicacao-em-prol-da-infancia-dos-negros-e-das-mulheres-2/>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

SANTOS, Solange Maria dos. **Perfil dos periódicos científicos de Ciências Sociais e de Humanidades**: mapeamento das características extrínsecas. 2010. 175. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero e feministas: um campo científico? *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 31., 2007, Caxambu. **Anais [...]** Caxambu: ANPOCS, 2007.

SCHUCK, Elena de Oliveira. Conhecimento e espaços de poderes: trajetórias da pesquisa acadêmica feminista no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 30-43, 2018.

SCIELO. **Cadernos Pagu**. São Paulo, 31 jan. 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=0104-8333&lng=en&nrm=iso/](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-8333&lng=en&nrm=iso/)>. Acesso em: 07 maio 2020.

SCIELO Social Sciences English Edition. **Sobre este site**. SciELO, São Paulo, [200-?]. Disponível em: <<http://socialsciences.scielo.org/?lng=pt>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SIDONE, Otávio José Guerci; HADDAD, Eduardo Amaral; MENA-CHALCO, Jesús Pascual. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. **Transinformação**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 15-31, jan./abr., 2016.

SILVA, Ariana Mara da. Gênero versus mulheres versus mulher: as ondas do feminismo no Cone Sul e a construção historiográfica da história das mulheres. *In: COLOQUIO NACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNERO E HISTÓRIA*, 2., 2013, Guarapuava. **Anais...** Guarapuava: LHAG, 2013.

SILVA, Bianca Dantas Gomes da *et al.* Mulheres negras nas revistas acadêmicas feministas. *In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNESP*, 18., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP, 2016.

SILVA, Márcia Regina da. **Configuração do campo da educação no Brasil**: estudo bibliométrico da Revista Brasileira de Educação e da Revista Brasileira de História da Educação. 2008. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. As referências nos estudos de citação: algumas questões para discussão. **Data Grama Zero - Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, ago. 2009.

SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da; CAREGNATO, Sônia Elisa. Percurso histórico-epistemológico dos estudos de citação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 39-55, jan./abr. 2017.

SOBERÓN, Ariana Fantoni. **Cadernos Pagu**: pensando gênero e ciência. 2016. 145 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 97-117, set./dez. 2000.

SORJ, Bila. Dois olhares sobre Heleieth Saffioti: o feminismo adentra a academia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 156-158, 1995.

SPINAK, Ernesto. Indicadores cientométricos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 141-148, maio/ago. 1998.

TAKARA, Samilo; LESSA, Patrícia. Textos, tessituras e filamentos: as escritoras de si. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 384-387, jan./abr. 2014.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. (Coleção tudo é história 145).

TORRES, Lilian de Lucca. Entrevista com Guita Grin Debert. **Ponto Urbe**: revista do núcleo de antropologia urbana da USP, São Paulo, n. 8, 2011.

TRZESNIAK, Piotr. A questão do livre acesso aos artigos publicados em periódicos científicos. **Em Aberto**, Brasília, v. 87, n. 25, jan./jun. 2012.

UNICAMP. **Sistema de Bibliotecas**. Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos. Cadernos Pagu. Campinas, [2020?]. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/index>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS AMHERSTS. College of Social & Behavioral Sciences. Department of Political Science. **Faculty**. Sonia. E. Alvarez. University of Massachusetts, c2021. Disponível em: <<https://polsci.umass.edu/people/faculty>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

VALLE, Ione Riberiro. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 117-134, jan./abr. 2007.

VANZ, Samile Andréa de Souza. **As redes de colaboração científica no Brasil: (2005-2006)**. 2009. 204 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VANZ, Samile Andréa de Souza. **A produção discente em comunicação: análise das citações das dissertações defendidas nos programas de pós-graduação do Rio Grande do Sul**. 2004. 143 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

VANZ, Samile Andréa de Souza; CAREGNATO, Sônia Elisa. Estudo de citação: uma ferramenta para entender a comunicação científica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 295-307, 2003.

VANZ, Samile Andréa de Souza; STUMPF, Ida Regina Chittó. Colaboração científica: revisão histórico conceitual. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 42-55, maio/ago. 2010.

VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p. 63-84, 1994.

VIEIRA, Ana Sara *et al.* Faces de Eva: uma análise bibliométrica. **Faces de Eva: estudos sobre a mulher**, Lisboa, n. 36, dez. 2016.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar dos Tempos, 2019.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate**. 2007. 211 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

ZUCCO, Maise Caroline. Argentina e Brasil: viagens nas páginas dos periódicos (1980-1990). *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]** Florianópolis: UFSC, 2013.

## APÊNDICE A – Instituições internacionais com artigos publicados no *Cadernos Pagu*

**Tabela 22** – 119 instituições internacionais, número de artigos e país dos artigos publicados no periódico *Cadernos Pagu* entre 1993 e 2019

	Instituição	Número de artigos	% sobre o total de artigos	País
1 <sup>a</sup>	Universidad de Buenos Aires	30	4,1	Argentina
2 <sup>a</sup>	University of California	16	2,2	Estados Unidos
3 <sup>a</sup>	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas	10	1,4	Argentina
4 <sup>a</sup>	Université de Paris	8	1,1	França
5 <sup>a</sup>	Instituto Universitário de Lisboa	6	0,8	Portugal
6 <sup>a</sup>	Universidad Nacional Autónoma de México	5	0,7	México
7 <sup>a</sup>	Universidad Nacional de Córdoba	5	0,7	Argentina
8 <sup>a</sup>	Universidade Nova de Lisboa	5	0,7	Portugal
9 <sup>a</sup>	Columbia University	4	0,5	Estados Unidos
10 <sup>a</sup>	Universidad Complutense de Madrid	4	0,5	Espanha
	Princeton University	4	0,5	Estados Unidos
	University of the Witwatersrand	4	0,5	África do Sul
	University of London	4	0,5	Reino Unido
	York University	4	0,5	Canadá
	National Centre of Scientific Research	3	0,4	França
	Universidad Nacional de Colombia	3	0,4	Colombia
	Universidad Nacional de Mar del Plata	3	0,4	Argentina
	Universidade de Lisboa	3	0,4	Portugal
	Roskilde University	3	0,4	Dinamarca
	Brown University	2	0,3	Estados Unidos
	Centro de Estudios de la Mujer	2	0,3	Chile
	École Hautes Études Sciences Sociales, EHESS	2	0,3	França
	Escuela Militar de Cadetes “General José María Córdova”	2	0,3	Colombia
	Johns Hopkins University	2	0,3	Estados Unidos
	Organización Internacional Trabajo	2	0,3	*
	Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais	2	0,3	Argentina
	Southern Methodist University	2	0,3	Estados Unidos
	The New School of Social Research	2	0,3	Estados Unidos
	Universidad de la República	2	0,3	Uruguay
	Universidad de la Sabana	2	0,3	Colombia
	Universidade la Coruña	2	0,3	Espanha
	University of Amsterdam	2	0,3	Holanda
	Universitat de Barcelona	2	0,3	Espanha
	University of Cambridge	2	0,3	Inglaterra
	Universidade de Coimbra	2	0,3	Portugal
	Universidade de Évora	2	0,3	Portugal
	Universidade de Manchester	2	0,3	Inglaterra
	Universidade do Minho	2	0,3	Portugal
	Université Mohammed V-Souissi	2	0,3	Marrocos
	University of Wisconsin	2	0,3	Estados Unidos

Leadership Féminin pour l'Egalité	1	0,1	França
Université de Montréal	1	0,1	Canada
Universidade Aberta	1	0,1	Portugal
City University of New York	1	0,1	Estados Unidos
Independent Accountability Panel (IAP)	1	0,1	*
Conservatoire National des Arts Metiers	1	0,1	França
Smithsonian Institution	1	0,1	Estados Unidos
Ecole Normale Supérieure de Saint-Cloud	1	0,1	França
Escola Superior de Educação Almeida Garrett	1	0,1	Portugal
University of Illinois	1	0,1	Estados Unidos
Freie Universität Berlin	1	0,1	Alemanha
Groupe de Recherche et de Réalisation pour le Développement du Tiers-Monde (GRDR)	1	0,1	França
Hampshire College	1	0,1	Estados Unidos
Institut National de laSante et la Recherche Medicale	1	0,1	França
Institut National d'Etudes Démographiques	1	0,1	França
LICIT	1	0,1	Espanha
Massachusetts Institute of Technology	1	0,1	Estados Unidos
New York University	1	0,1	Estados Unidos
Occidental College	1	0,1	Estados Unidos
Red Mexicana de Ciencia, Tecnología y Género	1	0,1	México
William Marsh Rice University	1	0,1	Estados Unidos
Rutgers University	1	0,1	Estados Unidos
Stanford University	1	0,1	Estados Unidos
The Evergreen State College	1	0,1	Estados Unidos
Universidad Academia de Humanismo Cristiano	1	0,1	Chile
Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo	1	0,1	México
Universidad Autonoma Metropolitana	1	0,1	México
Universidad de Costa Rica	1	0,1	Costa Rica
Universidad de Granada	1	0,1	Espanha
Harvard University	1	0,1	Estados Unidos
Universidad de Santiago de Chile	1	0,1	Chile
Universidad de Sevilla	1	0,1	Espanha
Universidad del Rosario	1	0,1	Colombia
Universidad Ibn Tofail	1	0,1	Marrocos
Universidad Icesi	1	0,1	Colombia
Universidad Mohammed V-Agdal	1	0,1	Marrocos
Universidad Nacional de Educación a Distancia	1	0,1	Espanha
Universidad Nacional de La Plata	1	0,1	Argentina
Universidad Nacional de Misiones	1	0,1	Argentina
Universidad Nacional de Quilmes	1	0,1	Argentina
Universidade Aalborg	1	0,1	Dinamarca
Universitat Autònoma de Barcelona	1	0,1	Espanha
Universidade Cadi Ayyad	1	0,1	Marrocos
University of Flórida	1	0,1	Estados Unidos
Universidade de Cabo Verde	1	0,1	Cabo Verde

The University of Chicago	1	0,1	Estados Unidos
Duke University	1	0,1	Estados Unidos
Universidade de Fez	1	0,1	Marrocos
University of Helsinki	1	0,1	Finlândia
The University of Liverpool	1	0,1	Inglaterra
University of Maryland	1	0,1	Estados Unidos
University of Michigan	1	0,1	Estados Unidos
Università degli Studi di Milano	1	0,1	Itália
Millersville University	1	0,1	Estados Unidos
University of Pretoria	1	0,1	África do Sul
The University of Sydney	1	0,1	Austrália
University of Toronto	1	0,1	Canadá
Università degli Studi di Urbino Carlo Bo	1	0,1	Itália
University of Victoria	1	0,1	Canadá
The University of Texas	1	0,1	Estados Unidos
Universidade Eduardo Mondlane	1	0,1	Moçambique
Loughborough University	1	0,1	Inglaterra
Universidad Nacional Autónoma de México	1	0,1	México
Universidad Nacional de Colombia	1	0,1	Colômbia
Universitat Pompeu Fabra	1	0,1	Espanha
Université de Toulouse 2	1	0,1	França
Université Laval	1	0,1	Canadá
Université Sidi Mohamed Ben Abdellah	1	0,1	Marrocos
University Cape Town	1	0,1	África do Sul
University of Aberdeen	1	0,1	Reino Unido
University of Delaware	1	0,1	Estados Unidos
University of Iowa	1	0,1	Estados Unidos
University of Leeds	1	0,1	Reino Unido
University of Massachusetts	1	0,1	Estados Unidos
University of Minnesota	1	0,1	Estados Unidos
University of South Carolina	1	0,1	Estados Unidos
University of South Wales	1	0,1	Austrália
University of Washington	1	0,1	Estados Unidos
Yale University	1	0,1	Estados Unidos

\*Insituições com sede em mais de um país. Fonte: Dados da pesquisa.